

A PRIMEIRA Regra é Ser

A Escola da Ponte sob múltiplos olhares

Os educadores, as famílias, os alunos e uma escola pública

**José Pacheco
Maria de Fátima Pacheco
(org.)**

Prefácio

*Era uma vez uma floresta, onde viviam muitos animais. Certo dia, houve um incêndio e todos os animais se puseram em fuga, procurando salvar-se das chamas. Somente um beija-flor teve um comportamento diferente. Voava até ao lago, apanhava algumas gotas de água e deitava-as no incêndio. Um outro animal, intrigado, interrompeu a sua fuga e perguntou:
- Beija flor, acreditas que vais apagar o incêndio, dessa forma?!
- Não, claro que não – respondeu o beija-flor – mas estou a fazer a minha parte.*
Fábula do Beija-Flor
(autor desconhecido)

Quando, pela primeira vez, surgiu o convite para participarmos numa formação *online*, com professores do Brasil sobre o projeto “Fazer a Ponte”, levantaram-se inúmeras questões, no Conselho de Projeto: umas do foro técnico/operativo; outras relacionadas com a nossa própria capacidade de resposta perante a exigência e responsabilidade que esta atuação implicaria, outras ainda referentes à exposição pública da nossa escola. Contudo, tranquilizados e motivados pelo José Pacheco, encetamos este elo educacional, através da organização de pequenos grupos cooperativos. Voluntariamente, formaram-se grupos diversos, para dar resposta às temáticas em discussão, afinando-se, igualmente, algumas estratégias comuns para uma participação ativa, solidária, responsável, dinâmica, integradora e reveladora da nossa *praxis* diária, isto é, que traduzisse o *modus operandi* de um projeto educativo com quase quatro décadas de existência.

À medida que o primeiro curso conhecia, no seu prelúdio, contornos dialogais, percebemos que se promoveria de modo natural e, concomitantemente, inspirador, o desenvolvimento de uma reflexão individual e coletiva, na busca de um conhecimento mais aprofundado e do aprimoramento da ação educativa. Esta nova prática discursiva, inicialmente inusitada e causadora de alguns receios, acabou por se revelar um elemento catalisador de uma progressiva reestruturação do conhecimento que cada um detinha acerca do

projeto “Fazer a Ponte”, do nosso lado do mundo, bem como do outro. Na complexidade das questões, no modo como nos confrontavam e nos faziam refletir sobre as nossas práticas, na interação positiva de quem quer fazer melhor, percebemos que a aprendizagem era o denominador comum.

- Poderiam citar educadores, psicólogos, ou estudiosos da cognição, que estejam trabalhando atualmente e que vocês reconhecem como valorosos para ajudá-los no processo de Fazer a Ponte? (...) - Como ocorre a validação do currículo objetivo pelo currículo subjetivo? (...)

A cada dia, fervilhavam os comentários, entre nós e, conseqüentemente, estreitava-se a colaboração por terras lusitanas: *Ainda bem que completaste a minha resposta...* Ou, então: *Aquela questão sobre Humberto Maturana e a teoria da complexidade era mesmo difícil, mas, com a abordagem do Zé, consegui entender o enquadramento da pergunta.* Com o decorrer do tempo, um maior conforto e, *quicá*, “atrevimento”, foram despontando para respondermos aos desafios que, ao longo dos cursos, surgiam.

Não obstante o antedito e apesar de a tecnologia operar, hodiernamente, milagres na comunicação, a distância impedia-nos de perceber o verdadeiro impacto das nossas intervenções junto dos participantes nos cursos. Imaginávamos que as suas reações não fossem análogas: *Que sentimentos, efetivamente, suscitariam as nossas respostas? Como reagem estes professores a uma realidade tão díspar da sua e, segundo alguns, uma realidade tantas vezes sonhada ou, de acordo com outros, às vezes, questionada? O que aconteceria a quem se veio a apaixonar pela Ponte? Por que razão alguns duvidam da existência deste projeto, e faziam, por vezes, uso de uma crítica tão pouco construtiva?*

Felizmente, o saber ouvir o outro, no respeito por ele, é um dos nossos mais caros princípios. Procuramos nunca retorquir de modo acre e, no respeito pelo projeto que abraçamos, enformar todas as respostas no quadro de valores que defendemos, e explicar com minúcia e verdade o dia a dia do projeto.

Curiosamente, após o primeiro curso, tal como sucedera depois da visita de Rubem Alves, dá-se início a um novo ciclo de visitantes, investigadores e estagiários (de curto, médio e longo prazo), que se mantém até aos nossos dias. Ao longo dos anos, uma verdadeira *massa humana* (na classe dos milhares) acorreu à Escola da Ponte, na maior parte das vezes, revelando

vívida emoção, o que nos deixa, por um lado, perplexos e orgulhosos, mas, por outro, inquietos e angustiados, dada a incomensurável responsabilidade de se *viver*, com propriedade, este projeto.

Somos, por vezes, apelidados de *utópicos*, porque acreditamos que é possível “Fazer a Ponte”, num projeto pelo qual somos, continuamente, seduzidos/cativados. Apesar de compreendermos o epíteto relativo à utopia, sabemos, acima de tudo, que é possível uma intervenção diferente em educação, porque o fazemos diariamente, cooperativamente, solidariamente, fraternamente. Advogamos que “Pelo sonho é que vamos” (do Sebastião da Gama).

Para concluir, não poderíamos deixar de referir que, através do *Aquifolium*, encontramos *outros tantos como nós*, que, numa vontade partilhada, crêem *que a educação é muito mais que ensinar* (Paulo Freire). Remetendo, agora, para a fábula inicial, consideramos que os cursos que, ao longo dos anos, se foram desenvolvendo representaram *a nossa parte na tentativa de apagar o incêndio comum*. Foram como que como um cântico, ou doce melodia, para todos nos encantarmos com a possibilidade de promovermos uma forma diferente de se aprender... aprender consigo... aprender com os outros... e ter um amigo... também é aprender... (cf. Hino da Escola da Ponte).

A Equipe da Escola da Ponte

Muitos cursos foram feitos sobre o projeto “Fazer a Ponte” e muitos foram os educadores que se prontificaram a dar resposta à curiosidade, partilhando saberes. Decidimos dar a conhecer esses diálogos. Muitos dos depoimentos evidenciam contrastes, porque são múltiplos os olhares: de professores da Escola da Ponte; de ex-professores; de professores brasileiros, que visitaram a Ponte; de doutorandos e mestrandos, que fizeram o seu trabalho de recolha de dados na Ponte; de ex-alunos; de pais de alunos; de amigos. Algumas perguntas são mais extensas do que as respostas que lhes correspondem. Outras perguntas são tão ricas de conteúdo, que já contêm as respostas.

Alguns comentários estão redigidos em “código restrito”, enquanto outros refletem o nosso linguajar pedagógico. Os seus autores viveram o cotidiano da nossa escola em algum momento. E esse exercício suscitou-lhes momentos de reflexão. Em livros, trabalhos académicos e nas inúmeras palestras, proferidas sobre a Ponte por esse mundo afora, esses autores permanecem anônimos. E anônimos permanecerão, porque os projetos humanos não são fruto de um esforço individual, produto de um ser providencial, mas obra de pessoas fraternas, animadas por um propósito comum. Um projeto humano é sempre empreendimento de muitas mãos. Daí que o autor desta obra seja um coletivo. A nossa tarefa foi apenas a de organizar algo que andava disperso.

Ao organizar este trabalho, prevaleceu a intenção de dar a palavra a todos aqueles que, ao longo dos (quase quarenta) anos, contribuíram para transformar um sonho em realidade, no discreto labor de um trabalho de equipe. Pretendemos dar voz àqueles que viveram, vivem e sofrem a Ponte, dizer que a Escola da Ponte existiu, independentemente do que o futuro lhe reserve, existe, é tempo e lugar de encontros e desencontros. Esta poderia ser a resposta para a última das perguntas, de entre as que nos foram dirigidas: “Quais os sonhos sonhados por vocês para o futuro da Escola da Ponte? O que falta realizar?”

O projeto da Ponte é a vida a recomeçar em cada dia, em cada gesto.

Fátima Pacheco

José Pacheco

Para poder estimular alunos a qualquer atividade proposta, é necessário, antes, estabelecer vínculos entre temas, projetos, novos conteúdos e os conhecimentos prévios? Quais interesses, motivações, comportamento, habilidades, devem construir o ponto de partida, para conseguir incentivar os alunos? Qual a atitude a ser tomada pelo professor, caso haja descaso ou desinteresse (se é que isso acontece), ao trabalho ou projeto escolhido pelo grupo de alunos? A saída para tal descaso ou desinteresse poderia partir de alguma necessidade, das idéias dos próprios educandos e, a partir daí, potencializar as condições que lhes permitam revisar a fundo as idéias e ampliar as experiências com outras novas?

Professor:

A característica sistêmica de qualquer processo de aprendizagem pressupõe que o orientador educativo (deixai-me usar o léxico pontista...) permita ao aluno o re-ligare essencial, antes e durante o processo.

Em algumas áreas, que requerem seqüencialidade, é indispensável que o Orientador Educativo alerte o aluno para a necessidade de se munir de requisitos prévios, se o aluno revelar não os possuir.

Suponho que se refere aos interesses, motivações, comportamento, habilidades dos Orientadores Educativos. Para conseguirem incentivar os alunos, estes devem deter um conjunto de competências (algumas delas estão enunciadas no perfil do Orientador Educativo), que passa: pela capacidade de gerir o imprevisível; de não dar resposta, mas estimular pesquisa; de fomentar o trabalho de grupo; de apoiar o aluno no exercício do senso crítico, que lhe permita selecionar informação pertinente, trabalhá-la e comunicá-la de modo inteligível; de acompanhar situações de auto-avaliação etc.

O Orientador Educativo não é algo descartável, é um adulto investido do estatuto de educador e, quando verifica haver "descaso", tem por função reorientar, responsabilizar, exigir. É claro que, em alguns casos, justificar-se-á modificar ou suspender projetos, avaliando-os e integrando neles novas experiências.

Efetivamente, uma das primeiras tarefas, a primeira das tarefas será assegurar que os papéis do Orientador Educativo estão devidamente explicitados e assumidos.

No Projeto Educativo da Escola da Ponte existem apenas algumas pistas da visão de ser humano (aluno) que alicerçam os princípios... Na Ponte, todos os professores possuem a mesma visão de aluno (ser humano)?

Professora:

Os alunos da Ponte são crianças, pré-adolescentes e jovens como todos os outros, com todas as inseguranças, características e suas virtudes. Apenas acreditamos que cada um é um ser único com potencialidades e características que deveremos respeitar e potenciar no sentido individual e no coletivo.

Qualquer projeto educativo de escola é um ato coletivo onde todos (pais, alunos, professores...) terão que participar e intervir. Cada um é incentivado a participar solidariamente num projeto educativo que se pretende comum. Isto só se conseguirá se os alunos tiverem voz ativa na elaboração e decisão de toda a organização, gestão e funcionamento da escola e ainda participarem na construção do seu processo de aprendizagem/formação pessoal.

Consideramos que o envolvimento dos alunos nos processos de tomada de decisões, constitui um vetor fundamental na construção de cidadãos ativos e participativos e, por isso, eles participam também na construção, reflexão e decisão dos diferentes dispositivos pedagógicos que operacionalizam o projeto, para que vivam o exercício diário da participação, da liberdade e da responsabilidade. Assim, todos têm a oportunidade de propor, negociar, decidir, refletir, planejar e organizar, na procura do equilíbrio entre o individual e o coletivo.

Os alunos da Ponte são encarados como pessoas que, envolvidas numa estrutura que potencia a aprendizagem ativa, aprendem a ver os outros como pessoas ao mesmo tempo que adquirem as competências essenciais previstas no currículo nacional. O domínio cognitivo não é independente do domínio dos afetos, da emoção.

Os princípios pelos quais a Ponte se orienta têm como principal finalidade, formar cidadãos democráticos, críticos, participativos, cidadãos sensíveis, fraternos e tolerantes.

Espero ter ajudado a entender como olhamos para os nossos alunos.

Professora:

Na Escola da Ponte (e tal como é citado no Projeto Educativo), o aluno é encarado por todos como único e irrepetível e, por isso, os orientadores educativos têm consciência de que a experiência de escolarização e o trajeto de desenvolvimento de cada aluno são também únicos e irrepetíveis.

Na realidade, cada aluno tem a sua cultura e experiência de vida própria que devem ser valorizadas ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem (no fundo, ao longo de toda a vida). Nas práticas da nossa escola, tenta-se que o aluno tenha um papel ativo no ato de aprender, visto que a aprendizagem por descoberta (tal como defende Bruner) apresenta várias vantagens: o aumento do potencial intelectual; a mudança de uma motivação extrínseca para a intrínseca, dado que a criança é colocada perante a necessidade de resolver conflitos cognitivos estruturantes; a participação do aluno na construção do saber; melhorias na conservação da memória e recuperação do que está memorizado...

É um fato que ninguém gosta de ser obrigado a fazer qualquer trabalho. As obrigações implicam ordens e a ordem, sob a forma autoritária suscita, muitas vezes, uma oposição de quem a sofre. Cabe-nos procurar uma pedagogia que permita que os alunos escolham quase sempre a direção por onde devem ir.

Valorizamos no aluno o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, para que seja respeitador dos outros e das suas idéias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões. Valorizamos também a formação de cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva. No fundo, procuramos a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária.

Acima de tudo, na Ponte, tentamos que todos os alunos, como seres humanos, tenham a consciência da escolha e a escolha da consciência. Em coerência com aquilo que escreveu o idealizador do projeto: "Educar é fornecer os meios

e acompanhar processos de desenvolvimento. Na Escola da Ponte, o currículo escolar é entendido como um conjunto de situações e atividades que vão surgindo e que os alunos e professores reelaboram conjuntamente. É feliz a criança a quem se permite satisfazer a liberdade de ação num ambiente de segurança, confiança e apoio criado pela presença dos educadores. Porém, a liberdade permitida a cada criança é concebida na proporção do que ela é capaz de utilizar".

“Ainda temos muita coisa para afinar, como equipe.”

Entendo que o grande problema de hoje em dia está na motivação do próprio professor, por diversos motivos, mas o mais preocupante, a meu ver, está na falta de amor e paixão pela Educação. Vemos em sala de aula, professores (alguns nem o são) que entram pra fazer seu papel apenas profissional (e muito mal feito) e deixam de lado a emoção que um educador deve ter... A maneira como olham seus alunos, sem amor, sem credibilidade e querendo os transformar em robzinhos receptores de informações...

A pergunta é: como vocês (equipe gestora) fazem na Ponte para motivar seus professores e profissionais para assim respingar a motivação nos alunos?

Professor:

Através do nosso contrato de autonomia, o processo de seleção de professores para a Ponte já nos permite um grau de escolha mais fino do que considerar a média final de curso e o tempo de serviço. Aquilo que importa é a pessoa do educador... Mas não existem na Ponte professores como descreve. Ainda temos muita coisa para afinar, como equipa, todos e cada um de nós, para trabalharmos melhor e encontrar novas soluções para novos e velhos problemas.

Gostaria de saber com base em quais critérios vocês escolheram esta gama de educadores para fundamentar a ação pedagógica da Escola da Ponte? Qual o a abordagem que predomina? E a que menos predomina? Porque acredito que, apesar da vasta referência pedagógica sempre ocorre o predomínio de uma abordagem...

Professora:

Poderei afirmar que a Ponte não tem uma abordagem predominante, recorre a variadas e diferenciadas abordagens. Fundamentalmente, o nosso quadro de referência está definido por princípios em que assenta a intervenção e o Projeto Educativo. A Ponte reveste-se de um carácter sistêmico, emergindo de uma organização, de uma visão global da escola como um todo, integrando a heterogeneidade dos alunos e o trabalho em grupo, a polivalência dos espaços e o trabalho em equipa de professores, implicando uma ação coletiva, assente numa lógica comunitária.

Aprendemos a ouvir, a distinguir queixas de problemas e a criar atitudes conjuntas. Este trabalho é realizado pela coordenação da escola e supervisionado, em muitos casos, pela psicóloga escolar que adota, como base de suas ações, a linha psicanalítica. Visto que a Escola da Ponte lida com alunos que apresentam dificuldades de comportamento e emocionais, com conselho, com posturas críticas, com auto avaliação, trabalho de equipe, que mexem com a subjetividade, que tipo de suporte recebe o profissional que lida com tudo isso? Bastam os conselhos e diferentes encontros de equipe, ou é preciso algo mais?

Professor:

O trabalho cooperativo de professores (há sempre mais que dois em cada espaço, em cada momento), a auto-formação e a formação em círculo de estudo são suportes que permitem a todos e a cada um dos orientadores educativos dar resposta a todos e a cada caso.

Nos últimos dois anos, integramos duas psicólogas na equipa de projeto. Mas, porque estamos imersos na tal "crise", não foi possível dar-lhes a conhecer o projeto (na prática) e elas ainda agem de modo clínico, quase supletivamente,

dentro dos modelos de intervenção em que foram formadas. Espero que, passada a crise, as psicólogas venham a ter tempo e disponibilidade para entender como se deve trabalhar na Ponte. Elas são pessoas capazes de entender e de mudar.

Pessoalmente (ainda não falei na equipa sobre isso), creio ser necessário integrar novas valências na equipa de projeto (educadores sociais, animadores sócio-educativos, sociólogos, antropólogos, especialistas em diversas áreas das chamadas "necessidades educativas especiais" etc.), que sejam capazes de trabalhar nos mesmos espaços, cooperativamente.

Conselhos e encontros não bastam. É preciso predisposição pessoal para aceitar, estudar, mudar-se...

Entre o sonho e a realidade: *tempo, tempo, tempo, tempo...*

Gostaria de saber como se dá o entrosamento por parte dos professores que começam a trabalhar com essa diferente maneira de ensinar-aprender. Porque, nas escolas tradicionais, tudo é tão definido, com pouca ou nenhuma autonomia (dos professores, alunos, pais). Há muito estranhamento, ansiedade. Conte-nos um pouco, por favor.

Professor:

Um professor da Ponte disse a seguinte frase: "Quem ainda não chorou ainda não é professor da Ponte". Em grande parte, é verdade. Mesmo quem tem uma boa idéia sobre o que é a Ponte tem uma idéia muito idealizada e, por vezes, custa a entrar na realidade.

A grande proximidade entre alunos, professores e pais é muito boa, mas também coloca novos desafios que são, por vezes, muito complicados de gerir. A minha experiência diz-me que, na primeira vez que estive a trabalhar na Ponte, precisei de, pelo menos, seis meses para compreendê-la, a ponto de

me sentir confortável e seguro. Contudo, quando voltei, passados três anos, precisei de mais três meses para me voltar a sentir seguro.

Tudo demora o seu tempo e cada um precisa do seu. Mesmo agora, que já me considero muito à vontade, reconheço que ainda tenho muito para aprender e coisas a melhorar. Que o digam os colegas...

A mudança e a ruptura são sempre difíceis. Os professores sofrem de um grande mal, que é o de não saberem fazer essa mudança e ruptura, porque se acomodam. Podemos querer mudar, mas sozinhos, a verdade é que é muito difícil alterar seja o que for, se temos outras dezenas de professores que se acomodaram. Por isso, pergunto: que fazer quando se quer romper e mudar o "sistema"? Por onde começar? Acha que é possível iniciar uma ruptura e mudança na escola, começando quando os alunos têm 15/16 anos? Em todos os casos que conheço, começa-se sempre com crianças pequenas... Estarão os mais velhos remetidos ao esquecimento dos professores que tentam a Utopia?

Professor:

A "experiência" diz-me que é possível realizar mudanças em qualquer idade. É possível fazê-lo com grupos de alunos da faixa etária dos 15/16 anos. Para tal, duas condições bastam: mudar-me e estar numa equipe.

Mesmo na universidade, onde estive durante alguns anos (sem nunca deixar de estar na Ponte...), foi possível trabalhar em equipe (multidisciplinar). Aí, trabalhei com adultos (entre os 20 e os 30 anos), tendo por companhia permanente uma jovem psicóloga e por retaguarda um grande número de professores universitários, que ousaram mudar, defrontando os dinossauros da sua faculdade. Muitos dos jovens que sofreram a nossa influência são, agora, excelentes educadores. Alguns escolheram a Ponte para se realizarem profissionalmente.

Não se preocupe com os "acomodados". Mude. E encontrará companheiros de mudança.

Gostaria que vocês relatassem um pouco como vivenciaram o processo de chegada, adaptação e inserção na Escola Ponte; suas dificuldades e sucessos na construção de sua autonomia, junto aos colegas.

Professor:

Ainda hoje me estou a adaptar e desenvolver a minha autonomia dentro do projeto "Fazer a Ponte". E já cá cheguei há cinco anos!...

A autonomia que a Escola da Ponte promove fez-me desconstruir algumas percepções que tinha. Esta autonomia díspar de ser-se solitário faz com que tenhamos de desenvolver um espírito de equipa e recursos capazes de, coletivamente, dar resposta aos problemas que surgem. Esta "interdependência autônoma" implica, necessariamente, um grande espírito de auto-criticidade, capacidade de diálogo e avaliação. A adaptação e o crescimento são feitos de momentos de sofrimento, desânimo e introspecção, mas também de partilha de conhecimento, diálogo, formação, conforto e de desenvolvimento cognitivo e social.

Ainda hoje sinto que tenho de crescer, aprender e adaptar-me, até porque este é um processo longo, tendendo para o inacabado.

Professora:

Comparo a minha chegada e adaptação à Ponte com a chegada e adaptação das crianças. Com a grande diferença de que eu já dispunha de algum conhecimento teórico da escola.

Fui extremamente bem recebida por todos, que me deixaram à vontade para observar, participar e perguntar. Tinha receio (penso eu que natural) em falhar, em não corresponder às expectativas da escola. Mas rapidamente aprendi que pedir ajuda é uma qualidade e não um sinal de fraqueza. Para todos, pedir ajuda é natural. Os alunos vêem os orientadores educativos a ajudar-se, a trabalhar em conjunto e não estranham.

Eu trabalhei em várias escolas, antes de vir para a Ponte. As coisas não funcionavam da mesma forma...

O trabalho direto com os alunos, nos primeiros dias, foi um pouco confuso, porque era muita informação ao mesmo tempo, muitos dispositivos... Aprendi a utilizá-los e aprendo muito com eles.

É extremamente gratificante começar a trabalhar com crianças que vêm conotadas como problemáticas e, decorrido algum tempo, com mais ou menos dificuldade, percebê-los e ouvi-los dizer que gostam da escola e que, na Ponte, os professores os percebem. Ver crianças ditas com necessidades educativas especiais a pedir a palavra, a serem crianças... É gratificante, quando um aluno me chama à atenção, porque me esqueci de arrumar a cadeira, ou porque fiz alguma coisa que não devia... É gratificante ouvi-los, saber o que se passa na cabecinha deles, os constrangimentos, as preocupações, as alegrias... É gratificante acordar e saber que vou trabalhar para a Escola da Ponte.

Gostaria de saber como é feita a "iniciação" das crianças que vêm de outras escolas e não estão acostumadas à Ponte. O que é feito até estarem adaptadas às novas regras?

Aluna:

A Ponte tem um especial cuidado em relação a esses casos. E não me estou a referir só aos orientadores educativos e funcionários, mas também aos alunos já residentes que, obviamente, dedicam bastante atenção aos seus novos colegas, ajudando-os a ambientarem-se a esta comunidade escolar e também aos ciclos de amizade já existentes. Assim sendo, julgo que será fácil para os novos alunos a sua iniciação.

Como os professores da ponte, principalmente os iniciantes, são preparados para a avaliação dos alunos?

Professor:

O início da nossa prática na Ponte é muito complexo. A vivência de uma prática pedagógica reflexiva veiculada no nosso seio é determinante para o saber ser e saber estar no projeto Fazer a Ponte. Quando um professor novo inicia o seu percurso, depara-se com uma organização e gestão dos recursos físicos e humanos bem distintos da que está habituado num modelo mais tradicionalista. Desde logo “a linguagem” usada nas reuniões preparatórias do arranque do ano letivo constitui a principal barreira para quem começa. Há núcleos, há orientadores educativos, dispositivos, responsabilidades, tutorias... E a

avaliação dos alunos que se articula numa rede de interações múltiplas e ilustrativas do processo educativo! A pergunta surge naturalmente: como gerir esta diversidade e riqueza de informação?

A minha posição foi a seguinte: tal como os meninos começam a ler globalmente, eu também me estou a construir globalmente na Ponte. Quero com isto dizer que a sensação de imperfeição está sempre presente no meu espírito (não posso ter a pretensão de compreender e “dominar” todas as dimensões que, manifesta ou latentemente, ocorrem no exercício das minhas funções de Orientador Educativo).

A preocupação é diária, mas os recursos e as possibilidades são múltiplos. Os Orientadores Educativos mais experientes no projeto e conceptualmente bem preparados constituem um recurso valioso pelos conselhos, pistas e sugestões de leituras. Articulando as suas preciosas contribuições com os perfis do aluno dos vários núcleos e com o Projeto Educativo, despoletam-se possibilidades de avaliação, necessariamente imperfeitas e inacabadas. São questões que se inscrevem num todo contínuo.

Concretizo esta partilha com as seguintes sugestões de reflexão: Terá o professor legitimidade de avaliar pelo o que ensina ou, por outro lado, deverá avaliar pelo que o aluno aprende? Dito de outro modo: não deverá o professor perguntar sempre como irá o aluno interiorizar o conhecimento e a experiência educativa no futuro?

Poderia escrever inúmeras sugestões de bibliografia, mas sugiro-lhe refletir sobre o seguinte: Para que tipo de sociedade pretende contribuir com o exercício da docência? Qual é a sua perspectiva de cidadão a formar? Que atitudes e valores deve promover? As suas respostas encontrarão certamente um modelo de avaliação adequado ao que pretende.

Na Ponte, os registros de aprendizagem nas várias dimensões são grades onde constam os assuntos curriculares a trabalhar ao longo do percurso educativo dos alunos. Nelas são assinaladas as datas em que o aluno superou um determinado aspecto do currículo da dimensão de ensino. Relativamente a registros pessoais de avaliação, as opções são múltiplas. São, sobretudo, registros descritivos/ qualitativos. Não existe estandardização nestas sínteses descritivas.

Infelizmente, o sistema remete os professores para algo de que eles mesmos não têm muita clareza, ou sabem explicar. Nesse caso, a avaliação feita pela maioria dos professores é feita a partir de SUAS concepções, SEUS valores e SUAS expectativas... Concordo com a avaliação feita na Escola da Ponte e acredito ser por aí mesmo o real e importante objetivo da avaliação. Mas o que é feito com um professor que chega à escola da Ponte com o perfil da avaliação classificatória? Como lhes é passado o objetivo da avaliação feita na escola da Ponte? Como eles reagem aos resultados e se adaptam, para avaliar cotidianamente?

Professora:

Primeiramente, é preciso referir que, com a Assinatura do Contrato de Autonomia, a Escola da Ponte adquiriu (entre outros) o poder de estruturar o processo de contratação dos orientadores de forma diferente das outras escolas: um dos critérios de seleção mais importante é que o candidato tenha pleno conhecimento do nosso Projeto Educativo e dos princípios fundadores do mesmo.

Este critério é de grande importância, se pensarmos que, para que se operacionalize um projeto e se implementem orientações pedagógicas específicas, é indispensável que todos os intervenientes no processo partilhem dos mesmos pressupostos e tenham um mesmo entendimento sobre posturas profissionais essenciais.

Desta forma, um professor que chega à Escola da Ponte deverá assumir perante o coletivo uma postura cooperante e sempre reflexiva. As questões que coloca acabarão por passar pela sua cabeça em busca de respostas que expliquem os fundamentos deste projeto. Isto é: todos nós passamos por um período de desconstrução pessoal e profissional, que deverá ter sempre como fim último os interesses do Projeto Educativo.

O dia a dia vivido em trabalho cooperativo de professores, as reuniões, com espírito colegial, de equipa e os momentos de formação conjuntos ajudam os professores da Ponte a discutir questões como as que nos têm sido colocadas, nomeadamente sobre avaliação. Lembro-me de que, quando, há quatro anos, integrei esta equipe, muitas vezes questionei o professor José sobre variados tópicos, e a sua resposta era sempre a mesma: "Procura respostas e, quando

souberes mais sobre isso, vamos sentar-nos para conversar”. Essa deverá ser a postura de um orientador educativo: a de auto-reflexão e questionamento. Acima de tudo, é fundamental que, quando se trabalha num projeto, todos os intervenientes tenham uma postura comum, pois basta um não a ter, para que se comprometa a sua realização.

Mais Escola é mais espaço de cidadania?

Compartilho de muitas reflexões que propõem e sinto que elas fortalecem a crença de que é possível fazer diferente e que a estrutura escolar que temos pode ser repensada diante de uma concepção mais humana, emancipatória e democrática na formação de todos os envolvidos.

Eu coordeno um projeto piloto na escola de formação em tempo integral, que pretende transformar a escola em um espaço de vida, criação e humanização. A idéia é criar espaços de aprendizagem, que ampliem a relação dos alunos com o conhecimento e os permitam tornar agentes construtores do saber. Eu acredito muito nisso e sinto que o maior entrave é a formação docente, pois ela traz arraigados conceitos de uma educação fragmentária e seletiva. Estou repensando o espaço de formação do professor. A primeira mudança se dá em torno das concepções. Como podemos pensar isso?

Professor:

Eu sou favorável a uma escola "integral". Também serei favorável a uma escola de "tempo integral", se não se constituir numa dose dupla de tédio... Porque sou um acérrimo defensor de tempos livres, efetivamente livres. E não aceitei (quando se implantou em Portugal) algo semelhante à proposta de escola de tempo integral. Nessa medida de política educativa, os alunos eram submetidos a (fastidiosas) aulas em metade do dia e participavam de atividades prazerosas (balé, xadrez, ateliers de arte, etc.) na outra metade. Foram acrescentadas ao currículo áreas de "desculpabilização curricular". Eu

não poderia estar de acordo com tal medida. Educação Cívica e de Formação Pessoal e Social são áreas transversais e devem ser trabalhadas a toda a hora. Não apenas uma hora por semana. Sou apologista de uma escola integral, aberta durante todo o dia (inclusive aos fins de semana e dias feriados), onde se aprenda dos zero aos cem anos, uns com os outros, mediatizados pelo mundo...

Tudo o que se acrescente ao modelo de escola, que ainda hoje é o mais comum, pouco ou nada resolve. Muito menos poderei concordar com a criação de atividades de turno oposto (não concordo com a existência de turnos), para, como ouvi alguém dizer, retirar a criança da rua. A criança, no ofício de aluno, deve ir para a rua, toda a escola deve arejar-se, ir para a rua, para que a rua seja mais um espaço de cidadania. E nela aprender uma cidadania plena.

Mas, neste, como em outros assuntos, não possuo certezas absolutas. Poderemos continuar o diálogo. Quero aprender com outras perspectivas e opiniões.

Como refere na segunda parte da pergunta, se o educador não for (de) formado, tudo ficará mais fácil. Se o educador reelaborar a sua cultura, tudo mudará. O maior obstáculo à mudança é o educador. Sou “eu”, quando profissionalmente me comporto narcisicamente, quando creio poder ser auto-suficiente. E, sobretudo, quando não interpelo as práticas tradicionais, ou não pergunto por que ainda existe analfabetismo, insucesso, sofrimento... A Escola (em sentido lato) mudará, quando o discurso lamentoso der lugar à pesquisa que ajude a resolver as nossas dificuldades de ensinagem.

Os professores estão na Ponte em tempo integral? Essa disponibilidade é total?

Professor:

Felizmente, em Portugal, é possível e praticamente obrigatório que só se trabalhe numa escola, ou seja, com um horário completo de 35 horas semanais.

A carga horária de todas as turmas (de 1ª a 9ª) é período integral (8 horas diárias)? Os professores são todos exclusivos da Escola da Ponte? Qual a carga horária de cada um? E o pró-labore deles?
Os alunos almoçam na escola?

Educadora brasileira:

As crianças ficam o turno integral na escola. Param para almoçar entre 12:00h e 12:30h. Existe a possibilidade de almoçar na escola ou em casa. Muitos almoçam na escola. Retomam as atividades às 14:00h. Algumas crianças fazem a opção de realizarem algumas atividades complementares oferecidas pelos professores (cinema, capoeira, artes etc.), parece que em função de demandas de horários das famílias. Essas crianças ficam na escola até às 18:00h.

Os horários dos professores seguem também essa lógica. Passam o dia na escola. Fazem um revezamento, para que não tenham que ficar todos os dias nas atividades complementares. Nesse sentido, a dedicação tem que ser exclusiva, não dá para trabalhar em mais de uma escola.

Quanto ao pró-labore, não sei falar em números exatos, mas sei que não é nada de extraordinário, pode ser até proporcional ao o que alguns professores ganham nas capitais brasileiras.

“E parece que falamos a mesma linguagem”...

Angustio-me muito por ver quanto longe estamos de construir esta escola de concepção integral, apesar de ser este ideal, o guia de atuação e reflexão em todos os momentos em minha vida. Não é fácil e questiono se realmente é possível, pois me encontro em uma escola já configurada nos paradigmas tradicionais, com muito reconhecimento na comunidade, em que o contra-turno surgiu para constituir-se diferencialmente e daí buscar parcerias com os demais, ou seja, o turno regular, para transformação coletiva desta escola. Esbarramos em concepções tão fechadas, que o

movimento de mudança interno é pouco, ou nada significativo, diante da dimensão transformadora, que pressupomos necessária para os alunos.

Sinto que as falas superficialmente se assemelham e parece que falamos a mesma linguagem: buscar a formação de um aluno/professor e todos envolvidos em pessoas participativas, críticas, reflexivas, conscientes, atuantes, responsáveis por si e comprometidas com o mundo a sua volta..., mas as ações contrapõem-se com tudo que se fala e leva a um homem passivo, obediente.

Para terem uma idéia, já com os professores do contra-turno (no qual se assume necessário uma postura democrática, de mediador, pesquisador...) já é difícil de discutir uma visão diferenciada. Muitos reproduzem o modelo convencional, apenas mais dinâmico e divertido, no qual o aluno ainda é espectador passivo da atividade, atuando na maior parte como mero executor, quem dirá os professores do turno. A idéia era nem ter esta divisão, mas foi o primeiro passo encontrado para iniciar o trabalho. Estou estudando muito e, hoje, é isso que me fortalece e me faz cada vez mais acreditar que isso é possível.

Também estou ampliando as reflexões no grupo que tenho mais proximidade, para repensarem a escola, mas são somente aqueles dois, ou três. A estrutura, o sistema nos engole e nos sentimos sufocados, mas acreditamos que é possível.

Teriam uma idéia a respeito de como investir para alcançar uma transformação nesta escola?

Professor:

Pergunta se eu teria uma idéia a respeito de como investir para alcançar uma transformação na sua escola. A resposta só pode ser: Não tenho. Seja como for, e apesar de um olhar externo ver algo que aos olhares internos, por vezes, se oculta, a resposta será vossa e... coletiva. Perdoe minha insistência no coletivo. Faço por que sei que conseguireis atingir os vossos objetivos, se continuardes juntos e souberdes resolver os vossos conflitos. E, também, se souberdes esperar. O mais difícil de um projeto são os primeiros trinta ou quarenta anos. Depois, fica mais fácil...

Nem todos os professores são passivos e acríticos...

Será que minha perspectiva mostra-se muito agressiva ao conceber o professor como responsável pela desvalorização e depreciação de seu papel na sociedade? Pois se ele que é o maior interessado por fazer-se presente na sociedade, por que não tem atitude coerente para tal?

Sei que nem todos professores são passivos e acríticos, porém os considero a minoria. Como aumentar o grupo de professores que buscam verdadeiramente uma transformação?

Professor:

Não considero que seja agressiva ao conceber o professor como responsável pela desvalorização e depreciação de seu papel na sociedade. Os professores não serão totalmente responsáveis pela degradação do seu estatuto social, pois outros fatores intervêm. Mas serão coniventes.

A terceirização das responsabilidades é um fato. Ato de defesa de quem está vulnerável. Pretextos de quem não quer mudar... Prefiro pensar naqueles que ousam mudar. E aprender com eles, acompanhando os seus discretos projetos e transcendências.

Uma produção teórica partindo de uma prática

Tenho uma dúvida com relação ao item 34 do Projeto educativo. Lá consta que, devido à diversidade dos percursos de aprendizagem dos alunos, há que se disponibilizar "materiais de trabalho e recursos educativos capazes de oferecer respostas adequadas e efetivamente especializadas". Pergunto: esse material disponibilizado é também produzido pelos professores? Em que momento o produzem? A base teórica da produção desse material é de investigação do conteúdo, ou seja, o material encaminha à pesquisa (construção do conhecimento)?

Cabe ainda perguntar: o profissional de educação que atua diariamente na Escola da Ponte tem registrado suas experiências, tem produzido teoria a partir da prática?

Professora:

Estamos a viver uma situação difícil na Ponte. E temos observado um empobrecimento de dispositivos fundamentais, que não se limitam ao domínio do desenvolvimento curricular, mas ultrapassam o nível das estratégias e materiais, tornando-se suporte da própria cultura organizacional. Necessitamos de reinvestimento, defendo mesmo que deveremos recuperar alguns materiais já extintos. No entanto, não se pense que tudo se perdeu...

Quanto à nossa disponibilidade para o fazer, isso é mais difícil. Na Ponte somos educadores a tempo inteiro e não estão previstos espaços para esta preparação. No entanto, pontualmente, podemos observar professores preparando materiais, para orientar a pesquisa, o estudo de um ou outro saber mais específico... Em anos anteriores, dispúnhamos de um dia por semana para certas tarefas: preparação de materiais, formação, registro de experiências e reflexões. Neste ano, tal não foi possível. Esta é uma grande lacuna que detectámos. Não existe uma cultura de produção coletiva. Há, isso sim, alguma documentação, que vamos realizando, por vezes para preparar intervenções no exterior, ou para fundamentar alterações organizativas.

Eu não saudosista, pelo contrário, quero conhecer o futuro da Ponte, mas relembro com alguma nostalgia textos que o idealizador do projeto levava para as reuniões e que, insistentemente, nos pedia para comentar: situações do dia a dia, decisões do Ministério, atitudes que foram tomadas com as crianças, a convergência entre as nossas práticas e o projeto...

Estar na Ponte é duro. Ontem me levantei às 6h 30, para estar na escola às 8h30 (vivo longe da escola), estive na Ponte até às 19h 30, cheguei a casa às 20h 30m, porque apanhei hora de ponta, ao entrar na cidade... Há dias assim, mas na Ponte há muitos.

Mas é pelo sonho que vamos, ou não é?...

Professor:

Os meus companheiros entram na Ponte, de manhã, bem cedo, e saem da Ponte, à tarde, bem tarde. O tempo “livre”, para eles é bem escasso. E um velhinho aposentado faz jeito, nestes momentos... O material disponibilizado pode ser, também, produzido pelos professores. Em tempo “normal” do projeto, há sempre tempo para confeccioná-lo, pois, em qualquer momento, um professor pode tirar um tempo para realizar essa tarefa. Em tempo “normal”, a maior parte dos materiais é produzida pelos próprios alunos, e isso faz mais sentido, é mais coerente com os princípios do projeto.

Os registros que referes não são muito abundantes. Há professores que os fazem. Outros, que passam pela Ponte, nem chegam a aperceber-se da importância desses registros e da possibilidade de produção de teoria, partindo da reflexão sobre as práticas.

Qual o fundamento teórico que norteia o trabalho sócio-moral e sócio-afetivo desenvolvido na Ponte?

Professor:

O desenvolvimento sócio-moral e sócio-afetivo dos alunos - potencializado por dispositivos pedagógicos como a Assembléia, a Comissão de Ajuda, a Caixa dos Segredos, ou os encontros com professor-tutor - teve por principal referência (embora haja outras) o trabalho de Kolberg e de Erickson. E, também, o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. Ainda que sustentados na teoria, os professores não ensinam aquilo que dizem – ensinam aquilo que são.

O vosso projeto fala sobre os orientadores educacionais, no item 29: “A formação inicial e não-inicial dos orientadores educativos deve acontecer em contexto de trabalho, articulando-se a Escola, para esse efeito, com outras instituições”. Será que poderiam deixar mais claro?

Professor:

Por detrás de toda a mudança efetuada na Ponte há um conjunto de reflexões (teoria) que as sustenta. No caso da formação, existe uma dissertação com muitas páginas, que não ousa transcrever, mas de que extraí alguns excertos,

que poderão ajudar a responder. Estes excertos têm três defeitos, para além de outros: refletem a realidade portuguesa (bem diferente da brasileira), restringem-se à modalidade de formação que adotamos na Ponte (o círculo de estudo) e estão “datados” (a dissertação foi escrita entre 1991 e 1994). Mas creio que se manterá atual.

“No campo da formação, as iniciativas foram tradicionalmente marcadas por uma preocupação eminentemente técnica. Visavam rituais de atualização concebidos por organismos centrais ou regionais do Ministério da Educação, com recurso freqüente a instituições de formação inicial de professores. Os formadores refletiam uma profunda ignorância relativamente a problemas específicos deste ciclo de ensino e escudavam-se, inevitavelmente, na transmissão de conteúdos teóricos. Estes encontros tiveram uma virtude. Foram oportunidades não desperdiçadas por alguns professores para interpelar a própria formação. Alguns segmentos conjunturais foram, deste modo, abertura para a concepção e desenvolvimento de projetos locais. E se alguns outros projetos foram anulados pela intervenção da hierarquia administrativa, outros houve que resistiram à erosão do tempo.

O modelo acolhe e valoriza a formação nos contextos mutáveis de trabalho, pauta-se pela flexibilização e pela harmonização com a aprendizagem informal. Não distancia a formação dos professores das realidades organizacionais em que os indivíduos atuam e reconhece que a ação educativa é apenas uma das componentes, um dos possíveis momentos de um processo de formação de adultos, e que, per si, uma ação educativa não é automaticamente formadora. Num outro modelo, a formação é concebida num espaço isolado dos contextos em que a aprendizagem se desenvolve. Pressupõe que a informação e a formação são dois momentos cumulativamente justapostos numa linearidade simples.

A oposição entre teoria e prática é ultrapassada por uma praxeologia que confere à experiência um estatuto de fonte de conhecimento enquanto objeto de reflexão e de produção dos próprios conhecimentos. A formação é um meio e não um fim em-si-mesma. Não é para os professores. Estes são mediadores de formação em desenvolvimento, que passam da identificação e valorização do saber à sua partilha, inseridos num sistema social em que detêm competências específicas. A realidade social vive do que já se conhece das regras, mas também da própria produção de

realidade. Uma das dimensões desse processo é o que Stenhouse descreve como uma disposição para examinar a prática com sentido crítico e sistemático. Num outro modelo, privilegia-se o fornecimento de informação teórica descontextualizada e prévia e a formação constitui-se em mais um fator de inibição de autonomia do professor ao configurá-lo como executante-consumidor de formação.

A formação tem em conta a história e a ação dos professores como estruturantes das aprendizagens, das interpretações e utilizações que delas venham a fazer. Transforma-se num processo de consciência do mundo e de elucidação do significado das relações interpessoais, com a instituição e com o saber, e traduz-se na não-dissociação do desenvolvimento profissional e do desenvolvimento pessoal. Quando se refere o desenvolvimento pessoal e se apela ao protagonismo do formando individualmente considerado não se pretende fazer uma apologia de uma formação "individualizada" no sentido que lhe confere a teoria neoclássica do "capital humano", que se reflete numa simples multiplicação da oferta de formação.

Os programas de formação que sobrevalorizam a racionalidade técnico-instrumental determinam condições e momentos de assunção pelos professores de recursos técnicos pretensamente isentos de ideologia. Esta racionalidade assenta sobre princípios de controlo, certeza e eficácia. Fundamenta-se, epistemologicamente, na crença de que o conhecimento parte do concreto e chega ao geral através de abstrações e generalizações. O conhecimento, considerado como objetivo contradiz o discurso que faz apelo a valores não - operacionalizáveis pelas abordagens positivistas: autonomia, senso crítico, criatividade, democraticidade. A procura da objetividade engendra um quadro preocupante em que a formação contínua de professores se assume como um processo marcado pela linearidade, previsibilidade e profunda estruturação, controlo e determinação. Não há lugar para pensar sobre o próprio processo de pensamento.

A formação é uma área de conflito entre a reprodução e a mudança. No entrecruzar permanente de intenções e práticas, a resistência que molda a adesão a modelos reprodutores, ou acessibiliza a assunção de uma consciência crítica poderá ser

definida como resultante das interações de racionalidades várias, tantas quantos os atores do processo de formação.

As escolas com projetos participados pela comunidade são os lugares privilegiados de formação de uma consciência radical e de ação crítica coletiva. Nenhuma mudança pode fazer a economia dos atos individuais implicados num processo de transformação coletivo. Acontece a mudança na formação sempre que um professor se decifra através de um diálogo entre o eu que age e o eu que se interroga, e reduz o desfazamento entre a imagem que faz de si próprio e a que os outros têm dele". (Texto policopiado, Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto)

Professor:

No nosso país, a formação inicial e a formação não-inicial são de baixa qualidade. Os professores obtêm um diploma, mas não qualificação. Na Ponte, sempre nos defrontamos com a dificuldade de conseguir que excelentes pessoas se transformassem em excelentes profissionais. Os novos professores da Ponte poderão falar-vos sobre as suas dificuldades de imersão numa cultura diferente, que são as dificuldades que nós (os mais antigos) também tivemos. Mas não desistimos.

Dou-me conta que a carga teórica que cada um carrega para sua prática na sala de aula é muito grande. Que se torna quase impossível expressar em meras palavras a riqueza de significados e percepções. Nem sei se o que desejo é perguntar, ou se apenas desejo afirmar que o que parece mais importante não são as teorias e filosofias em si, mas o uso que fazemos delas em nossa prática, a cada minuto do dia de aprendizagem, a cada sinapse realizada...

A aplicação da Teoria ocorre em cada momento e parece que é isso que é o diferencial na Ponte. É isso que a tantos encanta e apaixona. A permissão de ser e de fazer o momento com base naquilo que se é nesse momento. E, mais importante ainda, que todas as teorias que ao longo dos anos de experiência tenham sido incorporadas ao comportamento de cada um tenham também permissão para serem vividas por todos, quer agentes educativos, quer aprendizes. E que as que ficaram e se tornaram

permanentes são aquelas que servem para aquela situação, naquele momento. Então, apenas quero saber: como pensam vocês sobre a linguagem limitante na vida e no aprendizado? Partilham minhas sensações e pensamentos? Minhas percepções sobre a Ponte conferem?

Professora:

Concordo quando afirma que a linguagem pode ser limitadora na comunicação. Por vezes, eu também sinto alguma inacessibilidade aos discursos. No entanto, ao longo destes anos passados na Ponte, tive necessidade de me referenciar nos discursos teóricos. A teoria é fundamental para se compreender este projeto, mas o que mais me encanta (ainda hoje eu sinto-me encantada) é a simplicidade densa deste projeto. Parece uma contradição, mas não é. As ciências da educação ajudaram-me a entender muitos dos conceitos (através de diferentes abordagens) que cruzam este projeto. No entanto, eu precisei crescer muito, sentir angústia, desapontamento, alegria, surpresa... Ou seja: viver por dentro, para percebê-lo.

Quanto à simplicidade das palavras, para falar acerca do projeto e da práxis, estou muito longe de atingi-lo.

Assembleia e Comissão de Ajuda: dispositivos indispensáveis

Vocês dizem que os professores são parte fundante do processo de aprendizagem, por sua dimensão de exemplo, inclusive no cumprimento dos direitos e deveres acertados com os alunos. Já houve caso em que um professor resolveu não seguir isso? Se houve como se comportaram? Há algo parecido com a Comissão de Ajuda para os professores?

Professora:

Não me ocorre nenhum caso semelhante ao que enunciou, contudo a sua pergunta não deixa de ser interessante, na medida em que também nós, orientadores, temos fragilidades e, como qualquer ser humano, quebramos as regras.

Na nossa prática, nem sempre é fácil mantermos uma postura modelo face aos direitos e deveres. Ocorre-me, situações de nos "esquecemos" de pedir a palavra, de falar num tom mais baixo nos espaços, de apanhar o lixo que vemos no chão... Curiosamente, nesses momentos, os alunos são os primeiros a alertar-nos. Aliás, eles são os nossos melhores críticos!

Neste projeto, a exigência e o rigor das atitudes dos alunos estendem-se, como não poderia deixar de ser, aos orientadores. De cada vez que estamos em equipe, em reflexão conjunta, este é um dos pontos de discussão mais importantes.

Agimos solidariamente e alertamo-nos uns aos outros, tentando melhorar as nossas práticas, porque acreditamos que só através de uma ação conjunta é que qualquer projeto se realiza. Já imaginou como ficariam as cabecinhas dos nossos alunos se adotássemos procedimentos diversos e agíssemos com os alunos de forma diferente?...

Além disso, sendo o dispositivo dos Direitos e Deveres tão importante para os alunos e sendo ele regulador dos próprios comportamentos, a única forma de o valorizarmos e de o respeitarmos é, também, nós sermos promotores e defensores da sua concretização.

Se por ventura, algum colega tivesse dificuldade em interiorizá-lo, tal como aos valores que servem de âncora a este projeto, rapidamente outro colega o ajudaria, eu diria mesmo que ele próprio rapidamente se aperceberia de que a sua postura divergia da dos restantes orientadores.

A nossa Comissão de Ajuda é, em primeira instância, a nossa consciência, enquanto indivíduos que formam outros indivíduos, para atuarem democraticamente e corretamente em sociedade. Em segunda instância, o "grau de filiação" (penso que não será a melhor designação, nem sei se haverá graus, mas não me ocorre outra) a este projeto. Se nele acreditamos, determinaremos toda a nossa atuação a partir daí. Em última instância, os colegas com quem trabalhamos e que, solidariamente e fraternalmente, nos alertam quando erramos.

Desejo entender um pouco melhor a dinâmica das assembleias dos alunos, como eles percebiam as situações vivenciadas, os pais participavam delas também? Como elas se instalavam? Qual

o sentimento dos alunos ao participarem desta atividade, com que frequência elas aconteciam?



Aluna:

A assembléia realiza-se todas as sextas-feiras de cada mês e nela participa toda a comunidade escolar, desde os alunos aos professores, passando pelos funcionários visitantes e pais.

Todos os anos, no início do ano letivo, os alunos que gostariam de constituir a Mesa da Assembléia, formam listas de 10 elementos e, durante um tempo pré-estabelecido pela “Comissão Eleitoral” (conjunto de alunos encarregues de organizarem as eleições, de forma a assegurar que nenhuma regra é violada e que tudo corre o melhor possível), apresentam as suas promessas e fazem campanha eleitoral.

Chegado o dia das eleições, todos os alunos dirigem-se às mesas de voto com o seu cartão de eleitor e usufruem do seu direito ao voto. Após a eleição da Mesa da Assembléia e distribuídos os 10 lugares, a Mesa fica responsável por elaborar uma convocatória onde estão presentes os assuntos a serem tratados em assembléia, assim como a ata da assembléia anterior, que será depois votada por todos.

Normalmente, os são assuntos de interesse escolar e todos os presentes podem opinar. Contudo, o Presidente é o único que “dá a palavra”, ou seja, decide quem fala e quando fala, para que todos possam ser ouvidos. Em caso de votação, apenas os alunos têm o direito ao voto.

O fato de termos uma assembleia e de lá tomarmos decisões que influenciam o futuro da escola, faz-nos sentir importantes. Ao vermos que a nossa opinião conta, envolvemo-nos muito mais na escola e o interesse começa a despertar! Sentir que somos parte de algo é muito agradável. A participação nas assembleias ajuda-nos a desenvolver o nosso “sentido crítico”, ajuda-nos a argumentar e a sermos mais responsáveis, pois temos mais consciência dos problemas que nos rodeiam e que está em nossas mãos resolvê-los.

Resumindo, as nossas assembleias de escola são como as assembleias nos parlamentos, reuniões de pais, condôminos, embora um pouco mais organizadas.

Li apenas uma questão respondida por você. Fiquei curiosa: em que ano/série você se encontra? Você foi eleita presidente da Assembleia: todos os alunos da escola votam? Quantos candidatos havia? Durante quanto tempo você exercerá esse cargo? Qual foi sua proposta para vencer os demais candidatos?

Aluna:

Eu estou há oito anos neste projeto.

Todos os alunos têm o direito de votar de igual forma. Neste ano, ao contrário de outros (esta é a minha segunda vez como presidente), só duas listas concorreram às eleições de escola. Cada presidente exerce o seu cargo durante um ano letivo. No meu caso, vou exercer até ao fim deste ano escolar. Quanto á ultima questão julgo que mais importante do que a campanha e a lista de promessas normais nestes casos foi o fato de ter concorrido pela segunda vez e como tal foi no meu entender um voto de confiança no trabalho exercido anteriormente. No entanto e acaso seja necessário, posso obviamente enviar cópia da minha lista de promessas e objetivos, assim como responder a qualquer outra questão.

É muito freqüente em grupos de pessoas a incompatibilidade de gênios e de opiniões. Quando há conflito entre alunos, ou entre alunos e professores, como, na prática, se faz a resolução de conflitos na Escola da Ponte?

Aluno:

A resolução de conflitos na nossa escola é trabalhada do seguinte modo: existe a Comissão de Ajuda, que é um grupo de alunos eleito pela Mesa da Assembléia e pelos professores. Esse grupo de alunos resolve problemas na escola, mas o que não conseguirem resolver é transferido para a Assembléia, para que todos decidam como resolver.

Estava olhando o blog da Escola da Ponte e me deparei com as promessas de todas as listas. Coloquei aqui algumas que achei mais interessantes e gostaria que todos comentassem um pouco, para que possamos ter uma visão mais ampla.

“Lista B - 6. - Visitar outras escolas, para comparar o método de ensino. / Lista D - 8. Fazer um intercâmbio, pela internet, a nível nacional, de forma a divulgar o nosso projeto”. Essa visita acontece? Se sim, com que freqüência? Como é feita?

“Lista D - 1. Ajudar os alunos mais velhos nas suas escolhas profissionais, proporcionando-lhes, por exemplo, um dia como na sua profissão de futuro”. Há, na Escola da Ponte, uma orientação profissional? Como é feita?

“Lista C - 12. Realizar um livro sobre a Escola da Ponte / Lista D - 9. Reviver as diferentes etapas de criação e desenvolvimento do Projeto "Fazer a Ponte", de forma a dar-lhe valor”. Os alunos têm idéia de como foi iniciado o projeto? O que eles pensam disso? É percebida nos alunos alguma vontade de tentar implementar projeto semelhante em outras escolas?

Aluna:

As promessas das listas vão de encontro às necessidades, interesses e curiosidades dos alunos, sendo assim, tenho a certeza que as duas listas em questão (B e D) gostariam de conseguir concretizar essas promessas (assim como todas as outras). Posso desde já adiantar que, nesta ultima semana, realizaram-se intercâmbios, via internet, com outras escolas (nomeadamente escolas brasileiras). Sei que alguns dos temas discutidos foram a amizade e o nosso projeto. Por vezes, alguns alunos da escola deslocam-se a universidades ou escolas dos três ciclos de ensino, para falarem e esclarecerem algumas curiosidades sobre o nosso método de ensino.

Na escola, temos pequenos grupos de alunos, formados, voluntariamente, no inicio do ano, com o acompanhamento de um(a) psicólogo(a) e/ou de um professor. Nesses grupos, se assim desejarem, tem acompanhamento relacionado com as suas escolhas profissionais, no futuro. Os alunos mais velhos, que, infelizmente, terão que "deixar" a escola no próximo ano, têm um acompanhamento mais personalizado. Quando a lista D criou essa promessa, gostaria de entrar em contato com profissionais, de forma a que os alunos tivessem a oportunidade de passar um dia no "seu trabalho do futuro".

As listas C, D e F criaram esta proposta a partir de uma conversa entre amigos (neste caso, as respectivas cabeças de lista). Muitos alunos da escola acham que é sempre importante rever e "reaprender" o objetivo deste projeto. O que é, em minha opinião, o que eu e os restantes alunos estamos a fazer durante estas "conversas". Foi uma das razões de querer participar e fazer-vos "apaixonar", da mesma forma que nós nos "apaixonamos" pelo projeto.

Sendo assim (e voltei a fugir da questão colocada), as listas tiveram idéias muito criativas para tornar possível, por exemplo, a criação de um livro.

É engraçado que essa pergunta tenha surgido. Porque, ainda hoje, a Rita (cabeça de lista da Lista D) falou comigo sobre umas pesquisas que tem feito, relacionada com o passado do nosso projeto, o que quer dizer que, ao contrário de muitos políticos, estes alunos prometem e pretendem cumprir as suas promessas...

Teoria *versus* Prática?

"Não há nada mais prático que uma boa teoria"

Kurt Lewin

Minha experiência sempre mostrou que a formação dos professores é essencial para que se realize um trabalho consciente e, por isso, continuo investindo nela. Satisfaz-me as respostas dadas pelos educadores da Ponte sobre a abertura com relação às teorias utilizadas, o que enriquece a prática. Porém, acredito que a força de uma teoria é capaz de mobilizar outras afins. É assim que acontece com vocês?

Professora:

Os desafios são muitos. Não consigo situar-me, enquanto educadora com vários anos de prática, numa racionalidade técnica, que não favoreça o desenvolvimento de uma prática reflexiva. O que aconteceu na Ponte foi que a existência de um grupo, um coletivo de ação educativa foi decisivo para mudanças significativas do conceito de ensinar e aprender, bem como de formação profissional e pessoal dos professores, autores dessas mesmas mudanças.

Os professores da Ponte fizeram opções de valorização contínua, através da revisão de concepções pedagógicas e de uma investigação fundamentada na prática (ou, melhor, na práxis).

Estou ainda estudando pedagogia e, portanto, ainda não atuo na rede pública de ensino, mas sei que o farei. Quando isso ocorrer, como poderei aplicar os ensinamentos de uma educação democrática em um contexto arcaico de educação, onde se fala uma coisa e pratica-se outra? Afinal, ninguém assume uma postura tradicionalista, a grande maioria se intitula interacionista. Mas, quando vemos na prática, a história é bem outra...

Não quero ser induzida a cometer os mesmos deslizes de outros colegas que estão na rede e esqueceram seus sonhos, por não terem com quem os compartilhar. Como poderei driblar esta situação?

Professor:

A sua apreensão é justificada. Não é raro encontrar interacionistas só no papel. Mas também há educadores coerentes com os princípios e referenciais teóricos que assumem.

Tenho conversado com uma educadora maravilhosa, que está no seu primeiro ano de exercício da profissão. O choque com a realidade é violento. Ela trabalha num "contexto arcaico de educação", tentando, pelo menos na sua sala, humanizar a relação. E entra em conflito com as suas reações, tão humanas e compreensíveis, mas que desconstroem, fazem sofrer.

Para você, que está prestes a entrar no mundo real da educação, como para aqueles que já lá estão, será útil que esta troca de palavras (e de saberes) se mantenha. O modo de resistir à tentação de desistir é resistir com outros...

Existe algum esforço no sentido de promover mudanças no que se refere à formação de professores em termos acadêmicos?

Às vezes, penso que, se conseguíssemos formar profissionais de educação, projetos como o da Ponte e tantos outros não incorreriam no risco de serem tomados como modelos a serem "copiados", mas como experiências que comprovam o poder de transformação da realidade que todos temos.

Professora:

Penso que a formação de professores constitui um ponto crítico do sistema educativo, não só porque as ideologias, que suportam as diferentes opções educativas e as que estruturam as decisões tomadas ao nível da formação, são dependentes dos diferentes atores que, a diferentes níveis, nela participam, mas, também, porque a formação, pela sua multiplicação de efeitos no espaço e no tempo, nunca pode ser neutra.

A problemática da formação de professores centra-se na dificuldade em reequacionar o papel, as modalidades e a articulação entre a formação de professores com os lugares onde é suposto que surta efeito: as escolas. A maioria dos professores teve como exemplo na sua formação um grande distanciamento entre a teoria e a prática, o que implica à partida uma grande dificuldade em reelaborar os efeitos da própria formação.

Na verdade, o tipo de formação a que os professores estão sujeitos pouco tem a ver com nosso projeto (Ponte) e a nossa práxis. Embora, teoricamente, nos diferentes cursos de formação inicial, se faça uma abordagem aos diferentes teóricos e movimentos educacionais, são meras referências, pouco, ou nada visíveis nas práticas pedagógicas.

Se por um lado, ao longo dos tempos, a formação tem vindo a introduzir novos contornos e novas formas de estar, numa aproximação a conceber processos de formação que contribuam mais para a formação de professores críticos, agentes da sua própria formação, que ajam socialmente com capacidade de se implicarem em processos de mudança (tal como, na Ponte, defendemos na formação dos nossos alunos), por outro, verifica-se que esses princípios apenas ficam no domínio teórico. Os professores responsáveis pela formação recorrem a um modelo do tipo transmissivo, expositivo, formando professores reprodutores de modelos.

Professora:

Acreditamos, tal como diz José Pacheco, que a formação essencial é feita aprendendo com quem aprende. E que, em Portugal, ainda há ainda um longo caminho a percorrer. Acreditamos que os formadores venham a admitir que possam existir outras lógicas, que se centram essencialmente na necessidade de que os seus alunos de pedagogia, futuros professores se devem formar em contextos cotidianos das escolas, numa perspectiva de formar professores reflexivos.

Sou estudante de Pedagogia. O corpo docente de meu curso segue as tendências baseadas em Marx e Saviani. A todo o momento meus ideais são confrontados com argumentos que buscam "desmascarar" (segundo eles dizem) uma ação pedagógica voltada para o indivíduo. Esse é um dos principais motivos que me levam a estar neste curso. Em busca de sonhadores como eu, mas sonhadores que apontam seus fundamentos teóricos e coerentes. Ontem, estive a pensar muito sobre isso, a partir de um texto de Newton Duarte. Transcreverei alguns trechos: “aquilo que o indivíduo aprende por si mesmo é superior, em termos educativos, àquilo que ele aprende por meio da transmissão de outras pessoas; o método de

construção do conhecimento é mais importante que o conhecimento já produzido socialmente; a atividade do aluno, para ser verdadeiramente educativa, deve ser impulsionada e dirigida pelos interesses e necessidades da própria criança; a educação deve preparar os indivíduos para acompanharem a sociedade em acelerado processo de mudança”¹ . O 'aprender a aprender' aparece neste 4º item na sua forma mais crua, mostrando seu verdadeiro núcleo fundamental: trata-se de um lema que sintetiza uma concepção educacional voltada para a formação, nos indivíduos, da disposição constante e infatigável adaptação à sociedade regida pelo capital.

A Escola Nova, Construtivismo e outras pedagogias, que partem do olhar para o indivíduo, são apontados como instrumentos dos que detêm o poder para moldar e adaptar o indivíduo à sociedade capitalista, para que simplesmente reproduzam o sistema sem questioná-lo ou lutar por transformações sociais. É comum, na faculdade, quando faço algum comentário sobre tais "tendências", ou mesmo quando cito a Escola da Ponte, ser questionada: “Mas você concorda com esse "método de ensino"? (o que já denota um desconhecimento da realidade da Ponte). Não percebe que deixar o aluno escolher o que estuda é tirar o caráter de transmissão dos saberes científicos da escola e tornar o indivíduo menos apto a refletir e transformar a sociedade?”

Enfim, vivo em constante angústia porque tais argumentos são fortes. Discordo deles, mas não consegui encontrar ainda fundamentos teóricos para "defender" minhas idéias. Estou começando e meus principais direcionadores não são grandes teorias pedagógicas e sim uma certa "intuição", uma vontade de que as coisas sejam diferentes, que as relações amadureçam a partir de experiências como a Ponte, por exemplo...

Professor:

¹ *Duarte, Newton. "Sociedade do conhecimento ou sociedade das Ilusões?", Autores Associados, 2003

Nas universidades por onde passei, na qualidade de aluno (quando já era professor há muitos anos), para além de bons profissionais, também senti a influência de alguns *fósseis* da pedagogia, que recusavam qualquer referência desse tipo. Não “desmascaravam”, eram “máscaras”. Tinham feito o tirocínio universitário, a par de leituras mal feitas de ideologias *fósseis* (de esquerda, ou de direita). Depois, sem nunca terem passado por uma sala de aula, ocupavam a sua cadeira na universidade e transmitiam aos seus alunos, através de dinossáuricos métodos, o seu fundamentalismo pedagógico, modelos obsoletos, teoria fossilizada.

Conheci alguns professores universitários, que foram autênticas nulidades enquanto professores do fundamental. E “ensinavam” aos futuros professores o modo de fazer, que eles não foram capazes de... fazer.

Quando eu os confrontava com a realidade da Ponte, uma escola que provava a concretização da utopia, a reação era sempre a mesma: cinismo e desprezo. Nunca conseguiram argumentar, perante os argumentos que lhes apresentava. Ficavam paralisados face ao inesperado da Ponte, que lhes contrariava e atirava por terra todo o seu pretenso saber e abalava as suas convicções. Os “marxistas ortodoxos” (porque os distingo dos outros, que eu respeito e admiro) e os conservadores de direita eram “desmascarados” perante as evidências da possibilidade de uma escola geradora de emancipação coletiva e... individual. Eram divertidas as aulas onde os confrontava com as evidências da Ponte. E mais divertidas eram, quando eu ensaiava a defesa de outros modos de fazer escola, recorrendo a autores que eles criticavam, mas que... desconheciam. Não tinham lido um livro sequer dos autores que eles consideravam “malditos”. A “máscara” desses professores caía e deixava exposta a ignorância e o preconceito.

Esses adeptos do ortodoxismo e do conservadorismo nutrem um profundo ódio a tudo o que não seja ortodoxia, numa atitude reveladora de insegurança e de um medo inconfessado da liberdade. O exercício da liberdade exige responsabilidade.

Sei que, hoje, não se coíbem de denegrir a Ponte e outras escolas e teorias, que eles não conhecem e, por isso, não compreendem, nem amam. Perdoemos-lhes, porque eles sabem o que fazem.

A tensão entre o ser individual e o ser social pode ser gerida de modo a que o indivíduo não seja anulado e a cidadania possa manifestar-se. Só há incompatibilidade entre os dois pólos nas cabeças dos adeptos do pensamento único. É preciso ler Saviani, Gramsci, Althusser e muitos outros, mas com olhos descondicionados. Será preciso ler Makarenko, Freinet (banido do PC francês...), mas também será preciso ler Neill, Ferrer e Tolstoi... É preciso ler Marx, mas também o genro do Marx.

Devo admitir que, num aspecto os fósseis universitários têm razão: o “aprender a aprender” poderá constituir-se em mecanismo de adaptação à sociedade regida pelo capital. O neoliberalismo espreita. E certos conceitos e práticas mal diferidas podem engendrar efeitos opostos à teoria. Mal interpretado, o “aprender a aprender”, não condimentado com o exercício do sentido crítico, pode reforçar a reprodução e impedir a emancipação.

Mantenha-se “intuitiva”, seja prudente e não se manifeste demasiado, pois pode sofrer “represálias”. Ouse pensar divergente, mas discretamente. Enquanto for necessário, cuide-se! Pense e aja com outros “divergentes”, mas...clandestinamente!

Entre a ensinagem e a aprendizagem

“Mudar é difícil mas é possível”
Paulo Freire

Trabalho como coordenadora pedagógica em uma escola particular de Fundamental 2 e Ensino Médio... Se com professores polivalentes, com quem trabalhei por 26 anos, eu podia contar com as possibilidades pela formação dos mesmos em relação a realizar uma educação para todos, em que as diferenças individuais pudessem ser contempladas durante o processo ensino-aprendizagem dentro da escola, no caso dos professores especialistas esta dificuldade é imensa... a formação tão específica deles, a pouca percepção e conhecimento do ser humano e seu desenvolvimento, a idéia de que o conhecimento é construído por

todos os indivíduos ao mesmo tempo e da mesma forma... Enfim, meu grande desafio diário é colocar professores e alunos adolescentes, uns diante dos outros, com suas possibilidades e dificuldades, para um "diálogo" pessoal, que se faz necessário.

Professor:

Colocou a questão central: a necessidade de reelaboração da cultura pessoal e profissional, condição *sine qua non* para a mudança da cultura das escolas. Enquanto houver professores apenas preocupados com a sua disciplina, fechado no seu gueto disciplinar, que mudança se poderá intuir? Mas é possível mudar. Na Ponte, também vivemos o mesmo problema. A Ponte não é exemplo. Mas poderá ajudar a encontrar caminhos...

Trabalhei em uma escola particular onde se propunha um ensino diferenciado, propunham-se as idéias de Piaget e Vigotsky. Trabalhei lá por seis anos, muito aprendi sobre educação em todo esse tempo e, ao ler sobre as dificuldades passadas na Ponte com pais e professores, me lembro muitas vezes desta escola, pois a proposta era maravilhosa, tinha como princípio o desenvolvimento da autonomia, que as aulas acontecessem a partir de projetos, e muitas outras maravilhosas idéias que não funcionavam, por quê? As dificuldades eram básicas, os professores que lá trabalhavam não entendiam e/ou não acreditavam na proposta. Eram poucos os sonhadores, que levavam a proposta no coração, e isso tornava o trabalho bastante difícil. Os pais, na grande maioria, gostavam da proposta, mas devido a sua formação ter sido muito diferente eles questionavam a proposta e o trabalho dos professores diariamente. Trabalhei lá bastante tempo em conjunto com os professores estudando, discutindo planejamentos etc. É claro que o trabalho em forma de projetos engatinhava e as aulas ainda eram compartimentadas, mas estávamos sempre estudando, pra ver o que poderíamos melhorar. Quanto à motivação dos alunos, alguns se destacavam por entender como o trabalho era desenvolvido e tiravam proveito da liberdade maior que tinham. Mas a grande maioria dos alunos não tinha limites e os professores não sabiam lidar com as questões de indisciplina. Os

professores diziam que a proposta da escola não deixava que eles fizessem isso ou aquilo, isto é, a proposta os engessava, mas como eles não a entendiam, faziam o que os coordenadores ou a diretora dizia. O aluno percebia que o professor estava perdido e não sabia o que fazer. E o professor, para não agir contra o que dizia a "proposta", acabava não fazendo nada, ou muito pouco e por aí a tal "proposta" de ensino tão bem elaborada e pensada se perdia.

Hoje, trabalho na rede pública e as escolas trabalham de forma tradicional. Toda vez que coloco algo que saia milimetricamente do que se está acostumado fazer percebo o comodismo que impera na rede pública. Não consigo ver alunos motivados com professores paralisados, ou acomodados. Via isso na escola particular em que trabalhei e que tinha uma proposta maravilhosa (no papel) e vejo isso, diariamente, nas escolas em que trabalho.

Na Ponte os professores, principalmente os que chegam lá pela primeira vez, se sentem "engessados" pela proposta, não sabem como agir por não ter entendido como se age nessa ou naquela situação? E, quando isso acontece, como os outros professores, os pais e os alunos lidam com essa situação?

Professor:

Alguns professores sentem-se "engessados" pela proposta, por não a terem entendido, mas buscam o entendimento, permitem que o conflito cognitivo se instale, reequilibram-se e encontram o seu espaço no projeto. Outros professores sentem-se "engessados" pela proposta, por não a terem entendido, e porque não se dispõem a entendê-la (por maior apoio que lhes seja dado) criticam-na e acabam, quase sempre, indo embora.

A proposta não é infalível. Mas há quem se considere infalível e esteja cristalizado... No primeiro caso, facultamos ajuda aos que precisam de ajuda, aceitamos os novos professores tal qual eles são, damos-lhes todo o tempo de que precisam. Eles são acolhidos e integrados. No segundo caso, tentamos ajudá-los sem limite de tempo. Por vezes, conseguimos que mudem de atitude. Mas, quase sempre, esses professores enveredam por atitudes individualistas,

não perguntam e só lamentam, organizam-se em guetos dentro da escola. E não resta outra hipótese: convidá-los a sair da Ponte.

Nem tudo são rosas na Ponte. Os seres humanos são imprevisíveis. E há professores que se viciam de tal modo numa cultura umbiguista e "tradicionalista", que não conseguem reelaborar a sua cultura pessoal e profissional.

Sabemos que, em 30 anos, vocês reconfiguraram uma escola e que algo como uma sala de aulas convencional não é mais um espaço central. Porém, para a grande maioria dos professores a sala de aula é o principal espaço de trabalho. São professores que acreditam não possuírem poderes para reconfigurar toda uma escola, mas desejam manter seus alunos motivados e desejam estimular a autonomia em seus alunos. Que conselhos vocês poderiam dar para estes professores?

Professor:

Sou sempre adepto da prática do beija-flor. Façamos a nossa parte... e agora! O "conselho" que daria a esses professores seria que não se deixassem ficar sozinhos, isolados, em escolas que são arquipélago de solidões. Há sempre mais alguém não acomodado, nas imediações... Será preciso encontrá-los, organizar a conspiração e manter projetos na clandestinidade, até que se consolidem. Porque o maior aliado do professor que ousa questionar e mudar é o outro professor; e o maior inimigo é... o outro professor.

Depois, perguntar, ser solidário, aceitar, estudar. E perguntar, e ser solidário, e estudar. E perguntar, e...

Já ia esquecendo: e formar redes de colaboração entre professores e escolas, para que aqueles que estão sozinhos, não sintam que estão sozinhos.

Os professores, embora motivados, são inseguros diante das ações novas. Vale dizer que a motivação confirma o amor, mas a segurança é que o tornará maduro?

Professor:

Já dizia o Antoine, no Pequeno Príncipe, através da fala da raposa: "A linguagem é fonte de mal-entendidos. Só se vê bem com o coração". Para falar Educação, é necessário recorrer a metáforas, a aspas e reticências... Acreditar que o leitor reinterpreta e faz seu o que está nas entrelinhas. Já fui acusado de exagerar na utilização desses recursos. Dizem os críticos que o meu estilo gera utopia. Eu respondo que o discurso formal nem utopia gera e não passa de ficção (talvez) científica. E aponto-lhes (com a humildade possível) a utopia realizada na Ponte.

Acredito que, em todos os tempos e lugares, haverá redundância teórica estéril e praticismo desastroso. Que haverá utópicos que ousam agir e utópicos que se quedam na inércia. Acredito que, em todo o tempo e lugar onde aconteça aprendizagem, haverá educadores e mercenários. Confio no futuro, porque sei que haverá sempre educadores com "amor maduro". É como refere: a motivação confirma o amor e a segurança torna-o maduro.

"A única coisa que importa é colocar em prática, com
sinceridade e seriedade, aquilo em que se acredita."
Dalai Lama

Frases como: "se os professores só derem respostas e não se questionaram", "há também dificuldades de ensinagem", "falo de interrogações radicais" e "os professores tiverem mais interrogações que certezas", me remetem a essa idéia de que o professor precisa se olhar, se rever, precisa pensar que formar o outro é formar a si mesmo, ou seja, discurso e prática como algo articulado, coerente.

Trabalho numa faculdade de educação e, como o foco é a formação, discutimos muito sobre a formação dos futuros professores numa perspectiva chamada homologia dos processos. Uma questão meio tabu entre os alunos do curso de pedagogia são as reclamações deles sobre as aulas, a maneira como são ministradas, os conteúdos desinteressantes, a falta de diálogo e de espaço para debater com os professores esses problemas, o saber cristalizado dos professores. Ao que parece, os alunos não conseguem chegar aos professores e discutir sua falta de motivação; os professores, por sua vez, não parecem achar que deveriam se rever na sua prática e/ou na relação com os alunos e

com o conhecimento. Eu sempre ressalto para eles a importância de criarem esse espaço na universidade, porque o que está acontecendo hoje na escola tem muito desse processo, que acontece já na universidade, como um rio que já tem sua nascente, precisando de cuidados, não recebe esses cuidados e, depois, o leito vai ficando mais e mais doente.

Como formar professores que tenham como referência a importância de se questionar radicalmente, ou que tenham mais interrogações do que certezas, se os professores que os formaram não fazem isso e, por conseguinte, se tentam ensinar os futuros professores que devem fazer isso, deixam evidente que existe distância entre seu discurso e sua prática?

Essa coerência não é necessária na formação, tanto de futuros professores quanto dos alunos? Por que os professores da universidade pensam que "na universidade é diferente"? Não seria isso uma das causas que distancia tanto a universidade de conseguir formar profissionais mais preparados para atuar com a realidade das escolas?

Professor:

Seria suposto que a Universidade fosse a matriz, o exemplo para as escolas e professores. Porém, em Portugal, é na Universidade que encontro os maiores focos de resistência a tudo o que possa ser novo ou diferente. As instituições tendem para a conservação, mas a maioria dos professores das nossas universidades confunde conservação com "conservadorismo". Depois, é só juntar-lhe o velho aforismo que diz "olha para o que eu digo"...

A formação de professores neste país que me coube em sorte é a negação da formação. Os jovens candidatos a professores são formatados em modelos de ensino obsoletos, à imagem e semelhança dos usados pelos mestres que os formatam.

Não se pense que estarei a exagerar. Conheço excelentes professores universitários, aqui e aí, desse lado do mar, que imita este lado naquilo que não deve imitar. Mas, ainda ontem, tive o infeliz ensejo de participar num debate numa Universidade portuguesa que, supostamente, forma professores. Assisti a cenas inenarráveis. Alunos, que serão professores daqui a dois meses,

apresentaram os seus trabalhos finais. A única diferença entre as descrições que fizeram e aquelas a que eu assisti há 30 anos apenas consistia em dois pormenores. Há trinta anos, não havia data show. E também não havia celulares a tocar durante os debates...

Creio que vivemos num círculo vicioso. Quem sabe, faz. Quem não sabe ensina. E quem não sabe ensinar faz formação de professores...

Não sou pessimista. Acredito na capacidade e competência de muitos professores universitários que remam contra a maré. Sejam os esperançosos.

O que é possível fazer (em Portugal!...)? Abstrairmo-nos de que existe formação inicial de professores e que os alunos dessa "formatação" são socializados em modos imbecis de fazer escola e só nesse modo. Fomentar o aparecimento de coletivos de professores, que desenvolvam efetivos projetos de mudança, e projetos de formação em equipa, em estreita ligação com professores universitários que não padeçam de pensamento único.

Não se pode estar à espera de que tudo seja perfeito...

Estamos tratando de motivação e nosso enfoque quase sempre é o aluno. Sabemos que nós, professores, só teremos alunos motivados se também estivermos motivados. Percebo que os professores da Ponte têm um alto nível de motivação. O que fazer, para manter sempre essa chama sempre acesa?

Professora:

Se lhe falasse só de coração, diria que a minha motivação diária, desde que entrei para a Ponte foi o idealizador do projeto. As suas palavras ecoavam nos meus ouvidos como estímulos para a ação. Contava-nos como o projeto começou, as barreiras que ultrapassou com os restantes colegas e as histórias encantadoras de crianças com quem trabalhou. Dava-nos força para continuar nas adversidades, alertava-nos para os erros cometidos, fraternalmente. Ouvia-nos, ouvia-nos com muita atenção. Mas outros fatores nos motivavam: o afeto

entre colegas, os momentos de descontração, num final de dia de trabalho, os convívios com os pais dos alunos.

Ao longo dos anos, foram muitas as transformações na Ponte. E essa pequena equipa (com uma relação quase familiar) cresceu para uma grande equipa, com mais orientadores e com uma relação profissional também de muito respeito e frontalidade. Porém, penso que a afetividade e solidariedade é entendida, hoje, em outro nível. Há momentos que me galvanizam e me dão estímulo para continuar, confirmando o quanto eu acredito neste projeto. São os debates de alunos, as assembléias, as intervenções da Comissão de Ajuda, as partilhas em tutoria...

Na Ponte, é tarefa fácil estarmos motivados, porque estabelecemos com as crianças relações muito próximas, autênticas, presenciamos atitudes e posturas de verdadeira cidadania, que nos fazem corar (pois sabemos que os adultos nem sempre são capazes de tal postura) e atuamos em função das necessidades deles e não das nossas. Então, sentimos que estamos verdadeiramente a fazer o papel do educador: ajudar a crescer.

Professor:

Quem sou eu para dar conselhos em relação a algo tão íntimo e pessoal. Dou a minha experiência pessoal. Ter relações realmente significativas com os alunos (eventualmente, não com todos, mas pelo menos com alguns) ajuda imenso. Faz com que estejamos mais bem dispostos no dia a dia e que compreendamos (totalmente) como a qualidade do nosso trabalho é importante. Aproveitar os bons momentos e guardá-los num lugar especial da memória. Há momentos que compensam quase tudo: um abraço dado na altura certa, um colega a ajudar outro na altura certa, uma chamada de atenção que um aluno nos faz, a descoberta de algo por parte de um aluno, a observação do crescimento pessoal. Ah! E a certeza do caminho certo (mesmo que se mude muitas vezes de caminho certo). E ter uma equipe coesa e solidária. Não se pode estar à espera que tudo seja perfeito, mas tem que se olhar para quem trabalha conosco e sentir que existe um querer comum.

Como professora universitária, estou acompanhando essa discussão sobre motivação e autonomia, principalmente junto aos

futuros professores (aos quais tenho também a responsabilidade de formar).

Sinto da parte dos alunos futuros professores uma cobrança para que exerçamos controle sobre os seus fazeres. Não vejo como desmotivação, mas como se eles quisessem saber o que desejamos, para que seja feito aquilo que desejamos (como professores), não importando o que eles querem, desejam... É como se eles não sentissem ou não valorizassem a sua própria vontade. Em contrapartida, as crianças (vejo por minha filha de 8 anos) sabem o que querem, o que desejam e conseguem dar clareza de tudo isso. Fico perguntando sobre como acontecerá a relação dessa geração, que concretamente nos mostra o conceito da auto-eco-organização, com a de professores, que ainda sonham com receitas do como ensinar. Será que emburrecemos nossos alunos? Será que por mais que nossos discursos sejam "avançadinhos", nossa prática se prevalece retrógrada?

Qual o tipo de trabalho de formação permanente que a Ponte oferece aos seus professores, especificamente no que diz respeito à autonomia e motivação, em vista de trabalhá-las com as suas crianças? Ou todos estão permanentemente motivados e são autônomos o suficiente para não necessitarem de nada mais?

*Ninguém nasce feito,
é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos*
Paulo Freire

Professor:

Penso que ninguém está eternamente motivado, nem eternamente autônomo. Quanta vez me apetece ficar no meu canto, sozinho! No entanto, a Ponte é um projeto coletivo, de que gostamos imenso e que percebemos que, em parte, nos transcende ou que nos leva à transcendência.

Quando as coisas estão complicadas, a motivação vem, quase exclusivamente, dos nossos alunos. Os alunos são, simultaneamente, uma responsabilidade, um desafio, um estímulo. Se isto estiver sempre na nossa cabeça, arranja-se sempre motivação. Por outro lado, o fato de sermos uma equipa (com altos e

baixos) ajuda imenso. Se alguém está um pouco mais em baixo, logo um colega/amigo se apercebe e dá uma ajuda. A reflexão contínua em torno dos nossos problemas e em torno da melhoria do trabalho leva a que estejamos (como equipe) sempre atentos.

Acredito piamente que a Escola "emburrece" os alunos dentro dela própria. Na sua vida extra-escolar os alunos continuam a aprender muita coisa que passa ao lado da Escola, continuam a ter idéias originais. Na grande maioria dos casos, não tiveram ajuda para encontrar boas vias de encontrar respostas, mas a curiosidade continua lá.

Em relação à autonomia dos alunos, uma parte é relacional e tem muito a ver com a nossa disponibilidade e com a disponibilidade do grupo de trabalho. Aliás, isto é também válido na relação com os pais e com todos os intervenientes. Com os pais, tentamos desenvolver um trabalho de parceria, escutando muito, sugerindo por vezes, mas dentro de um quadro de valores/crenças coerentes com o que cada família é. O respeito é para com os alunos, com os pais, com os colegas, com todos.

Professora:

Acreditar que existem receitas infalíveis para ensinar e esperar que os outros nos digam o que queremos fazer é um indício de ausência de autonomia e de reflexão. Quando refere que futuros professores cobram um controle do seu trabalho, acredito que a escassez de práticas em contexto os force também a procurar respostas na experiência alheia. Concordo que não seja esta atitude sinal de desmotivação, mas falta de segurança e confiança nas suas decisões.

A junção de professores indecisos com alunos que sabem o que querem pode conduzir a que os primeiros refreiem a vontade e motivação dos últimos e mantenham as suas práticas retrógradas.

Na Escola da Ponte (e em qualquer escola ou contexto), a autonomia nada tem a ver com o comodismo e a estagnação, por isso, cada orientador educativo busca formação, mediante a análise das suas necessidades e das necessidades dos alunos. Para, além disso, é habitual a participação da escola em palestras sobre questões educacionais, bem como, internamente, a

dinamização do que designamos Espaço Professor, ou seja, momentos de reflexão conjunta, conduzidos por um convidado.

Um sistema aberto como “estratégia”

Foi dito que "tudo foi feito lentamente, todas as mudanças foram resultantes de uma preparação meticulosa e objeto de uma avaliação rigorosa". A primeira idéia que me ocorreu foi a de um "planejamento estratégico" (designação que anda em moda) muito bem feito. Desejo saber se é por aí mesmo e tenho a impressão que vai mais além. Se possível, quero conhecer mais sobre esse "mais além".

Professor:

Eu tenho uma idéia clara do que pretendo que a Ponte seja. Contudo, tenho consciência de que os processos de transformação pessoais e institucionais são lentos e sujeitos a contradições.

A minha atuação é em grande parte fruto de "planejamento estratégico", de uma visão filosófica e política da Educação e da Sociedade. Há aspectos relativos à educação (e são muitos) que fazem parte do que somos como pessoas e que condicionam toda a nossa prática, mas isso é do domínio do individual e só em interação com todos os outros é que ganham sentido e capacidade de transformação. Esse é o meu "mais além", que precisa ser estruturado nos problemas concretos da Ponte.

Há uma seleção de alunos para entrar na escola da Ponte? Trata-se de uma escola pública. Portanto, a seleção de professores deve se dar através de concurso público. Como se dá a preparação dos professores para o trabalho específico da escola da Ponte?

Educadora brasileira:

Não há nenhum tipo de seleção e, por enquanto, a escola tem atendido a todas as crianças e adolescentes que lá chegam. No momento, está com a sua capacidade máxima ocupada.

A própria escola, a partir de 2005, define critérios e seleciona os seus professores, através de concurso público. No último processo, exigiu-se experiência, títulos, realizou-se entrevistas com base no texto do Projeto da Escola. Isso tudo não garante muita coisa e é claro que requer um tempo e esforço de cada um para compreender a práxis da escola. Entretanto, não há nenhuma formação específica, sistematizada. Quem chega vai apreendendo com os outros colegas, discutindo no dia a dia, exercendo o que se espera seja capaz de mediar junto aos estudantes: a solidariedade para exercer a interajuda e a humildade para pedir ajuda quando necessário.

Como os professores são admitidos? Como um projeto, que tem como um dos seus pilares a formação cidadã, pode ter um corpo docente cindido?

Educadora brasileira:

A integração do corpo docente é um grande desafio da Ponte. Recentemente, entraram muitos professores novos, professores que ainda não tinham trabalhado com uma proposta parecida, outros com vícios arraigados na prática docente e que precisam ser reestruturados, para conviver com a cultura da Ponte.

Juntamente com os professores novos, também estavam presentes professores mais antigos. Alguns já demonstravam cansaço e outros não conseguiam suportar a "crise" instalada, devido a ataques vindos do exterior da escola. Alguns ainda necessitavam da liderança do idealizador do projeto, outros buscavam novos caminhos e discordavam da atual estrutura e administração. Um verdadeiro projeto atravessa situações idênticas. São períodos de renovação.

"Gosto muito de estar na Ponte apesar de todos os defeitos e contrariedades que a escola ainda tem e provoca." Fiquei curiosíssima! Conta, por favor, um pouco destes aspetos negativos que

vocês ainda vivenciam, ou já vivenciaram. A gente, de longe, só tem idéia das coisas maravilhosas que acontecem. Mas talvez seja importante também vermos este outro lado...

Professor:

Uma máxima, que tenho utilizado muito nestes mesmos últimos anos de vida, é que "tudo tem vantagens e desvantagens". E, na Ponte, também assim é. Vejamos...

Na Ponte, trabalha-se em equipa, o que nos permite desenvolver um trabalho muito mais rico. Contudo, também leva a que existam mais conflitos (positivos, mas conflitos). Tudo se pode alterar porque somos muitas cabeças pensantes. Assim, é habitual haver discussões que são, por vezes, acaloradas. Tudo isso nos faz crescer (pessoalmente, profissionalmente e enquanto escola). Mas, por vezes, dá vontade de “explodir”, de ir para outra escola, onde não haja esse tipo de situações. O certo é que, depois de nos acalmarmos, voltamos a pensar que é ali que devemos estar.

A Ponte é um todo orgânico. E, como todos os organismos, alguns órgãos, tecidos ou células têm pequenos problemas (permitir que os alunos não utilizem os diferentes dispositivos e substituí-los pelo professor, por excessiva diretividade do professor, falta de autoridade do professor, excessivo autoritarismo por parte do professor, falta de calma...) e, para que o organismo se recomponha, é necessário que possua defesas e mecanismos de auto-regulação (reuniões entre professores, comentários dos alunos, reuniões com os pais, entre ajuda entre colegas...).

Se o organismo se desgasta, numa primeira fase, fortalece-se com os anticorpos que produz. O que vale é que todos os membros da comunidade educativa vão sendo glóbulos brancos, em diferentes ocasiões, tornando o organismo mais forte. Talvez esta metáfora responda à questão colocada.

“Da discussão nasce a luz”

Como é realizado o processo de seleção dos professores? Por habilidades? Pessoalidade? Sensibilidade? É trabalhado algum tipo de formação continuada junto a eles? Como manter a motivação de fazer parte do projeto?

Nos textos, aparece, por vezes, a existência de um "mal estar docente" ser um dos desafios...

Educadora brasileira:

Logo que cheguei à Ponte, percebi que muitos professores tinham acabado de ser admitidos. Parece que a seleção desses professores foi um pouco diferente das anteriores, enfatizou questões como experiência, currículo, título... Foi um pouco mais burocrática. Muitos dos que entraram nunca tinham vivenciado a Ponte e alguns dos que deixaram de entrar já eram voluntários da escola, já conheciam um pouco essa prática e acreditavam no projeto. Acho que o "mal estar" começou daí.

Para estar na Ponte, é necessário abraçar o projeto e ter disponibilidade para a "desconstrução". Isso não é fácil para muitos docentes! É preciso um trabalho de formação permanente e muita discussão coletiva.

Os docentes se reuniam toda quarta feira para discutir o trabalho e pareciam ser reuniões "quentes". Havia diferentes opiniões sobre o projeto e sobre a forma de conduzi-lo. Não percebia um movimento muito organizado em termos de formação continuada: leituras, grupos de estudo... Acho que é outro grande desafio no futuro da Ponte.

Um professor refere: "tivemos uma discussão extremamente interessante no núcleo da Consolidação (reunião de núcleo e eu só posso ir a uma de cada vez) e foi uma boa discussão de temas pedagógicos, em volta da motivação do querer e do dever, da autonomia possível e da heteronomia ainda necessária".

Eu gostaria de ter maiores detalhes. Na Ponte, existe alguma abertura extra, em termos curriculares? Como isto se dá? Há uma referência que, em muitos casos, é ultrapassada tendo em conta as finalidades do Ensino Básico português e das finalidades gerais de cada uma das áreas a serem trabalhadas? A definição do tema é feita pelos alunos com orientação dos

professores? É este o diferencial que a Ponte apresenta para o fato de propor ao educador um abandono ao papel de "transmissor de conteúdos' para se transformar num pesquisador, e o aluno por sua vez, passa de receptor passivo a sujeito do processo?

Professor:

As reuniões dos três núcleos ocorrem ao mesmo tempo. Contudo, todos os professores pertencem a um só núcleo. Só o coordenador geral e a gestora não estão agregados a um determinado núcleo. A gestora não costuma estar nas reuniões de núcleo. Como coordenador geral, estou sempre numa delas. A decisão daquela em que estarei, normalmente, passa pouco por mim próprio. Consoante as questões que são levantadas em cada núcleo e as solicitações das respectivas coordenações, decidimos todos, em conjunto.

Confesso que, em casos muito específicos, escolho uma determinada reunião, porque sinto que vai ser especialmente interessante.

As reuniões de Dimensão também ocorrem todas em simultâneo.

Existe, claramente, abertura para que os alunos trabalhem para além do prescrito no Currículo Nacional. Sempre que um aluno quer trabalhar algo que não está previsto no CN, existe a possibilidade de o aluno ir além. Na maioria dos alunos há relação com o currículo nacional e não há qualquer problema. Darei um exemplo: “sopro no coração” não está diretamente citado no currículo nacional, mas está intimamente ligado ao sistema circulatório e era algo significativo para um aluno, porque tinha descoberto que padecia de um “sopro no coração”... Outro exemplo: “carros tuning” não estão citados no currículo nacional, mas o assunto está relacionado com as regras da prevenção rodoviária, com novas formas de negócio...

Em alguns casos, nós (orientadores educativos) não fazemos a mínima ideia do que há para saber (o caso dos carros tuning) e temos que pesquisar sobre o assunto. Por vezes, os alunos pretendem estudar com um grau de profundidade que nós não dominamos. E é necessário que nós pesquisemos também. Em todos estes processos, o aluno encontra-se muito empenhado e nós aprendemos.

Se um dos fundamentos básicos do projeto da escola da ponte se refere à concepção de que o aluno está em permanente desenvolvimento, como é visto o desenvolvimento do docente em suas ações, seguindo esta perspectiva de desenvolvimento?

Professor:

A Ponte baseia-se no princípio de que todo o ser humano está em constante processo de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, também estamos todos nós.

Quando as coisas estão um pouco mais complicadas, faço um grande esforço para pensar como era há um ano, há dois, há três... E registro com satisfação as alterações que surgiram e a minha própria melhoria. Já me zango menos vezes, já consigo estar mais atento a pormenores pessoais, o que, antes, não conseguia. Já consigo ter um melhor raciocínio estratégico, já consigo admitir que tenha errado, já percebo melhor por que é que fazemos as coisas como fazemos, já consigo relacionar-me melhor com os alunos... E, tal como no caso dos alunos, este desenvolvimento proveio da experiência, da necessidade, da comunicação, da emoção...

“Os espaços são de todos, a responsabilidade é de todos”

Na escola em que trabalho, também tem, semanalmente, as reuniões, que chamamos de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo. Em tese, são utilizadas para estudos e para direcionar o trabalho, mas não sinto estes momentos frutíferos. O que eles fazem para dar certo?

Educadora brasileira:

Infelizmente, não acompanhei todas as reuniões de equipe, mas do que percebi fora das reuniões é que a Ponte toma como ponto de reflexão o próprio cotidiano, não tem medo da mudança, ou do debate. Acredita que, através do debate, é possível mudar a escola, que o trabalho sempre tem que ser pensado em termos da equipe educativa.

Os professores convivem em um mesmo espaço, não estão separados por paredes ou horários, precisam se encontrar, precisam conviver, mesmo que isso não seja fácil. Não adianta acreditar que estão realizando o seu trabalho com a sua turma específica, sem saber como andam as outras turmas. Os espaços são de todos, a responsabilidade é de todos.

Ao longo do ano letivo, existem momentos para que os orientadores educativos reflitam coletivamente sobre suas relações e ações pedagógicas? De que maneira isso é feito?

Professor:

Todas as quartas-feiras, à tarde, estão reservadas para nos reunirmos. Numa quarta, é reunião geral (todos os orientadores educativos); na seguinte, é reunião de núcleo e de dimensão.

Sinto que, agora, voltamos a discutir aspectos mais pedagógicos. Durante muito tempo, as reuniões de equipa foram dedicadas a discutir outros aspectos essenciais à escola. As relações com o ministério deram-nos muitas dores de cabeça...

Costuma existir uma convocatória, de forma a que cada um se possa preparar melhor. Nas reuniões de núcleo e dimensão, como se referem, normalmente, a aspectos mais próximos de cada um, a ordem de trabalhos é um pouco mais informal.

A chave para a sobrevivência: solidariedade

Uma professora disse que chegou à Escola da Ponte em 97 e que foi amor à primeira vista, que sobreviveu a muitas crises e que, mesmo assim, continua acreditando neste projeto. Gostaria de saber qual o desafio que mais marcou a sua vida como educadora na Escola da Ponte. Quais as estratégias utilizadas para vencer esse desafio?

Outra professora ingressou na Ponte através de um concurso, num momento em que pensava em desistir da educação. Através da Escola da

Ponte, encontrou na prática os fundamentos teóricos em que tanto acreditava. Será que poderia contar com mais detalhes, através de exemplos, o que encontrou na Ponte, que a fez acreditar novamente na Educação?

Professora:

A chave para sobreviver a esta e quem sabe a outras dificuldades, que ainda virão... é a **solidariedade**. Foi no grupo que fui buscar a força e a tranquilidade para superar momentos difíceis que fomos vivendo na Ponte. Quanto ao desafio que mais me marcou, gostaria de dizer que não houve um momento alto, que mais me marcou. É na simplicidade do dia a dia, nos pequenos momentos em que nós precisamos ultrapassar o individual, para um trabalho coletivo, que sentimos os desafios. Apesar de estar a alguns anos na Ponte, sinto que ainda estou a começar, que tenho muito para aprender. A Ponte é um desafio constante à nossa cultura pessoal e profissional. A partir do momento que pertencemos à Ponte, deixamos de ser aquilo que antes fazíamos: ser professor da na sua salinha, com a sua turminha. Essas mudanças são demasiado fortes e são sentidas em equipa de diferente modo. O difícil é conseguirmos reconhecemo-nos nos mesmos princípios e objetivos! Quanto a estratégias, elas passam pela reflexão, pelo debate crítico, pela tomada de decisão coletiva.

E, é no registro do cotidiano que a formação acontece

Existe algum tipo de trabalho voltado para os educadores, em relação à motivação? Cursos, reuniões que não sejam exclusivas para discutir o dia a dia e as práticas, algum evento cultural, ou incentivo à participação em congressos e tais?

Professor:

A aprendizagem mais significativa e a formação mais necessária acontecem em espaços e tempos informais. Ao contrário de ações de formação

planejadas, a informalidade não é passível de planejamento. Acontece. Somente teremos de criar condições para que aconteça, nas escolas e fora delas. A escola é o pior dos lugares para a formação...

O cimento ("concreto") de uma equipa de projeto é o vínculo afetivo. O afeto pressupõe intimidade. Abrir-se ao outro pressupõe estar "seguro de si", ter "amor maduro". Perdoa o recurso freqüente às aspas e a metáforas, mas nunca encontrei um quadro conceptual que me permitisse falar de outro modo da formação necessária. O discurso sobre formação está contaminado por práticas "tradicionalistas", pelo modelo de escola que ainda vamos tendo e pela ortodoxia teórica. Nem mesmo os mais recentes contributos das ciências da educação lograram sair de um discurso redondo.

Em tempo "normal", a informalidade acontece na Ponte. A formação acontece, planejada ou não.

A Autonomia e Motivação dada aos professores oportunizaram a realização da Ponte. Percebemos também em nossas escolas o comprometimento de professores motivados, por propostas educacionais apresentadas, discutidas e construídas pela equipe de professores. O que me instiga à pesquisa é saber como a autonomia passa a fazer parte da pessoa como profissional.

Porque uma equipe de professores perde a motivação e autonomia diante da mudança do líder? Por que professores motivados e autônomos numa proposta construída retomam a inércia e a dúvida de quem espera sempre o motivador? Porque se desestimulam novamente?

Professor:

Esse é um dos grandes mistérios por desvendar. As regressões a que assisti, em projetos, que acompanhei de muito perto, resultaram, quase sempre, da mudança de líder. Sempre que isso aconteceu, muitos professores refugiaram-se em posições mais seguras, que o mesmo é dizer: mais acomodadas. Como referi, esse fenómeno continua sendo um mistério por desvendar. Mas hei-de conseguir entender.

No meio da dificuldade encontra-se a oportunidade

A respeito dos alunos que foram "jogados fora" por outras escolas... Muitos dos nossos educadores não duravam uma semana, não suportaram a intensidade dos desafios e da própria convivência no trabalho cotidiano com os trinta meninos e meninas de rua que atendíamos. Ficavam desgostosos, desanimados, e pediam para serem substituídos.

Percebem estes desgostos e desânimos entre os educadores e/ou em suas experiências? Como é esta relação aí, na Ponte? Como vocês atuam? Desenvolvem algum trabalho de serviço social no resgate dos vínculos sócio-familiares dessas crianças? É assim que começam o seu trabalho de "conhecer as crianças"?

Espero não estar "chovendo no molhado".

Professor:

Não está "chovendo no molhado". Fico gratificado por saber que a Ponte não está sozinha. Já o sabia. Mas não sabia que, por aí, isso acontecia.

Compreendo muito bem os desgostos e desânimos entre os educadores. Eu próprio senti vontade de abandonar o projeto, em tempos de profundo sofrimento e incerteza. Confesso a minha fraqueza. Felizmente, nunca cedi à vontade de desistir.

Trabalhar com crianças e jovens rejeitados é uma dura tarefa. Muitas vezes, escutei desabafos de quem os tentava resgatar: "eles são uns ingratos". A auto-estima desses alunos estava de rastros. As experiências que haviam vivido marcaram-nos de tal modo, que a reciclagem dos afetos se tornava quase uma missão impossível.

Na Ponte, o momento não é fácil. Existe muita fragilidade interna. E o trabalho com as famílias (quando esses alunos a têm) é muito precário. Creio que ultrapassamos o número crítico no acolhimento de alunos vindos expulsos e maltratados. E que já não estaremos conseguindo dar resposta satisfatória a todos. Existe um sentimento de impotência, que desgasta. Espero que possamos sair, em breve, desta situação.

Como vê a Ponte não é diferente de outras escolas. Depara com os mesmos problemas. Procura soluções, como vós procurais. E este exercício de solidariedade (a que damos o nome de diálogo) é exemplo disso.

Compreendo bem que muitos dos vossos educadores "não durassem uma semana e não suportassem a intensidade dos desafios". Creio serdes dos resistentes, que não se deixam abater.

Gostaria que falasse um pouco mais a respeito da "vocação da escola". Por exemplo, em que termos colocaria esta vocação; em qual período da História da Humanidade, esta vocação da escola teria sido exercida de maneira plena, ou satisfatória?

Há alguns anos atrás, discutia-se a aplicação das "novidades" importadas em termos de metodologias (principalmente dos USA) na escola fundamental e média. Em todos os encontros, o público era constituído majoritariamente por professores mais preocupados em como seriam atingidos profissionalmente por uma eventual reforma do que em discutir eventuais méritos das novas propostas.

Nessa época, estava encarregada de conduzir um processo de discussão para elaboração de um novo currículo de um curso da Faculdade em que trabalhava. O maior problema que enfrentei nesta empreitada foi a resistência dos professores quanto a realizar mudanças em suas disciplinas, embora a maioria se declarasse favorável a que as "novidades" fossem adotadas no ensino fundamental e médio.

Como é possível mudar a escola, sem considerá-la em todos os seus níveis? Como amadurecer um processo de mudança da escola, somente a partir do ensino fundamental? A mudança não deveria ser incrementada nos cursos de formação de professores? Como fazer isto, sem primeiro promover a mudança de postura e mentalidade dos professores universitários?

Professor:

As suas interrogações são as minhas interrogações. Como já respondi a alguém, essas interrogações têm-me acompanhado desde sempre. A pessoa do professor é o "nó górdio", é o "X da questão", como dizeis no Brasil.

Creio ser impossível mudar a Escola, operando somente num dos seus segmentos. É necessário considerá-la em todos os seus níveis, não apenas no ensino fundamental. Aliás, aos quatro anos, no Jardim Infantil, já quase tudo está decidido...

A mudança deveria ser incrementada nos cursos de formação de professores. Mas não é isso que acontece. E a Universidade tem grandes responsabilidades na reprodução de modelos, que geram insucesso, exclusão e abandono.

Como fazer? Não sei. Vamos tentar descobrir? Tenho sintetizado a vocação da Escola numa epígrafe: fazer dos alunos pessoas mais sábias e mais felizes. A partir desta definição, será necessário esclarecer: o que é Escola e o que é um "aluno", o que é uma "pessoa", o que é a sapiência e a felicidade.

Fico analisando as perguntas de vários colegas sobre a fundamentação teórica que a Escola da Ponte se baseia... Uma junção de Rogers, Freinet, Paulo Freire etc. Pergunto: a Escola, em si, não é uma nova teoria? Todos estes educadores citados não são apenas uma referência teórica para subsidiar a prática “nova” da escola da Ponte? Nova aos nossos olhos, pois, nestes anos todos, acredito que tenha se construído muitas teorias. Tratando de educação não temos uma receita a seguir... Nas reuniões de equipe, vocês costumam registrar as descobertas?

Professor:

Penso que o descreve na parte inicial da sua mensagem é efetivamente verdade. Não tanto o sentido de estarmos a tentar produzir uma nova teoria, mas no sentido de fazermos uma nova teoria partindo da reflexão sobre teorias e sobre os nossos problemas.

Das nossas reuniões de equipa são lavradas atas, que só resumem o que foi discutido e as decisões tomadas. A Ponte não tem (e não creio que tão cedo possa vir a ter) a idéia de registrar todo o seu trabalho e tudo aquilo que reflete. Efetivamente muita coisa se perde na poeira dos dias... Mas já há muitos estudos de mestrado e doutoramento sobre a Escola da Ponte.

As nossas reuniões são reuniões de trabalho. Aliás, neste momento estamos a precisar reunir alguns documentos de reflexão interna feitos nos últimos anos, para enviar para o Ministério.

Professora:

A discussão e reflexão teóricas no âmbito da Pedagogia têm sido adiadas para um segundo plano que, raras vezes, nos últimos tempos, entra em ação, por falta de tempo ou de capacidade de gestão de prioridades. Há necessidades do dia-a-dia que acabam por nos enredar e distanciar do que também é crucial. Contudo, neste ano, pretendemos recuperar práticas do passado que faziam, por exemplo, das reuniões de equipa momentos privilegiados de partilha, com sustentação teórica, e de procura de respostas às exigências da prática pedagógica. Tivemos a oportunidade de enumerar temas passíveis de serem discutidos nesse contexto. Não sei se será pertinente, mas posso enunciar duas das minhas propostas, como exemplo (embora ainda não saiba se estarão, um dia, em cima da mesa): conceito de “cidade educadora” e avaliação dos alunos ditos com “necessidades educativas especiais”.

“As reuniões semanais, nem sempre reúnem toda a equipe” – Quero saber se há alguma discussão teórica nesses encontros, se os professores, assim como os alunos, fazem pesquisas em torno de seu objeto de trabalho: a educação. Caso haja, quais são os temas discutidos? Quem são os autores mais pesquisados?

Professor:

É verdade que nas reuniões não se tem discutido pedagogia no sentido estrito do termo. Ou seja, não temos analisado especificamente um determinado autor ou assunto. Contudo, sempre que nos deparamos com um determinado problema e o tentamos solucionar, a discussão é pedagógica. A única exceção poderá ser quando nos debruçamos sobre aspectos essencialmente administrativos. Mas mesmo estes, muitas vezes, trazem a lume aspectos pedagógicos (a questão das instalações é disso um bom exemplo).

Há questões que aparentemente não são pedagógicas, que são mais funcionais (exemplo: funcionamento prático da Assembléia). Contudo, a resolução destes problemas tem que ter como base tudo o que é o nosso projeto e os seus fundamentos. É pedagógico...

Não será uma discussão tão profunda como poderia e deveria ser? Concordo, mas de qualquer forma: água mole em pedra dura tanto dá até que fura. Por outro lado, não acredito que nas reuniões de dimensão (aspectos pedagógicos mais relacionados com cada área específica) e de núcleo (aspectos pedagógicos mais individualizados) que a discussão não gire também em torno de aspectos pedagógicos que, muitas vezes, não serão completamente explicitados e tratados como tal, mas que não deixam de ser pedagógicos. Tudo o que fazemos dentro de uma escola é pedagógico, pode é não ser entendido como tal...

Um todo orgânico: o papel dos dispositivos pedagógicos

A Assembléia atua diante dos problemas com professores, já que são problemas da escola? A indisciplina dos mestres também é apontada nas Assembléias da Escola? Acontece em reuniões de professores? Estas seguem a mesma forma das assembléias de alunos?

Professores:

Em primeiro lugar, será importante referir que o “Grupo de Responsabilidades” a que estamos mais afetos é precisamente, a Assembléia. A nossa experiência nesta responsabilidade não é muito vasta, uma vez que se trata do primeiro ano que tal acontece. Está a ser uma experiência extremamente gratificante e uma aprendizagem fantástica.

A Assembléia de escola é dos alunos e não dos professores. É tudo feito e preparado por eles: a logística da assembléia, a elaboração das convocatórias, as reuniões preparatórias, as atas, a dinamização das reuniões e o balanço das mesmas. A intervenção dos professores deverá ser a menor possível.

Deverá acontecer em casos muito excepcionais e quando verificamos que os trabalhos estão a “caminhar” em sentido errado, o que raramente acontece.

Em todas as reuniões de Assembléia existe um ponto na ordem de trabalhos dedicado aos professores, aos pais, aos auxiliares educativos e às visitas que recebemos na escola.

Os professores não se reúnem de modo tão formal como os alunos. Mas “copiamos” muitos dos procedimentos que eles utilizam como: pedir a palavra, respeitar as decisões da maioria, tentar ajudar os colegas...

É evidente que isto nem sempre acontece. Por vezes, sentimos que as assembléias decorrem bem melhor do que as nossas reuniões. Os adultos são mais “complicados” do que as crianças. Devido a vários motivos, as nossas reuniões têm sido mais direcionadas para assuntos de ordem administrativa do que para assuntos de ordem pedagógica, como deveriam ser. Estes momentos são de excelência para o nosso desenvolvimento pessoal e coletivo. Todos esperamos que essa tendência venha a se inverter nos próximos tempos...

Será que podemos dizer que a distância que o professor tem de si mesmo (no sentido de não fazer o que, de fato, sua alma deseja), aquela ausência de si em estar dando aula só para ganhar o seu salário (e não por gostar), não se reflete em aulas, que acabam por desconsiderar a realidade dos alunos?

Professor:

Todo o ato de aprender é um ato de relação. De relação que não é meramente cognitiva, mas também afetiva, emocional, moral, estética... Quando um professor estabelece um vazio constitutivo entre ele e os alunos, quando não cria vínculos, é o próprio professor quem fica sozinho. E é nessa solidão que sofre e espera a hora da aposentadoria ou de um laudo que o dispense da ingrata tarefa de ensinar... Muitas escolas são espaços de solidão. Muitos docentes vendem o seu tempo. O ainda inevitável "horismo" brasileiro...

Escasseia o exercício da solidariedade nas nossas escolas. Foi até este abismo que nós deixamos chegar a nossa nobre profissão. Conforta-nos o fato de que, a partir de bater no fundo, tudo só poderá mesmo melhorar. Não será

assim? Façamos por isso. Acredito que dará o seu contributo para a elevação do degradado estatuto social da nossa profissão.

No item 15 do "Projeto Educativo da Escola da Ponte", fala-se que ele está fundado no currículo nacional, articulado e organizado nas cinco dimensões especificadas no item subsequente. Minha questão é, e se o aluno não quiser tratar de nenhum tema ou assunto referente ao currículo? O que fazem? Reitero, e se os alunos recusam-se a trabalhar/estudar?

Professora:

É preciso ter em consideração que a Ponte é uma escola pública e, como tal, funciona de acordo com todos os pressupostos legais que regulam o ensino público. Também como já referiu, o currículo na Ponte tem por base o Currículo Nacional. Acontece que, na Ponte, este é entendido como um currículo aberto e flexível. E, quando digo aberto, tem a ver com a questão que me coloca, porque entendemos que a escola deve procurar valorizar os saberes que as crianças possuem, mesmo antes de vir para a escola. Também entendemos que qualquer proposta de estudo (porque surge a partir do interesse de uma ou várias crianças) deve ser respeitada e, bem assim, proporcionados os meios que facilitem a pesquisa e, conseqüentemente, a aprendizagem. Ainda há pouco tempo algumas crianças mostraram interesse em saber mais sobre a gripe aviária, outras sobre os tsunamis... e tiveram o seu espaço de estudo. Nunca passamos pela experiência que refere, mas gostaria de salientar que as propostas são sempre negociadas e as tomadas de decisão são responsabilizadas o que envolve planificação, avaliação... Por isso, se algum aluno não quisesse tratar de nenhum assunto referente ao currículo, as suas propostas, certamente, que seriam discutidas com ele e com o grupo. E, se não houvesse nada que ele quisesse fazer teríamos que rever com ele o porquê de estar na Escola da Ponte.

Solicito que, por gentileza, comente um pouco sobre como acontecem os encontros entre os alunos e seus tutores, sobre as Comissões de

Responsabilidades e como elas são construídas, anualmente. Neste ano, quais são as Comissões?

Aluna:

As reuniões acontecem todas as semanas às quartas-feiras e o relacionamento entre professor (tutor) e aluno é muito importante. O papel do professor neste caso resume-se a ajudar o aluno a ter um bom desempenho escolar. Mas, ao mesmo tempo, preocupa-se com a "vida" do mesmo (claro que sem que isso interfira na privacidade do próprio aluno). Como eu já disse noutras ocasiões em que me colocaram esta mesma questão: o professor-tutor não é só um simples professor (sem desvalorizar os restantes professores, obviamente), mas é também um amigo com o qual podemos contar (claro que também depende um pouco da relação desenvolvida entre cada aluno e professor no início de cada ano letivo).

Em cada reunião de tutoria discutimos em pequeno grupo os problemas existentes na escola e os alunos (tutorados) também podem sugerir assuntos bastante interessantes para conversar em reunião de tutoria. Para finalizar, devo só referir que o professor tutor, quinzenalmente, conversa com os seus tutorados sobre o trabalho individual e em grupo, apontando os aspectos positivos e negativos dessa quinzena, tentando arranjar com o aluno soluções no sentido de poder melhorar as situações menos positivas.

Respondendo á questão relacionada com as Responsabilidades, todos os anos fazemos um levantamento das mesmas, organizamos e preparamos o trabalho a desenvolver em cada Responsabilidade durante esse ano letivo. Neste ano, as Responsabilidades existentes nos três núcleos da escola (não fugindo à regra dos anos anteriores) são as seguintes: Assembléia; Terrário e Jardim (3 R's); Bar (esta responsabilidade existe somente no núcleo de Aprofundamento); Biblioteca; Jornal; Recreio Bom; Correio da Ponte; Computadores, Música e Som da Assembléia; Murais.

Sobre a Assembléia: entendi que esse é um momento privilegiado para tratar das questões da escola de um modo geral, semanalmente. Como é que se dá seu funcionamento? Existe uma pauta pré-estabelecida? Todos os alunos têm direito à palavra? Como é que se entra em acordo?

Sobre o Tribunal: entendi que se trata de um instrumento para lidar com questões disciplinares. É dado um tempo para o aluno que rompeu com as regras acordadas poder refletir sobre o que fez? Quero saber um pouco mais sobre isso. São os próprios colegas que decidem quem irá para o Tribunal? Trata-se mesmo de um julgamento interno? Existem punições? Como são decididas? Vocês também buscam compreender o que motivou o rompimento da regra? A família dos alunos é convocada de alguma maneira nesse processo?

Aluna:

A reunião da Assembléia acontece todas as sextas-feiras e nela participa toda a comunidade escolar. Quanto ao "tribunal" ("Comissão de ajuda" é o termo mais correto!), a questão é muito simples. Quando alguém procede de forma incorreta, ou quando alguma situação necessita de ser corrigida, é colocado o problema no dispositivo "Acho mal". Esse dispositivo é depois analisado pela Comissão de Ajuda (constituída por 4 elementos: 2 escolhidos pela Mesa em representação de todos os alunos e 2 escolhidos pelos professores), que depois levará a Assembléia os problemas que necessitam de opinião de todos os alunos para serem resolvidos.

Depois de apresentados e discutidos os problemas, são apresentadas propostas de resolução. Quando se trata de um aluno que fez algo incorreto, normalmente é-lhe dado tempo para refletir sobre as suas atitudes tendo, depois, de fazer um pedido de desculpas público. Porém, há outras soluções. Tudo depende das propostas aprovadas. É obvio que os motivos são sempre tidos em conta, pois influenciam a atitude tomada. E, se estes forem plausíveis, o caso será "anulado".

Os pais não têm qualquer influência na "ajuda" prestada pela assembléia ao aluno, se o assunto não tomar grandes proporções.

Professora:

Só tenho a acrescentar que a Comissão de Ajuda (Tribunal, como em tempos era chamado pelos alunos) tem um papel muito importante no bom funcionamento da escola, pois não utiliza somente o "Acho Bem" e "Acho Mal" para resolver os referidos problemas. Utiliza todos os dispositivos da melhor

forma, para ajudar os colegas. Um deles é a Caixinha dos Segredos, onde os colegas podem exprimir a sua opinião sem que com isso esta seja exposta diante de toda a escola.

Já entendi que você não pode muito falar sobre as experiências das escolas "invisíveis". Mas, com tanta sensação de "solidão pedagógica", gostaria muito de saber um pouco, para além da necessidade de ter outro que também queira mudar comigo, em que elementos nas práticas desses profs. "invisíveis" eu poderia me inspirar, para interferir positivamente na minha cultura pessoal e profissional, que me fortalecessem, como alguém que busca esse aprendizado de transformação.

Professor:

Há muitos anos atrás, antes de encontrar a Escola da Ponte, eu subscreveria uma mensagem como aquela que nos enviou. Senti a solidão em escolas habitadas por dezenas de professores. Acumulei frustração. Cheguei mesmo a pensar em desistir de ser educador. Mas seria como desistir de mim. Por uma de duas razões se opta por trabalhar na educação: por amor ou por vingança. No meu caso, foi por vingança. E levei-a até ao fim...

Creia que é possível encontrar companheiros de jornada, não-acomodados e tão solitários como você. Procure.

O que fazer para desenvolver no professor a necessidade aprender, estudar e entender que a educação não está ilhada às quatro paredes da sala de aula? Como desenvolver esta motivação naquele que ensina para que, conseqüentemente, ele consiga motivar seus alunos?

Professor:

Não sei o que fazer. Na Ponte, vamos fazendo...

Posso eleger três questões-problemas que, de algum modo, afetam as práticas dos professores: Que fazer em situações de indisciplina nas salas de aula? Que fazer para diferenciar a ação pedagógica e dar sentido às práticas? Como desenvolver o trabalho solidário e cooperativo?

Entendo que a desmotivação dos Professores (de uma forma generalista e que tentamos evitar na Ponte) é baseada em diversas causas e são vários os possíveis motivos que a ela podem conduzir. Poderemos agrupá-las em três grandes ordens: causas associadas a experiências passadas, situações de insucesso no passado, que, quando afloram à memória, podem causar as mesmas reações; causas associadas ao ambiente de trabalho, nomeadamente, a falta de recursos, dificuldades na linguagem, ansiedade...; causas relacionadas com o futuro – sem o estabelecimento de objetivos e sem a crença de podê-los concretizar, é muito difícil ter a motivação suficiente para desenvolver um projeto.

Como se organiza a aprendizagem?

Os alunos pesquisam sobre, por exemplo, adjetivos porque isso estava no seu plano? Depois, esse material é visto pelo orientador e, por fim, é socializado no grupo de trabalho?

Quando paramos para pensar que somos nós os responsáveis pelas práticas renovadoras, precisamos de tempo para o registro. Quando esse tempo virá?

Professora:

A partilha de aprendizagens não está organizada para acontecer num determinado tempo, ou espaço. Acontece sempre que os alunos o queiram fazer e são incentivadas nesse sentido. Quanto ao tempo para registro, isso acontece no espaço em que estamos a trabalhar e, de certa forma, o trabalho em equipa possibilita-nos a rentabilização das tarefas, pois estamos sempre cerca de três a cinco orientadores em cada espaço.

Penso que não se pode falar em avaliação de um processo, sem falar de planeamento e re-planejamento. Penso, também, que aí está um dos trunfos da Ponte na construção concreta e diária da autonomia de crianças, jovens e adultos, este avaliar-se e planificar-se diário levam a

um exercício cotidiano e verdadeiro de auto-avaliação e construção de uma objetividade na determinação de metas a cumprir num projeto.

Sabendo que a avaliação depende do planejamento e o planejamento do ano letivo só começa quando chegam as crianças, como acontece este primeiro momento? Como é ter as crianças todas de diferentes idades, em diferentes níveis de aprendizagem (naturalmente) mais aquelas que são novas na escola, para planificar tarefas, projetos? Subsequente a isso, as crianças registram suas avaliações, como a "ticar" aquilo que já realizaram?

Professora:

Quando fechamos o ano letivo, nós refletimos sobre possíveis transições de Núcleo de alguns alunos. Desta forma, iniciamos o ano seguinte com algumas orientações pedagógicas para os alunos que continuam no projeto. A partir daqui, o primeiro trabalho desenvolvido com os alunos prende-se com a promoção de dinâmicas de conhecimento entre eles, reflexão e debates. Depois, todo o trabalho de planejamento do ano depende dos alunos. Isto é: tradicionalmente, desenvolvem-se debates para elencar as preocupações dos alunos, os seus anseios, os problemas que detectam no mundo, na cidade e na escola. E, acima de tudo, os seus interesses.

É importante que os alunos comecem a criar laços de empatia e proximidade por interesses comuns, para começarem a pensar no seu grupo de trabalho. Na base da formação dos grupos está o critério da heterogeneidade (de idades, de níveis de desenvolvimento e, eventualmente, de gênero). O trabalho começa a desenvolver-se a par dos primeiros encontros com os professores-tutores e, para os professores, esta é uma fase de diagnóstico (ainda precária) de conhecimentos e de atitudes.

Um dos momentos cruciais do arranque do ano letivo é o da formação de listas para a Mesa de Assembléia. Nesta fase, os alunos aproximam-se com um objetivo comum e nobre, pensam na vida da escola, começam a ter um a atitude interventiva e crítica em relação ao que os rodeia e iniciam um "projeto" de reflexão sobre o que é preciso mudar e como pensam fazê-lo.

A discussão sobre os dispositivos de trabalho também ocorre, para ajudar a integrar os novos alunos e relembrar que a Ponte é uma escola diferente.

A planificação de tarefas surge a partir de um dispositivo de trabalho, o "plano da quinzena", que é um plano de intenções, onde estão patentes os objetivos das diversas áreas de saber, o que o aluno pretende atingir em quinze dias, e que vai gerindo diariamente, sob a forma de diversas tarefas.

Quando os alunos se propõem a avaliação, os orientadores registram no seu plano a aquisição de objetivos. Os projetos surgem no seio do grupo e visam a partilha com toda a escola.

O que, concretamente, vocês realizam no dia a dia que os ajudam a desenvolver a autonomia e a responsabilidade?

Aluna:

No nosso dia a dia, utilizamos os dispositivos e as responsabilidades que nos ajudam a atingir as metas que pretendemos. Um dispositivo é algo que nos ajuda. Por exemplo, o "Preciso de Ajuda", que utilizamos quando não conseguimos compreender alguma coisa no nosso trabalho. Mas devo referir que só devemos utilizar este dispositivo depois de consultar a ajuda dos nossos colegas de grupo e se a nossa dúvida não tiver sido esclarecida.

O "Eu já sei" tem como propósito exatamente o contrário. Usamos esse dispositivo quando já sabemos que sabemos e queremos ser avaliados pelo orientador educativo.

Entre outras coisas, a Assembléia funciona como dispositivo e como responsabilidade ao mesmo tempo, pois ajuda-nos a resolver os nossos problemas de forma autónoma e responsável, uma vez que somos nós que dirigimos as nossas reuniões de Assembléia.

Este é um projeto que não se exprime só através do papel, é necessário interagir e só assim conseguimos aprender a viver nesta comunidade educativa.

Tentei montar uma "Assembléia" com os alunos de minha escola. Explicamos do que se tratava e como funcionaria. Realizamos a eleição para "presidente", tudo isso com muita animação. Porém, foram aumentando as "fofocas". Ex: "Fulano não fez exercício hoje", "Sicrano

mostrou a língua pro colega" etc. As reuniões passaram a ser chatas, o presidente não conseguia manter a ordem sozinho, enfim, o projeto não deu certo. Esqueci de mencionar que as crianças do ensino infantil (4 a 6 anos) também participavam. Onde foi o erro? No começo é assim mesmo? Quanto tempo de preparação dos alunos foi necessário para que a assembléia na Ponte tomasse rumo sozinha? Os pequenos (4 a 6 anos) não devem participar no começo?

Aluna:

A algumas dessas questões não posso responder, pois não estava na escola quando começou a existir a Assembléia. Não sei como foi a adaptação dos alunos. Mas sei que uma Assembléia só funciona, se todos trabalharem em conjunto. Principalmente, a Mesa de Assembléia. Falo por experiência própria. Se esta não ajudar, o presidente não consegue trabalhar sozinho, é preciso, pois haver entre-ajuda entre todos.

Os mais pequenos devem também participar, pois são parte do projeto. No entanto, é compreensível que estes achem as reuniões aborrecidas, e é necessário arranjar assuntos que, dentro do âmbito escolar, interessem aos alunos e até mesmo arranjar maneiras de resolver os problemas mais sérios e de formas diferentes, que cativem a atenção dos mais pequenos. Não se pode *desistir, porque os mais pequenos são o futuro do nosso projeto.*

Os alunos pesquisam, por exemplo, sobre adjetivos, porque isso estava no seu plano? Depois, esse material é visto pelo orientador? Esse material é socializado no grupo de trabalho?

Quando paramos para pensar que somos nós os responsáveis pelas práticas renovadoras, precisamos de tempo para o registro. Quando esse tempo virá?

Professor:

O processo de aprendizagem é, em si, socializador. A socialização não acontece somente na comunicação com o grupo, ou na apresentação de produtos finais. Mas os alunos partilham as suas descobertas.

O aluno chega à necessidade de "estudar adjetivos" em decorrência de necessidades que estão por detrás de necessidades, que enuncia e que o orientador educativo reinterpreta e leva a incluir no plano de quinzena. Para além desse trabalho de "negociação", o orientador acompanha, estimula, auxilia, provoca, corrige, avalia...

Se não houver padronização de tempo único nas escolas, o tempo para sair e refletir (e registrar) será em qualquer momento. Será necessário repensar a organização das escolas, para que esse e outros "impedimentos" não aconteçam.

Muito se fala da escola da Ponte aqui no Brasil. Todos se encantam com a autonomia dos alunos, como vocês preparam esses alunos quando estes chegam à escola, com vícios anteriores, para que entrem no esquema dessa autonomia? É muito interessante o estudo pela pesquisa, pois aguça a curiosidade e também este esquema de tutoria e ajuda pelos colegas, incentivando a solidariedade, através da ajuda dos que sabem para os que têm dúvidas. Como é feito o controle dos conhecimentos adquiridos através das pesquisas realizadas?

Professor:

Quando os alunos de outras escolas são acolhidos na Ponte, importa, em primeiro lugar, saber que pessoas estão perante nós. Só depois de conhecermos a pessoa do novo aluno, só depois de ele se ver como pessoa, só depois de ele conseguir ver que os outros, também, são pessoas, é chegado o momento de passar ao questionar dos "vícios" e à reciclagem dos afetos. Teremos, então, condições de ensinar e aprender.

É um processo complexo, demorado e sujeito a regressões. Nem sempre conseguimos. Também a Ponte registrou alguns insucessos, nos seus mais de trinta anos de existência. Temos os nossos limites. É deveras difícil conseguir motivar jovens que já não acreditam nos adultos...

O controle das aprendizagens é feito em registros de avaliação formativa. A avaliação acontece quando o aluno quer e a pede, isto é, quando sente que é capaz. E os alunos e professores vão assinalando os seus progressos

em grandes "lençóis" de papel, em linguagem de gente, acessível a pais e a quaisquer pessoas que pretendam consultá-los.

Você afirmou que o trabalho é sempre realizado em grupos, contudo cada um dos integrantes possui objetivos diferentes a cumprir para a(s) disciplina(s) escolhida(s). Minha dúvida está nestes objetivos diferenciados, o que você quer dizer com isto? Os conceitos tratados nas disciplinas não são apenas voltados para o projeto que o grupo se dedica?

Aluna:

Sim, são dirigidos para todo o grupo. Mas, como nos diferentes grupos existem alunos de várias idades e saberes, têm objetivos diferentes uns dos outros.

Gostaria que você contasse como foi aprender matemática na Ponte (conte uma experiência) e a diferença de como aprender matemática em outra escola.

Aluna:

A sua pergunta é uma pergunta original, uma vez que nunca me haviam colocado... Aprender Matemática é muito fácil na Escola da Ponte, assim como nas outras escolas. O problema está no apoio que recebemos por parte do professor que nos acompanha. Ou seja, enquanto que na Ponte a ajuda é "personalizada", individual, cada um é ajudado conforme as suas dificuldades e necessidades, nas escolas de ensino tradicional a ajuda é dada da mesma forma para um grupo de 20 e tal alunos, o que faz com que muitas dúvidas fiquem por esclarecer.

Por exemplo: eu estou a estudar funções. Na Ponte, escolho um dos vários manuais que tenho à minha disposição (normalmente o que penso estar mais completo e explicar de forma mais clara e simples) e começo a fazer a minha "pesquisa". Resolvo os exercícios que me são propostos e, a certa altura, uma dúvida surge. Peço ajuda ao meu colega de grupo. Se não souber responder, peço ajuda ao professor. Este, por sua vez, explica-me o que devo fazer, como

e por quê. Isto acontece várias vezes, até me sentir preparada para ser avaliada.

Numa escola tradicional, o manual é igual para toda a gente e, muitas vezes, não é acessível. O professor expõe a matéria e, devido ao barulho existente na sala de aula, metade fica por ser ouvido. Caso vários alunos tenham dúvidas, e por muito que o professor seja bom e preocupado com a turma, nem todas serão respondidas e isso trará consequências com o avançar da matéria.

Um dos objetivos da escola, além de aprender-ensinar para a vida, é que se ensine-aprenda sobre o mundo e sobre este grande mistério que chamamos de O outro. Então questiono: Alguns dos vossos ex-alunos estão adultos e trilharam outros caminhos. Vocês têm a preocupação ou contato com alguns deles? Eles voltam à Ponte? E, quando voltam, contam sobre este percurso? O que dizem? Isto é visto como uma forma de avaliação da autonomia? Como se dá?

Professor:

Muitos ex-alunos voltam à Ponte, para matricularem os seus filhos. Outros, vivendo longe, contatam conosco, mantêm vínculos. Pessoalmente, tenho nos meus ex-alunos atuais amigos. Vou beber uns copos com eles. Estou presente nos momentos mais significativos das suas vidas (casamentos, funerais...).

Há alguns arremedos de estudos sobre percursos de vida de ex-alunos. Mas os dados não estão trabalhados.

Gostaria de saber como acontece a recepção de novos alunos vindos de outras escolas, se há alguma atenção especial para a adaptação. E, também, qual a reação deles diante desta mudança em suas rotinas escolares, visto que a Escola da Ponte deve ser bastante diferente de outras escolas aí em Portugal.

Professor:

A atenção prestada a crianças em processo de integração é sempre realizada num quadro de solidariedade. Por vezes, o caminho é difícil e tortuoso. Mas, se garantirmos que os amigos, companheiros de grupo, professores, pais e

auxiliares sejam solidários e tolerantes para com aqueles que chegam de novo, certamente que a integração será realizada num contexto adequado...

“Na Ponte não existe nada como um ‘ano’ ou ‘serie’ para o aluno passar ou não passar. Por isto, nenhum aluno da Ponte ‘passa de ano’ pelo mesmo motivo pelo qual nenhum aluno da Ponte ‘repete o ano’: simplesmente não existe ‘ano’...” Sendo assim, gostaria de saber como se dá, em caso de transferência da Escola da Ponte para outra e de outra para a Ponte, o “nivelamento” do aluno. Ou seja, como as outras escolas procedem, quando recebem um aluno da Ponte (antes de terminar todo o ciclo), para inseri-lo num determinado “ano escolar”? E como a Ponte procede quando recebe um aluno de um determinado “ano”? Pressupõe-se que ele já saiba os conteúdos dos “anos” anteriores? Como é avaliado esse novo ponto de partida em ambas as situações?

Professor:

Apesar de em termos práticos (no trabalho com os alunos) não existir anos de escolaridade, eles administrativamente têm de estar inscritos num determinado ano. Ou seja, se um aluno sair da escola, as administrativas comunicam o ano em que ele está formalmente inscrito e ele integrará a nova escola nesse ano. Se o aluno vier para a nossa escola, ele integrará o Núcleo de Aprendizagem mais condizente com o seu perfil.

Obviamente que esta situação dos anos de escolaridade é extremamente constrangedora, uma vez que a nossa prática choca com o que nos é administrativamente imposto, mas tentamos gerir esta situação da forma mais sensata, por forma a não prejudicarmos nenhum aluno.

No Brasil, quando um aluno vai de uma escola para outra, exige-se um documento chamado Histórico Escolar, onde constam as notas dos alunos durante o tempo que ele passou na antiga escola. Gostaria de saber se, em Portugal, também existe este documento e como a Ponte faz neste caso, já que, para preencher o Histórico Escolar, é necessário colocar notas, e vocês não usam dar notas para os alunos.

Professora:

Na Escola da Ponte, o Processo Individual do Aluno consiste na compilação de todos os documentos/informações relevantes acerca do aluno e do seu percurso de aprendizagem. O processo de cada aluno acompanha-o no caso de transferência de escola e isso acontece em qualquer escola, em Portugal. No entanto, a informação que encontramos nos processos dos alunos da Escola da Ponte diverge das restantes escolas, no sentido em que não valorizamos a avaliação quantitativa.

Assim sendo, no final de cada ano, o professor-tutor elabora um relatório descritivo para cada um dos seus tutorados, o qual é incluído nesse processo. No relatório que redige, o professor tutor alude às competências e atitudes desse aluno, ao seu desempenho nas diferentes dimensões (Linguística, Identitária, Naturalista, Artística e Lógico-Matemática), descreve o seu contexto familiar e perspectiva algumas indicações pedagógicas para o ano letivo seguinte.

Para além dos relatórios anuais referidos, também constam do processo os registos de avaliação de cada uma das dimensões, ou seja, os registos dos conteúdos avaliados pelo aluno e das competências já adquiridas pelo mesmo.

Como é feita a adaptação de notas na mudança de escola? A minha pergunta difere no seguinte: como se dá essa mudança, no caso de o aluno chegar ao final do seu tempo na Escola da Ponte?

Não sei se compreendi verdadeiramente a questão que coloca, ainda assim julgo que se reporta à forma como é feita a transferência para outro modelo de ensino, para a comum escola pública.

Dentro da Ponte, não sentimos a necessidade de classificar um aluno. O trabalho que ele virá a desenvolver no ano letivo seguinte não decorre dessa classificação. Pressupõe-se que cada aluno faça o seu trajeto, sendo que o papel do orientador educativo e da escola é o de promover as suas aprendizagens, no sentido mais amplo deste conceito, e permitir que através da avaliação contínua cada um consiga superar-se a si mesmo. Em cada ano letivo, o aluno dará continuidade ao trajeto que desenvolveu nos anos letivos anteriores.

Contudo, a lei geral prevista pelo Ministério não nos permite transpor essa realidade e, no final de cada ano letivo, temos de (discreta e confidencialmente...) classificar cada aluno. Face à possibilidade de o aluno sair da Ponte, terá de haver sempre uma linguagem que seja entendida e assumida pelas outras escolas. Enquanto escola, temos que garantir que o currículo previsto para cada um dos ciclos de escolaridade esteja assegurado. Assim, a classificação de cada valência curricular terá por base o cumprimento do currículo previsto e as competências dessa valência, seguindo-se os critérios de avaliação definidos por cada dimensão.

Além disso, é atribuído um peso idêntico ao desenvolvimento das competências gerais (entre-ajuda; autonomia; pesquisa; síntese; comunicação; auto-planificação; auto-avaliação etc. Outra parte importante contemplada neste processo é o relatório descritivo do aluno, onde estarão explicitadas todas as informações que se considerem pertinentes, para que a escola que receberá o aluno lhe poder dar a melhor resposta e ter conhecimento do seu trajeto académico, dificuldades, estratégias que melhor se lhe adequam...

Quais os momentos em que os alunos estão mais felizes ao longo da “rotina diária” nesta Escola (comparando com as escolas brasileiras este momento seria a hora do intervalo, a hora da educação física, a hora do passeio)?

Educadora brasileira:

É comum se ouvir adultos dizerem: aqui as crianças são mais felizes do que nas outras escolas, mas é claro que como em qualquer outra escola, na Ponte elas também são mais felizes quando estão a brincar. Temos mania de excluir coisas em nome de outras, mas quase sempre podemos conviver com isto e aquilo, parafraseando o "Isto ou Aquilo".

Falando do “lixo” com o qual se deparou no início da Ponte, mencionou que era prioritário encontrar a pessoa perdida para depois encontrar o aluno... Acho que é essa idéia que tange meu incômodo na minha prática: primeiro me deparar com as pessoas, depois com seus papéis na escola... e minha atividade tem sido procurar que professores e alunos

sejam pessoas inteiras umas diante das outras e possam se encontrar naquilo que é o diálogo de ensino-aprendizagem... Vai por aí?

Todos nós ajudamos a manutenção da organização da escola para a transmissão de conteúdos: onde está a simplicidade de transformação, de reconfiguração com tantas pressões a que a escola é submetida, particularmente a escola particular, cuja receita depende basicamente de manter os alunos dentro dela, com anuência de seus pais, que esperam tanto da escola diante destes mesmos instrumentos criados para "medir" conhecimentos?

Professor:

Falar de “encontrar a pessoa”, como falo, nada diz... mas diz tudo. Nas escolas, as pessoas estão ausentes. Estão lá alunos e professores. Ambos atentamente vigiados pelos clientes-pais. As representações de todos face à aprendizagem e à Escola conduz a que se não tenha por centro a pessoa, mas o vestibular...

Algo de inesperado descobri, quando, na Ponte, conseguimos escapar a esse destino. O que viemos a fazer, substituindo o antigo, era bem mais simples e mais eficaz e eficiente. Transformamos uma máquina de transmitir (que, de tão gasta, pouco ou nada transmitia) num tempo de comunicação, de criação de vínculos afetivos, de relação entre PESSOAS, e num espaço tão simples que permitiu que as (até então, ocultas) pessoas dos alunos e dos professores se manifestassem. E espanta como foi tão simples! É como escreve: a “simplicidade da transformação”. E está ao alcance de todos. De qualquer um... E, se aplicarmos à Ponte (ou a outra escola pautada pela simplicidade de processos) os “instrumentos criados para medir conhecimentos”, verifica-se que os alunos dessas escolas obtêm melhores resultados do que os de outras escolas (que funcionam nos moldes tradicionais). Como se explica?...

O ensino de línguas estrangeiras também acontece nesses grupos de pesquisa ou em "classes tradicionais"? Os alunos da Ponte deixam a escola com fluência nessas línguas?

Aluna:

O ensino de línguas estrangeiras acontece da mesma forma que as restantes valências lingüísticas. Cada aluno tem de incluir no seu planeamento quinzenal: um item gramatical, leitura e interpretação de um texto e escrita de um pequeno conto. E devem trabalhar os quatro idiomas.

Existe também uma espécie de "classes tradicionais" a que chamamos de Oralidade - seguidamente relacionada com cada idioma em causa. A Oralidade é um momento destinado, somente à língua em questão. Fazemos leituras de textos, diálogos, entre outras atividades.

Em relação à segunda questão, isso depende da aprendizagem de cada aluno, tal como numa escola "tradicional".

Gostaria que descrevesse um dia (com todas as atividades desenvolvidas) na Escola da Ponte.

Aluno:

Vou descrever a sexta-feira, o dia em que se realiza a reunião da Assembléia. Assim, ficam a entender o que é a Assembléia.

De manhã, quando chegamos à escola, fazemos o plano do dia. Este é um documento onde colocamos o que vamos fazer durante todo o dia. De seguida, iniciamos o estudo da valência, e durante o resto da manhã é o dito trabalho normal. Na parte da tarde temos reunião de responsabilidade.

Para explicar melhor o que é uma responsabilidade vou dar o exemplo da minha: "Datas e Eventos". Esta responsabilidade trata da realização de festas, de datas especiais portuguesas. Cada responsabilidade tem trabalho dentro da escola, para que o seu funcionamento seja o melhor.

Também acontece na parte da tarde a Assembléia, o momento em que podemos exprimir a nossa opinião, estarmos todos juntos e resolver os problemas da escola. E é assim a sexta-feira na Escola da Ponte.

Para a pergunta abaixo parti do princípio de que o programa elaborado pelos alunos da Ponte é composto de temas e não de conhecimentos específicos de cada disciplina. E de que um tema pode ser estudado nas especificidades de uma área, na relação de algumas apenas ou de várias áreas do conhecimento. Então me surgiu a dúvida: O programa e os

planos quinzenais contemplam todas as disciplinas? Existe um controle/orientação de que durante o ano letivo o aluno tenha estudado todas as disciplinas? Ou isso fica a critério do aluno, de seus gostos e preferências?

Aluna:

Os planos quinzenais contemplam todas as disciplinas e vai servir de apoio ao tutor de ter consciência do desenvolvimento do aluno em cada área.

O plano é feito para nos ajudar a gerir o tempo de forma a estudarmos todas as disciplinas de igual modo, não deixando nenhuma “para trás”. Apenas fica a critério do aluno a ordem das matérias a serem estudadas em cada disciplina, de acordo com as suas preferências, contudo TODAS têm de ter o seu tempo de estudo!

Há algum tempo, venho lendo artigos sobre a Escola da Ponte. E, de um modo geral, nos artigos, vem nos informando dos assuntos estudados pelos alunos. Mas ainda não li nada a respeito de como acontecem as atividades artísticas (artes visuais, teatro, música e dança). Como é que elas acontecem? São formados grupos de interesse, por exemplo, em criar uma peça de teatro? Conhecer, inventar e tocar um instrumento musical? Gostaria de saber mais sobre como são trabalhadas as linguagens artísticas.

Aluna:

Mais uma vez as artes foram discriminadas!... Nós podemos abordar as disciplinas artísticas de várias formas. Uma delas é em projetos que envolvam a escola toda, sendo interdisciplinares e que, por isso, precisem de apoio e de conhecimentos da área artística. Aí, verificamos quais os temas que iremos abordar e trabalhámo-los, de acordo com as aprendizagens previstas.

Outra forma de abordarmos as disciplinas é escolhendo e desenvolvendo um projeto que vai de encontro aos nossos gostos e aos nossos interesses. Esses projetos incluem objetivos das disciplinas artísticas que queremos desenvolver. Por exemplo, estamos a estudar a mitologia romana e gostaríamos de fazer uma pequena peça de teatro, para que todos os nossos colegas tivessem

conhecimento do nosso trabalho, assim como alargassem o seu conhecimento quanto a esta temática. Para a realização deste projeto juntam-se todos aqueles que além de estarem a estudar o mesmo tema, possam manifestar interesse pelo mesmo. Em seguida "passamos para o papel" todas as nossas idéias, juntamente com as formas de colocá-las em prática.

Para desenvolver o projeto, obrigatoriamente, teremos de ter as noções básicas do teatro. Para animar a peça teremos de escolher músicas características daquele tempo, ou mesmo criar a nossa própria música, o que envolve conhecimentos históricos e musicais... O mesmo acontece em todas as áreas que possam de certa forma, ter alguma ligação a Roma e à sua mitologia.

A duração do projeto é indefinida, embora se estabeleçam prazos para a sua realização, que tentarão ser cumpridos. A apresentação pode ser realizada em festividades, ou mesmo numa data a ser escolhida pelos "produtores" do projeto. Esta será divulgada, de forma a proporcionar a toda a comunidade um "bom momento cultural".

”Não posso comparar, nem acho que seja correto...”

Percebem diferenças entre vocês e alunos de escolas tradicionais? Vocês acham que é mais fácil ou mais difícil estudar na Ponte do que em escolas tradicionais? O que você mais gosta na Escola da Ponte? E o que a torna diferente das demais escolas?

Aluno:

É com muito gosto que respondo as questões sobre a minha escola. As pessoas que entram para a Ponte, por vezes, têm uma adaptação um pouco demorada. Mas, com ajuda de todos os alunos e de todos os professores e com um bom ambiente escolar, a adaptação torna-se mais fácil e acabam por perceber o projeto e o método de estudo.

Em relação à segunda questão, acho que isso de ser mais fácil ou mais difícil não são os termos certos. Os métodos de estudo é que são diferentes. O

nosso método de estudo incide mais a autonomia, responsabilidade, permite-nos exprimir a nossa opinião. Nas outras escolas, com um método diferente do nosso, a autonomia é um pouco esquecida e os alunos fazem mais ou menos o que os professores indicam. Não é caso para dizer se é mais fácil, ou mais difícil. Apenas são métodos de estudo diferentes.

Aluna:

Bem, começando pelo fim para conseguir ajudar o início! Eu nunca estudei numa escola com um ensino diferente, por isso não posso comparar, nem acho que seja correto. Sendo assim, quando converso com os meus colegas das outras escolas, eles ficam curiosos com as diferenças (relativamente à autonomia, responsabilidade e liberdade de expressão e poder de decisão).

Vocês vivem dizendo o seguinte: existe uma diferença entre educar PARA a cidadania e educar NA cidadania. O que significou isso para vocês?

O professor Rubem Alves, um brasileiro, esteve por aí e ficou impressionado em como, nas Assembléias, todos respeitam a vez do outro falar. É assim mesmo? Como é aprender isso? Quais os assuntos mais tratados nas Assembléias?

Aluna:

A sua pergunta fez-me refletir muito sobre a filosofia da Escola da Ponte. Para ser sincera, tive algumas dificuldades em formular uma resposta digna de tal pergunta. Na Ponte, costumamos dizer que a Educação deve ser na cidadania, porque todos os alunos são cidadãos dotados de capacidades e de personalidade. O educar para a cidadania parte do princípio de que os alunos ainda não são cidadãos. Preparam-se os alunos para participar nas eleições, mas não participam em Assembléias, por exemplo.

O fato de sermos vistos como alguém que, embora seja novo, é já uma pessoa com opiniões e idéias próprias, fez-nos crescer mais depressa e ganhar mais responsabilidade. Isto faz-nos sentir pessoas incompletas, que poderão vir a ser cidadãos, mas que não passam de um projeto disso.

O bom desta escola é que os deveres cívicos nos são "incutidos" de uma forma suave e não através da imposição. Ou seja, quando dizemos a uma criança

que tem de fazer isto ela recusar-se-á devido à sua tendência natural de quebrar regras impostas. Se lhe explicarmos a razão pela qual deve proceder dessa maneira, ela aperceber-se-á da importância de respeitar para ser respeitado. É assim que na Escola da Ponte aprendemos os valores que regem a vida em sociedade.

Os assuntos mais tratados em Assembléia são, normalmente, relacionados com o funcionamento da escola (responsabilidades, direitos e deveres...)

Reparei em algumas respostas que vocês reclamam de cansaço. Gostaria que vocês dissessem tudo o que é ruim na escola, que fazem ter vontade de estar em outra, apesar de terem dito que não querem abandoná-la. E gostaria de saber se vocês sentem alguma coisa diferente em relação aos amigos (da rua, do clube, dos primos) que não estudam na mesma escola que vocês.

Aluno:

Quando dizemos “cansaço” é no sentido de remarmos para o lado mais positivo da escola e para que muitas pessoas façam com que o projeto vá mais para a frente...

Aluna:

O cansaço que sentimos é o cansaço característico do estudo. Houve alturas em que esse cansaço era consequência das várias lutas que travávamos para que este projeto continuasse a existir e, várias vezes, pensamos em desistir, pois as forças começavam a faltar. Contudo, agora que olhamos para trás, estando já numa escola diferente, vemos que voltaríamos a fazer tudo novamente, dando valor aos momentos que lá passamos. O cansaço que sentimos é todo ele provocado pelos estudos, que são também muito gratificantes!

Quanto às diferenças que sentimos, quando "nos comparamos" a colegas de escolas diferentes, estas talvez existam ao nível de respeito cívico, responsabilidade e capacidade argumentativa, que nos alunos da Escola da Ponte se encontra muito desenvolvida.

Como lidam com a "pressão" da sociedade tradicional? No contacto com as pessoas que não estão inseridas no ambiente educacional da Escola da Ponte e que por vezes fazem críticas menos construtivas e vaticínios menos auguriosos para o futuro de quem lá anda, como reagem? Ou, melhor, qual a melhor reação para esse tipo de contato menos positivo? Acham que demasiada "publicidade" poderá vir a prejudicar o projeto da Escola da Ponte?

Como são integrados os alunos que são "naturalmente" tímidos no rol de atividades da EP?

Aluna:

Infelizmente, defrontamo-nos com situações dessas todos os dias e isso de certa forma tornou-nos imunes a tanto "ódio". É obvio que é sempre difícil ouvir pessoas sem conhecimento de causa falarem da Escola da Ponte como algo que deveria ser "erradicado" da face da Terra. Contudo, só há duas coisas a fazer: ignorar (o que, sinceramente, é mais fácil, mas pouco produtivo) ou confrontar a pessoa e dar-lhe a conhecer a VERDADEIRA Escola da Ponte.

É obvio que nem sempre estamos dispostos a "abrir os olhos", uma vez que também sofremos do mal humano que é a pouca paciência e atingimos, por vezes, o limite da mesma. Nesses casos, o melhor é respirar fundo e esperar pelo novo dia, para que possamos ajudar de forma correta a pessoa em questão. (Eu acredito que o problema é só e apenas falta de informação e que o diálogo é a melhor arma)

Com a publicidade vem a exigência. E, com ela, mais esforço! Penso que a publicidade feita à escola da Ponte permitiu mostrar que é possível inovar e que esta inovação pode ter os seus benefícios. Porém, as pessoas pensam que o que é diferente tem de ser perfeito, o que não é bem verdade! Tudo tem os seus defeitos e não é criticando-os que conseguiremos algo...

Quanto aos alunos tímidos, são integrados como qualquer outro! É obvio que nos primeiros tempos terão de ter mais atenção de forma a conseguirem integrar com facilidade o "método" da Ponte, mas não é nada de especial.

Foi magnífico "ensinar" e aprender convosco, partilhar convosco a experiência da minha infância com um grupo de pessoas que se preocupa com o futuro e que detesta comodidades!

Espero ter contribuído para o vosso conhecimento, para o meu "reconhecimento" e deste nosso projeto, pois é sempre bom, mesmo para aqueles que já o conhecem, relembra-lo. Desculpem-me se, por alguma razão, não consegui tirar as vossas dúvidas, ou responder a algumas perguntas.

A necessidade aguça o engenho

Gostaria de saber se a ampliação da Escola da Ponte, passando do atendimento a alunos de 1º a 4º anos para 1º a 9º anos se deu por necessidade da comunidade e se essa mudança, no sentido de ampliação do número de alunos, tem interferido na utilização dos espaços de estudo? Gostaria também de saber se o número de estudantes por grupo é definido pelo número de docentes que estão trabalhando naquele ano ou se, na filosofia do Projeto, existe algum número ideal de estudantes (mínimo e máximo) por grupo, para que o professor tutor possa atendê-los adequadamente.

Educadora brasileira:

Em conformidade com o Contrato de Autonomia, durante o mês de maio a Escola encaminha para o Diretor Regional de Educação uma proposta fundamentada para a constituição da equipe para o ano que se iniciará no mês de setembro. A projeção é com base no número de alunos que a escola estima que irá matricular. É levada em consideração às características da população escolar e os objetivos do trabalho nas dimensões psico-pedagógica, sócio-educativa e curricular. Para os grupos sem alunos ditos com "necessidades educativas especiais" existe um tutor para cada 10 alunos e quando há alunos com "necessidades educativas especiais" fica um tutor para cada 5 alunos. Porém, a Equipe vai fazendo a gestão de acordo com a realidade, pois a idéia é que todas as crianças são especiais, são diferentes umas das outras, embora algumas necessitem de mais ou menos atenção de um profissional. O quadro de profissionais poderá mudar de um ano para outro, de acordo com as variáveis que aponte.

Quanto aos espaços, a Ponte hoje está com o número máximo de alunos que as suas instalações permitem acolher.

Pai de aluno:

Acredito que não haveria limites nas admissões, se houvesse instalações maiores, que tanto ambicionamos e reivindicamos.

O que o Ministério da Educação fala sobre a Escola da Ponte? Ou seja, já houve alguma repressão por parte dele?

O Ministério nunca pensou em ampliar o projeto da Escola da Ponte para as outras escolas de Portugal?

Professor:

A atitude do Ministério em relação à escola tem tido oscilações. Durante muito tempo, a Inspeção de Ensino causou muitos obstáculos ao normal desenvolvimento do projeto. Contudo, a Ponte usou de um argumento forte. Perguntava: "Mostre-me lá, senhor inspetor, em termos pedagógicos, porque é que a sua norma é melhor do que aquilo que fazemos". Penso que houve situações mesmo muito complicadas, mas sempre resolvidas...

Numa segunda fase, a Ponte foi "utilizada" como exemplo de algo que funcionava bem em Portugal. Era mostrada pelo Ministério a todos os visitantes estrangeiros ilustres. Há cerca de seis anos, as coisas pioraram muito e a Ponte passou por uma crise muito grande, provocada, em grande parte pela oposição do Ministro e da Direção Regional de Educação do Norte ao seu normal desenvolvimento.

Neste momento, as coisas estão um pouco mais regularizadas e penso que as nossas relações com o Ministério são cordiais e que caminhamos claramente para entendimentos.

No meio de toda esta questão existem problemas de política local que se refletem, em grande medida, nas instalações. Parte do Ministério gostaria que o funcionamento da Ponte fosse alargado a outras escolas e, em muitos aspectos, a Ponte foi pioneira em aspectos que depois seriam alargados pelo Ministério a todo o país (a reorganização curricular, as atividades de enriquecimento curricular, os contratos de autonomia, a contratação pelas

escolas dos seus professores). Contudo, os aspectos essenciais não se decretam. É necessário que sejam compreendidos e aplicados.

Porque a escola não funciona até ao 12º ano de escolaridade? Qual deve ser o perfil de um professor para ser admitido na escola?

Professor:

A Escola não funciona até ao 12º ano por várias razões: não temos instalações mínimas para os alunos dos nove anos de escolaridade, que temos neste momento; o parque escolar de Vila das Aves está completamente servido em relação ao ensino secundário; o ensino secundário, em Portugal, apresenta uma grande diversidade de cursos, o que leva a que uma escola secundária só se justifique para um número elevado de alunos; e, talvez, porque o Ministério tenha receio... No entanto, creio que os pais dos nossos alunos têm essa ambição.

No Contrato de Autonomia e no nosso Projeto Educativo está explícito o Perfil do Orientador Educativo da Ponte.

“Ter «sobrevivido» a algumas crises complicadas”. Poderia citar algum exemplo que ache relevante e de que forma a crise foi superada? (Ou mais de um exemplo, se for possível.)

Professora:

Nestes 12 anos que estou na Ponte, passei por momentos muito gratificantes, mas também alguns muito difíceis; sobrevivi... Uma das vantagens da Ponte é que não estamos sozinhos e, portanto, quando as crises surgem, há sempre uma retaguarda coletiva, para nos ajudar a encontrar estratégias para ultrapassar essa situação.

Concretamente, as "crises" aconteceram por razões diversas: externas e internas. Começarei pelas externas, como por exemplo, quando o Ministério da Educação adiou consecutivamente a assinatura do Contrato de Autonomia. Iniciou-se uma frente comum de tentativa de resolução, desde os pais, que se movimentaram em diferentes instâncias do próprio ministério e na confederação dos pais, também conjuntamente com os professores e outros

ligados à educação e com responsabilidade no mundo da investigação, e acadêmicos de todas as universidades, num movimento sem precedentes para pressionar o Ministério e defender a Ponte. Do Brasil, vieram muitas vozes de apoio. E os professores que tinham recebido destacamento para a Ponte recusaram sob risco de terem problemas disciplinares...

Quanto a crises internas, posso referir os momentos de alargamento a novos ciclos (precipitadamente, em minha opinião), que trouxe novas exigências de organização e gestão pedagógica; alargamento da equipa de orientadores educativos, criação de novos espaços, que acabam por diminuir os espaços de lazer das crianças,... Tudo isto feito quase da noite para o dia, num projeto simples, que envolve uma complexidade organizacional significativa. Ainda hoje se sentem os efeitos desta mudança, tão rápida e nada antecipada.

Como ultrapassamos esta mudança? Fazendo reajustes estratégicos constantes, discutindo com toda a equipe os problemas que iam surgindo, procurando coletivamente algumas respostas imediatas e urgentes.

A par de tudo isto, o nosso processo de formação em projeto foi e vai decorrendo, o tempo tem demonstrado que está tudo por fazer e talvez (uma vez mais) se aproxime uma nova crise, com a construção da nova escola...

Uma coisa que me vem bastante à cabeça é essa relação entre a prática na Ponte e as imposições curriculares. O Contrato de Autonomia seria uma espécie de "permissão" assinada pelo Ministério para que as Escolas Públicas possam se organizar de um jeito próprio, sem, no entanto, deixarem de atentar-se ao cumprimento do currículo? Enfim, sendo mais objetiva, gostaria de saber o que seria esse Contrato de Autonomia.

Professor:

Sim, a idéia original seria essa. O Ministério passaria para as escolas uma grande parte das competências que detém (a nível financeiro, gestão de pessoal e de organização). Paralelamente, as escolas têm de prestar "contas" mais rigorosas ao Ministério (até no nível de resultados escolares).

Infelizmente, o que começou como uma boa idéia (em 1998) demorou muito tempo a ser aplicado. Depois, quando se começou a aplicar, o Ministério

resolveu tentar generalizar a todas as escolas. Neste momento, o Ministério está a "forçar" as coisas para que todas as escolas tenham Contrato de Autonomia.

O Contrato de Autonomia da Ponte foi uma esperança. No fundo, essa esperança tem-se desvanecido aos poucos. Muitas das coisas que a Ponte pretende fazer não estão ao abrigo da lei geral. Assim, mesmo havendo Contrato de Autonomia, não o podemos fazer... É complicado e contraditório. Aliás, neste momento, o Ministério da Educação está a implementar um novo sistema de avaliação de professores e quer forçar a Ponte a aplicá-lo diretamente. O Contrato de Autonomia diz em que moldes a avaliação dos professores da Ponte deve ser feita, mas esbarra com a lei geral.

Em relação ao próprio currículo, existe a idéia de abandonarmos os programas do Ministério da Educação. Há alguns anos atrás o Ministério lançou um documento intitulado: Currículo Nacional do Ensino Básico – competências essenciais. A idéia era que este último viesse num curto período a substituir os programas. Os dois documentos são, em muitos pontos, contraditórios, mas mantêm-se em vigor. Nós gostaríamos de abandonar, definitivamente, os programas e passar a guiar-nos só pelas "Competências". Enfim, coisas de quem quer ser um pouco diferente...

O Contrato de Autonomia da Ponte pode ser encontrado no site: <http://www.escoladaponte.com.pt/>

Você disse: "o tempo tem demonstrado que está tudo por fazer e talvez (uma vez mais) se aproxime uma nova crise, com a construção da nova escola." Você acredita (pressente) que essa possível crise pode estar relacionada com o que? De que forma ela se relacionaria com os fundamentos teóricos do projeto pedagógico da Ponte? (Também não ficou muito claro para mim o que você quis dizer com "nova escola"; existe algum projeto de renovação da própria escola da Ponte?)

Professor:

Existe mesmo a projeção de construção (física) de uma nova "Ponte", outro edifício. O problema é que o edifício deverá ser feito numa localidade perto de

Vila das Aves. Mas existe uma história de muito má convivência entre as duas comunidades e uma rejeição muito grande em relação à Escola da Ponte.

Na última sexta-feira, tivemos reunião do Conselho de Pais (órgão máximo da Escola, onde só os pais podem votar) que definiu (já é a segunda vez) que não deveremos ir para a nova escola, se ela for construída (por razões de politicagem local) na outra cidade. Contudo, a administração educativa está a fazer pressão... Creio que será mais um teste muito grande à força da Ponte.

Paralelamente, o Ministério quer obrigar-nos a alterar algumas decisões tomadas democraticamente em Conselho de Projeto relacionadas à forma de constituição dos nossos órgãos de gestão (parte mais burocrática) e na avaliação dos docentes para efeitos de progressão na carreira (parte burocrática, mas fundamental para nós, enquanto profissionais).

"Os Ministérios da Educação - como é óbvio - não têm muito interesse em abdicar do controlo do sistema educativo a menos não seja possível outra solução! Foi o caso da Ponte... Assim, depois de realizada uma avaliação externa à Escola da Ponte e provada que ficou a sua capacidade de agir responsavelmente num quadro de autonomia foi consagrado o primeiro Contrato de Autonomia em Portugal!"

A impressão que eu tive (não só pela resposta como pelo pouco que conheço da história da Ponte) é que a mudança, a elaboração de um novo projeto, parte da mobilização de educadores que costumavam atuar em uma escola tradicional, mas que em determinado momento se vêem cúmplices das mesmas idéias e decidem se reunir para modificar aquela realidade na qual atuam. E, a partir daí, agem, modificam, e a permissão legal ao novo projeto vem depois, caso seja avaliado que a mudança foi positiva e deu certo (e ser positiva significa, para o Ministério que avalia, conseguir se enquadrar nas exigências da lei). Gostaria de saber então: essa minha impressão está certa? Foi assim que ocorreu na Ponte, ou seja, houve num primeiro momento uma "transgressão" às normas, para que só então o Ministério, ao pensar "é, não tem jeito mesmo, esse povo não vai calar...", concedesse o Contrato de Autonomia?

Professor:

Convém, nestas análises, acautelar as várias dimensões do processo de autonomização da Ponte, sob pena de elas não terem razoabilidade. O fator contexto sócio-político é absolutamente determinante, para se compreender o processo de afirmação desta realidade não convencional. Passo a explicar (de uma forma simplista): até 25 de Abril 1974 Portugal «vivia» num regime de ditadura; como em qualquer regime totalitário, o controlo sobre as instituições era muito efetivo. Depois da revolução de Abril, Portugal mergulhou num período de grande turbulência social e instituiu-se o regime democrático. No entanto, em 1976, com a nova Constituição, entramos num «período de normalização» que assegurou o funcionamento das instituições. Quero com isto referir que o início do nosso projeto dá-se neste período conturbadíssimo... Houve um primeiro momento em que se questionou a Escola. Dessas angústias surgiram outras possibilidades que não as tradicionais... Num segundo momento, essas possibilidades foram-se «instituindo» à margem do que estava decretado. Tal foi possível com a ajuda dos pares e, sobretudo, da comunidade. Sendo mais simplista: é óbvio que só existimos porque em dado(s) momento transgredimos sucessivamente, mas conscientemente, o que estava decretado pelo Ministério. Parece descaramento, mas se assim não fosse, não existiríamos. A ruptura com o instituído resultou de um processo de consciencialização sobre o poder esmagador que as normas e processos burocráticos podem ter sobre as instituições educativas.

Professor:

Sim, a situação foi mesmo essa. Existem vários casos de medidas que a Ponte começou aplicar e o ministério reagiu. O último caso é o da Gestão das Escolas. O Ministério acabou por obrigar as escolas a criarem um órgão em tudo semelhante ao nosso Conselho de Direção... Aliás, no preâmbulo do nosso Contrato de Autonomia existe uma referência explícita a isso. Creio, muito sinceramente, que não haverá outra hipótese e que proximamente teremos de "forçar a barra" em relação a outros assuntos. Não nos calamos e agimos, porque os pais também estão do nosso lado. Os pais possuem uma liberdade de expressão muito maior. Aliás, ainda recentemente lembraram a elementos da gestão que são funcionários públicos e que têm de respeitar as hierarquias...

São muitos os obstáculos ao adotarmos uma nova postura em relação ao aprendizado dentro de um sistema tradicional de ensino, como por exemplo, o programa, os conteúdos, as avaliações etc. Mas, entre estes fatores, acho que o grande problema é quebrar a resistência dos alunos em se manterem como são e estão. Em outras palavras, é muito difícil fazer com que os alunos tenham um tipo de atitude durante duas horas por semana (que é a carga horária da matéria que leciono) totalmente diferente da atitude que eles têm durante as outras horas. Gostaria de saber se acham possível imprimir isoladamente este senso de autonomia e motivação dentro de uma escola "tradicional", onde a maioria dos colegas não tem essa preocupação.

Professora:

Tudo é possível... Penso que será possível imprimir essa motivação numa escola tradicional, ainda que esta seja feita por um só professor. É claro que, numa escola em que toda a dinâmica se orienta dentro desse espírito, onde todos os intervenientes atuam segundo princípios que todos conhecem e se trabalha para um só objetivo, se torna mais fácil. Penso que nenhum professor se deve deixar condicionar em demasia pelas contingências do sistema. Se você tem a convicção que as coisas podiam ser diferentes ou melhores, nada melhor do que começar na sua sala de aula. Pode ser que outros o sigam e, dentro de algum tempo, se verifique uma alteração do *status quo*.

Acredito que os momentos de crises são ótimos para despertar o lado criativo de todos nós. Gostaria de saber se elas são fruto de pressões externas ou de âmbito externo. Existe algum projeto prospectivo, a fim de garantir a continuidade da Escola da Ponte?

Professor:

Ao longo dos anos, a escola sofreu muitas pressões externas. Houve momentos de crise agudas e o projeto esteve realmente para ser "abatido". Mas a força da comunidade educativa impediu que tal acontecesse. Ainda recentemente esse apoio de toda a comunidade se fez sentir quando, mais

uma vez, se pretendeu ameaçar a continuidade do projeto. Podemos dizer que já nos habituamos a essas pressões.

Em relação à metodologia de trabalho é natural que os pais tenham reservas. Mas, na Ponte, encontram um espaço onde podem colocar as suas dúvidas, opiniões e críticas. Não criamos barreiras artificiais a essas pressões, abrimos os braços. São também elas que nos permitem melhorar constantemente.

A maior fonte de pressão somos nós próprios. O trabalho visto sempre de uma perspectiva coletiva é sempre inacabado, imperfeito. Nós somos os nossos maiores críticos. E conseguimos ser agrestes nas nossas críticas. É verdade que o projeto é uma construção humana, sempre sujeita a grandes tensões e conflitos.

A abertura, a solidariedade e a amizade vão conseguindo manter a (difícil) estabilidade do corpo de orientadores. É difícil prever o futuro e dizer que está assegurada a continuidade do projeto. Mas temos um conjunto de orientadores motivados e um apoio (quase) incondicional dos pais. Enquanto assim for, a continuidade do projeto está assegurada. Aliás, diga-se que nós somos um projeto com mais de 30 anos, ao qual a tutela continua a chamar "experiência pedagógica"...

SOBRE AS FAMÍLIAS

Os pais preferem uma escola aprendente, que não tem respostas prontas para tudo, onde a participação deles na escola é relevante para a construção de uma nova comunidade ou preferem uma escola "competente, que tudo prevê e para tudo tem respostas definitivas"?

Penso que a classe médio-alta prefira o segundo tipo de escola, pois, ou acredita que esta escola poderá educar melhor os seus filhos para a competitiva sociedade capitalista ou esta escola lhes cause menos inconveniências pessoais.

Educadora brasileira:

A significação dos alcances, das funções, dos compromissos de cada Instituição não pode tornar-se única e uniformizante, no entanto, deve estar próxima à realidade dos agentes que interagem dentro e fora de suas paredes. É só por isso que há momentos em que pais estão na escola, há momentos que são a escola e, há momentos que sequer são! Mas cada Instituição deve buscar esse eixo de reflexão, lapidar o seu potencial humano na busca do seu momento que deve ser a "sua" solução.

O que faz da Escola da Ponte uma experiência viva, é sua atitude aprendente, é capacidade "humana" de recuar alguns passos nas suas relações educacionais, políticas e especialmente sociais. Mesmo na Escola da Ponte, há momentos de dúvidas na trilha escolhida, mas são escolhas da comunidade educacional, não corporativamente.

A escola é feita de pessoas, de suas experiências, de suas consciências e vontades. Portanto, há pais que participam, há professores que interagem que compreendem a dimensão política dessa relação e que exigem para si esse compromisso, e há a sua negação, também. Só o que não há é um modelo do que se esperar das relações humanas. Talvez seja esse modelo o esperado pelo modismo enlatado que teimamos em consumir.

É necessário que repensemos alguns conceitos. Lembro-me do debate fundamental do filme Sociedade dos Poetas Mortos; a competência ética educacional com o produto educação. Em nada o aluno (não me recordo seu nome) que se suicida deixou de ser competente. Ele apenas foi mais além, escolheu o seu caminho e foi imprevisível. Contudo, as reações sociais eram totalmente previsíveis.

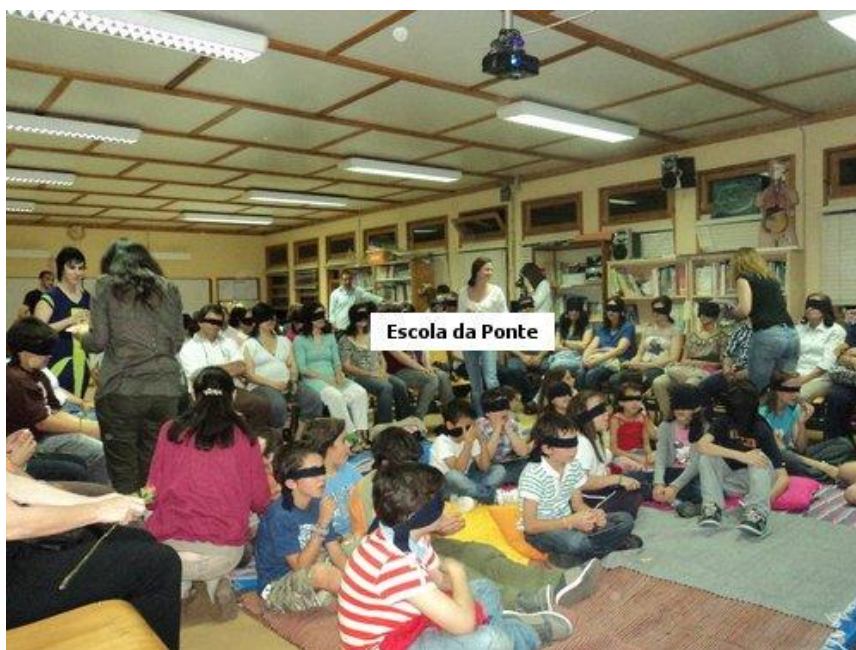
Nossa legislação instituiu como tema transversal uma componente curricular denominada de Ética e Cidadania. Nos meios acadêmicos superiores, a componente é Filosofia e Ética Profissional. Observo em diversas dessas instituições que, a idéia de ética é uma idéia normativa de previsibilidade de comportamentos e condutas por meio dos tais chamados "Códigos de Ética". Por que trouxe esses exemplos para discutirmos sua questão? Para demonstrar-lhe a incoerência do sistema capitalista que nós avalizamos. Que se utiliza de um equipamento social como a escola para produzir "robôs" (máquinas de reproduzir ordens) num mercado que aos poucos exige autonomia. Não sei em Portugal, mas no Brasil, ao selecionarmos candidatos para o preenchimento de uma vaga, esperamos encontrar pessoas dinâmicas, autônomas, capazes de buscar o justo num ambiente de conflito que é qualquer empresa onde trabalhe mais de uma única pessoa. Esse profissional não é facilmente encontrado.

Nossas instituições continuam por variados fatores a buscar a previsibilidade de respostas, de caminhos, continuam sendo reflexo de uma mentalidade de controle e de hábito (como já nos diria La Boétie no sec. XV) de uma elite treinada para tal função.

A proposta de uma escola aprendente é uma proposta de método, não é uma proposta de aniquilação dos saberes, culturalmente determinados por essa mesma elite. A produção cultural faz parte do conhecer o mundo, mas, ela pode e deve ser (re)significada na Instituição. Essa proposta tem na participação "ativa" dos seus agentes a significação do papel do saber no seu meio social, transformando métodos, ideologias, em função da sua Comunidade. É aprendente, pois não se fecha numa metodologia que encarcera e reproduz as previsibilidades, as respostas prontas. Mas não é em nenhum momento a negação da competência. Somos Escola, pois temos definido um propósito de aquisição de saberes que propiciam o

desenvolvimento individual e social do Homem na melhor gestão do mundo em si (cidadania) a partir do pensar e não da reprodução. Caso contrário essa "educação" poderia ser oferecida na Igreja, no Clube, na festa, etc.

O que nos torna democráticos é a possibilidade de pais escolherem os projetos pedagógicos que lhe convém, mas a escola não deve nunca deixar de por em causa a ideologia a que serve.



No dia 20 de Maio, sexta-feira, pelas 21h00, no espaço Rubem Alves os pais da Ponte trouxeram os seus cinco sentidos bem apurados e entraram no mundo das histórias, descobrindo como poderiam ajudar o seu filho a saborear também o prazer dos livros. Exploramos estratégias de leitura, divulgamos iniciativas, planos e projetos nacionais e discutimos os desafios da literatura infanto-juvenil, assim como a sua atual relação com as novas tecnologias. <http://www.facebook.com/media/set/>

Sou professora há três anos e de tudo tenho feito para envolver os pais dos meus alunos nas atividades da escola. A minha questão é: por que razões os pais dos nossos alunos nos atiram pedras constantemente? Contestam todas as nossas atitudes e acham que têm sempre a razão do lado deles. Sem se darem conta, acabam por provocar mal estar nos próprios filhos, que ficam influenciados com as atitudes dos pais. Como poderei eu tentar mudar a maneira de pensar e de estar dos pais perante a escola?

Educadora brasileira:

Não acredito que haja receitas nas relações humanas. Há um trabalho árduo e lento. A paixão é um sentimento imediatista, que, por vezes, satisfeito o desejo se anula com a mesma rapidez que surgiu. O amor é algo que se fortalece no dia a dia, que amadurece e se satisfaz a cada novo momento que antevê a realização do outro. Ser professor é amar. Amar implica em repensar atitudes e condutas sem que para isso precisemos anular a nossa identidade.

Assim, enquanto Escola, as atividades propostas são atividades que significam aos pais tanto quanto para a Instituição? Para que elas servem? A quem elas servem? Há uma Escola que visito como voluntária que está num trabalho muito interessante. Após uma brincadeira entre filhos e pais de quem conhece mais um ao outro, tabularam que alguns anseios dos pais era não poder dar aos seus filhos uma vivência cultural de cinema, teatro etc. Alguns professores, a partir dos dados, montaram o projeto "Arte na Escola". A primeira experiência foi com Arte Moderna. As crianças viram slides de obras, pesquisaram e produziram sua primeira semana de arte moderna para os pais. A presença não foi 100%. Numa escola com 120 alunos, houve a presença de 40 a 50 pais. Esse foi o primeiro passo para satisfazer "os desejos" de pais e alunos. As crianças agora estão pensando em fazer a sua releitura de uma peça teatral.

É um começo. Por isso, não há receitas, é necessário o jogo dos erros e acertos e, requer de nossa parte sensibilidade e atenção para as mensagens em um relacionamento.

Durante os anos em que trabalhei na direção de uma escola pública, criamos uma série de iniciativas que tinham como objetivo principal aproximar os pais da escola. De certa forma, ainda que os objetivos fossem nobres, de alguma forma eu sentia que aquele contato era artificial, pois o envolvimento era muito mais "cênico" do que efetivo e capaz de transformar a relação estabelecida há anos.

Que tipo de ações concretas vocês lançaram mão para transformar os pais em verdadeiros atores do processo e não meros figurantes como costumamos ver na maioria das escolas?

Professor:

Nós dispensamos "figurantes" e representações corporativas... Por exemplo, (por mais polêmica que possa ser a interrogação, apetece-me "provocar fraternalmente") eu ousar perguntar: o que vão os pais e os representantes dos auxiliares de ação educativa e dos serviços administrativos fazer nas reuniões de Conselho Pedagógico de outras escolas? Se essas reuniões forem preenchidas com assuntos efetivamente do âmbito da Pedagogia e o teor da discussão não assentar num mero exercício de senso comum, mas numa linguagem de códigos mais elaborados que caracteriza o discurso científico das ciências da educação, quantos pais estarão capacitados para participar plenamente nessas discussões? Dito de outra forma: quantos professores estarão capacitados para participar numa reunião de especialistas em eletrônica, ou numa reunião de um conselho de consultores de uma qualquer unidade industrial?

Se os pais participam em reuniões de Conselho Pedagógico em que se discutem questões de *lana caprina*, estão a perder tempo. Se as discussões forem, efetivamente, sobre pedagogia o mais provável será os pais não arriscarem fazer qualquer comentário, ou emitir uma simples opinião. Os pais poderão ir à primeira reunião, mas duvido que vão à segunda... A participação de pais (ou de representantes de corporações) num Conselho Pedagógico não pode ser um "faz de conta".

Se os pais quiserem estar presentes nas reuniões de Conselho Pedagógico, ninguém os impedirá. Bem pelo contrário!... Nós queremos os pais na escola dos seus filhos, na escola que também é sua. Queremos repartir responsabilidades. Os pais são um dos mais sólidos pilares do nosso projeto. É nossa vontade que eles tomem a responsabilidade da Direção da escola. Mas nunca confundimos o estatuto de pai com o estatuto de professor. Nós tratamos os pais, desde 1976, com o respeito de que são merecedores.

Nunca os expusemos a situações de constrangimento. Criámos mediadores: professor-tutor, caderno de vai-vem, reuniões, etc. Reformulámos os códigos de comunicação. Enfim!... E consideramos estar ainda no princípio da mútua aprendizagem de cooperação.



<http://jornal-dia-a-dia.blogspot.com.br/>

Festa Branca, organizada pelas crianças, com apoio de pais e professores

Sou professora de uma escola da zona rural, em juazeiro do norte no Ceará, meus alunos não tem referência de família, pois os pais trocam constantemente de pares. Tenho alunos que são primos e irmãos/ tios e irmãos/colegas e irmão e às vezes irmão e não sabem que o são. Que família vou levar a escola?

Professor:

Há cerca de uma semana, estive no Ceará. Hoje, receberemos a visita de algumas professoras vindas do Ceará. Algum conhecimento que tenho da realidade da escola pública cearense confirma o que escreveu. E pouco difere de muitas situações que eu mesmo vivi, em muitas escolas divorciadas das famílias dos seus alunos (quando família havia!...).

Recebemos na Ponte crianças que não têm família e vivem em instituições de acolhimento. Outras crianças que estão em fase de adoção. Outras ainda cujas famílias atravessam uma fase crítica...

Pouco poderei acrescentar que possa ajudar. Coloco a mim próprio as vossas interrogações. E, se não sei que família se apresenta à escola, tento saber, pelo menos, o que está ao meu alcance: que escola se apresenta à família?

Se há pais que negam a importância da escola e a competência dos seus professores, não haverá escolas e professores de costas voltados para as famílias dos seus alunos?

Se a instituição Família está em crise, a instituição Escola também não está em "estado de graça"... Penso já ser o tempo de Escola e Família fazerem um *mea*

culpa e procurarem vias de mútuo reconhecimento e entendimento, pondo ponto final num diálogo de surdos. Penso ser já tempo de deixar de lamentar, ainda que reconheça a legitimidade nas lamentações.

Educadora brasileira:

Ao construirmos valores com as crianças, sejam eles comuns ao coletivo ou não, devemos primeiro perguntar o que esse valor específico significa para nós. Introduzir valores que nada a nós represente é como construir simulacros, falsos valores. Assim sendo, qual o modelo de família que você quer trabalhar? Se ele corresponde ao vivenciado pelas crianças, a aproximação está feita e, não se sinta insegura de trabalhá-lo. Não se esqueça nunca, ele precisa ser trabalhado como a expressão real da comunidade.

Quando penso em família, penso em Amor. Amor que independe de sexo, cor, religião, agrupamento, etc. Dizer que a família é constituída de pai, mãe e respectivos filhos é representar socialmente papéis que se modificam de acordo com as necessidades aparentes ou não dessa sociedade. Quantas vezes não tratamos nossos amigos como família?

Infelizmente, ao se desmancharem relações de amor, não trabalhamos com as crianças que a sua relação de amor com o Sr. A ou o Sr. B podem se manter estáveis. Terminar relacionamentos de adultos não é terminar relacionamento com as crianças.

Algumas tribos indígenas muito nos ensinam. A tribo é a família. O Amor, a fraternidade, a responsabilidade com todos é de todos. Por que não somos capazes de ver essa forma simples de amar? Por que não estender a Escola como família? Trazer pais na Escola não é torná-los família de todos? Corresponsáveis por todos e não apenas pelo seu rebento? O que nos une não é uma relação de Amor? Não somos uma família?

Começo por felicitar os organizadores, pela sempre atual questão das relações entre a Escola e a Família.

Pretendo animar o debate, colocando uma questão que me parece pertinente: a da liberdade de educação. Será ou não verdade que os Pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos?

Estaremos ou não, em nome de uma eventual e tão badalada «crise da família» a desresponsabilizar os Pais dos seus deveres e a convidar a Escola a assumir papéis que não lhe competem, sobrecarregando-a com mais trabalhos?

Acontece que o modelo de Escola que temos, se caracteriza por ser uma instituição eminentemente pública, com tudo de bom e de perverso que isso implica. Se é pública e se os Pais são o público, porque não podem estes conceber e gerir um Projeto Educativo, de acordo com o gênero de educação que pretendem dar aos filhos? Não lhe parece que o papel do Estado, na Educação deveria apenas ser regulador e não gestor de interesses como acontece atualmente?

Professor:

Creio que já chega de lamentações e catarses. Nem as famílias, nem as escolas estão isentas de responsabilidades. E a mudança terá de partir de ambas.

Há pais que vêem a escola como um depósito de alunos. E é preciso desenganá-los. Há escolas que vêem os pais como intrusos, quando deveriam considerá-los co-responsáveis pelo ato de educar. Não considero os pais como "público", ou clientes. Mas reconheço aos pais o direito de escolher o projeto de vida e o projeto educativo para o seu filho. E também o direito à escolha da escola que no seu projeto (não só no papel...) contemple e operacionalize os valores e princípios que enformem o modelo de aluno, de filho, de pessoa, de cidadão a que aspiram.

Em algumas das Unidades Educacionais da Prefeitura do Município de São Paulo é comum que a participação dos pais (mães/responsáveis) esteja relacionada apenas à concretização de tarefas, tais como: limpar a escola, auxiliar nas festas para arrecadação de fundos, etc. Por outro lado, a atual administração, do Partido dos Trabalhadores, apontou para a necessidade de envolvimento de todos - alunos, mães/pais/responsáveis, professores, equipe técnica e equipe de apoio educativo - nas tomadas de decisões em diversos espaços (por exemplo: no Conselho de Escola e na elaboração e acompanhamento do Projeto Político Pedagógico de cada

Unidade Educacional). Nestes espaços, temos mães e pais que atualmente defendem que "a escola deve formar para a vida" e adquiriram estes posicionamentos participando... Pelo que foi possível ler, o Conselho Pedagógico da Escola da Ponte aparenta ser similar aos espaços construídos para a elaboração e o acompanhamento do nosso Projeto Político Pedagógico.

Dito isto, as perguntas são as seguintes: será que todos os pais (mães ou responsáveis) não têm competência para acompanhar reuniões pedagógicas? Será que uma concepção de educação democrática e popular só pode ser construída através da educação formal (com a aquisição de um diploma de professor)? A "vida" não pode ter dado condições para que as pessoas contribuam na construção coletiva de uma escola diferenciada e cidadã?

Educadora brasileira:

Quando pensamos nas funções que cada agente de um ambiente escolar exerce, não excluimos em nenhum momento a interação, a participação em outras funções (caso contrário seria tão excludente quanto o modelo que buscamos combater). Contudo, as responsabilidades devem ser pontuadas. Não são todos os pais que possuem competência para discutir um plano político pedagógico. Aliás, no Brasil (acredito que em Portugal isso também ocorra), muitos professores nem sequer têm acesso ao plano, que dirá participar... Portanto, devemos tomar muito cuidado com as generalizações.

Os debates devem ser estruturais, formar ambiente de fraternidade, para sermos capazes de aceitar as diferenças e os conflitos naturais que surgirão, conflitos que não podem tomar acento pessoal (infelizmente o que mais acontece). Só então podemos pensar na participação efetiva nos debates, nas reuniões pedagógicas.

Mas a competência para qualquer atividade não é inata. A competência se produz com técnicas e experiências, que nos desencadeiam erros e acertos, e um local para aprender competências: a escola. Para a atividade pedagógica são necessárias competências claras e precisas. Nem todo pedagogo é competente para lidar com crianças, assim como nem todo pedagogo é

competente em gestão escolar. O mesmo ocorre com os pais e com qualquer ser humano.

Somos movidos por juízos de valores, que vão se constituindo em função de nossas experiências vividas. Vida que intercala educação formal e não formal. A vida contribui para aquisição de conhecimentos, mas ela sozinha não basta. É muito interessante trazer a vida na escola, mas as especificidades técnicas, que habilitarão a criança no seu processo de inclusão do meio adulto, no trabalho e nas obrigações sociais devem ser também competência da escola. Se pensarmos que a “vida” é suficiente para a educação democrática, estaremos apenas reforçando o que a história se encarregou de gravar: a desigualdade, a exclusão, a baixa estima etc.

Devemos procurar a educação democrática como a conexão de vida com os conhecimentos culturalmente constituídos pela humanidade por meio da colaboração de todos os agentes. Nossas crianças devem ser preparadas para essas competências que o mercado de trabalho nos exige. É um equívoco pensar que, porque é educação democrática, se deva reforçar a dicotomia entre teoria e prática, passividade e atividade, vida e não vida... Precisamos da vida dos pais, de seus saberes, mas, precisamos da técnica de nossos professores.

“Os pais passaram a ser um dos alicerces político do Projeto Fazer a Ponte, pois reconhecem o melhor para seus filhos, lutam pelas necessidades físicas da Escola, pelas necessidades pedagógicas instituídas pelos professores...” Qual a relação entre a Associação de Pais da Ponte com as outras possíveis Associações de Pais de Vila das Aves? Como se dá o relacionamento com o poder político da região? Constituem-se como força de reivindicações para o Distrito?

Professor:

A não ser que tenham modificado a sua atitude, as associações de pais de outras escolas não apresentam características idênticas às da Associação de Pais da Escola da Ponte.

As associações de pais de outras escolas foram, quase sempre, utilizadas pelos professores (por vezes, mesmo manipuladas). No passado, os pais que,

em outras escolas, reivindicavam o reconhecimento da dignidade do seu estatuto e reclamavam direitos legítimos de intervenção, foram afastados por professores ciosos de privilégios. Por mais absurda que possa parecer esta referência, a verdade é que a maioria das escolas da região se manteve (e mantém-se ainda) fechada à plena participação dos pais dos alunos. Na melhor das hipóteses, as associações de pais são remetidas para meras tarefas de melhoria de instalações ou organização de atividades extra-escolares.

Foi surpreendente verificar que pais de alunos de outras escolas ignoravam, por exemplo, o direito à participação em determinadas reuniões. Vi pais da nossa associação explicando preceitos legais a presidentes de outras associações de pais. E observei as reações de pais e de... professores. Um dia, escreverei sobre o estatuto de menoridade a que muitos pais e associações foram sujeitos, ao longo dos últimos anos.

A relação da nossa associação com outras é formal e caracteriza-se pelo respeito de que são merecedoras, independente das diferenças de opções e de culturas. Talvez no futuro - e perante a verificação dos resultados obtidos pela nossa associação - outras associações venham a reivindicar seus direitos e a assumir atitudes de efetiva intervenção nas suas escolas. Será, então, possível a cooperação a que, há muito tempo, os pais da nossa escola aspiram.

Certos titulares de órgãos de poder local tendem a proteger instituições que se sujeitam ao seu controlo e temem cidadãos e associações, que agem em verdadeira autonomia. Restam, na sociedade portuguesa - e nesta região, em particular - resquícios da "velha política", porque só estamos em democracia há 30 anos...

Tem sido difícil o relacionamento com alguns órgãos de poder e políticos que, persistentemente, vêm prejudicando a nossa escola, os seus alunos e a sua associação de pais. É o preço do exercício de uma verdadeira autonomia. Também por esta razão, sinto o maior respeito e devo a maior gratidão aos pais dos alunos da nossa escola. Em especial, aos pais que assumem, com enormes sacrifícios, a Direção da sua associação.

Da sua ação e da cooperação com outras associações locais poderá resultar a mudança cultural e social que as escolas e a região merecem.

Qual é a participação da Associação de Pais na Escola? Qual é o papel que exercem?

Pai de aluna:

Minha filha foi aluna da Escola da Ponte. Fiz parte da Associação de Pais da Escola da Ponte entre 2003 e 2004. O que posso lhe dizer é que a Ponte não existiria como existe hoje se não fosse a Associação de Pais. A genialidade dos professores, a sua boa-vontade e esforço alcançariam muito pouco, se os próprios pais das crianças não acreditassem no projeto e não apoiassem o seu sucesso.

Esta é uma lição importante: se os pais de seus alunos não concordam, não apóiam e não se envolvem, esqueça qualquer chance de mudança. Ela não acontecerá. E, se acontecer alguma mudança, ela não se sustentará.

Há uma grande diferença com relação à maneira como a Escola da Ponte lida com os pais e a maneira como a maioria das escolas que conheço lida com os pais. Na Ponte, os pais têm voz e vez. Tanta voz e vez que, agora, com o novo contrato de autonomia, quem dirige a escola são os pais. Os professores cuidam da parte pedagógica e os pais cuidam da escola como um todo. Eu não conheço escola pública no Brasil em que o diretor entregue seu cargo a um pai, por exemplo. No contexto brasileiro isto seria inadmissível, impensável, impossível. Na Ponte, não. É não apenas perfeitamente possível como também é a consequência mais lógica de décadas de envolvimento dos pais com o projeto. Não haveria melhor forma de organizar as coisas na Ponte que fazendo assim.

Ou seja: na Ponte os pais não são convidados para reuniões apenas para serem informados do que a direção ou os professores da escola decidiram. Não são chamados apenas para serem informados. São chamados para se envolverem e, por isto, para tomar decisões. Sinceramente, não sei quantos professores e quantos diretores de escola, no Brasil, estariam dispostos a isto. E é muito gozado isto, porque ouço uma queixa reiterada por professores e diretores, dizendo que os pais dos alunos não comparecem à escola, não participam de reuniões, não se envolvem. Claro: se são convidados apenas para ouvir, apenas para receber informação, se não são chamados a decidir e

se sua voz é interpretada apenas como pedido, não como decisão, então por que se deveria esperar coisa diferente?

Na Ponte, eles não tiveram medo de chamar os pais para tomar decisões. Acho que esta foi a primeira "parede" que caiu, antes que as de tijolos fossem derrubadas: a parede invisível que separa os pais do poder de tomar decisões na escola. Uma questão política que não é nada secundária.

Numa escola pública, o diretor representa o poder público. Os pais são o povo. E o povo tomando decisões, o povo no poder é coisa com que os detentores do poder têm grande dificuldade de lidar. Acho muito difícil encontrar diretores de escolas públicas que aceitem tomar decisões sem ser de cima para baixo. Acho muito difícil um diretor aceitar sentar-se junto com os pais e tomar decisões em que, por exemplo, ele, diretor, seja voto vencido e prevaleça a vontade da maioria, dos pais.

A Associação de Pais da Escola da Ponte não tem papel de "rainha da Inglaterra". Não faz "figuração". Participa diretamente da vida da escola. E participa porque não apenas tem voz, mas tem poder, agora um poder reconhecido pelo novo contrato e regulamento da escola.

Acho que as maiores dificuldades continuam do lado de cá, de professores e diretores. Professores e diretores em geral não acreditam nos alunos e não acreditam nos pais. Desconfiam. Aham que se deixarem as crianças escolherem, se deixarem os pais tomarem decisões, será o caos, será uma bagunça, nada funcionará direito, a educação se perderá. Acreditam que o poder de decisão deve ficar nas mãos de "quem entende", desde fique claro que "quem entende" sejam eles mesmos, não os pais e muito menos os alunos.

É uma questão política séria, que não é banal. Os professores gostam de fazer discursos contra o poder dos outros e em defesa da democracia, mas não questionam e não abrem mão do próprio poder. Democracia sim, desde que o poder de tomar decisões continue somente com os professores e diretores.

Está aí uma parede muito difícil de derrubar. Talvez a maior barreira para que o tipo de educação que se faz na Ponte aconteça em outras escolas.

Educadora brasileira:

Sinto a necessidade de tocar em alguns pontos, pois eles dizem respeito exatamente ao que mais me interessa enquanto pesquisadora: o processo de co-responsabilização da comunidade escolar em relação ao seu projeto. A Escola da Ponte estruturou mecanismos de gestão que envolve, de fato, todos os segmentos: Equipe, Pais ou Encarregados de Educação e Alunos. Quando todos os órgãos previstos em seu Regulamento Interno e no Contrato de Autonomia (esses documentos estão disponíveis no site da Escola) estiverem instalados eles terão, também, representantes de alguns segmentos de Vila das Aves, nas suas instâncias consultivas e deliberativas. Os Pais são importantíssimos no contexto da Ponte, mas destaco que o estágio de responsabilização que atingiram foi uma conquista, um processo pedagógico de educação para a participação, baseada em muito respeito. O iniciador do projeto, em suas palestras, conta sempre como se deu esse processo e até com muita graça cita o exemplo do vinho, que funcionou como "mediador" da conversa entre ele e um dos pais. Quero dizer com isso que é preciso construir estratégias para atrairmos os pais, para que eles se percebam como parte integrante da Escola.

A Ponte mostra que também não é condição o envolvimento de todos os pais. A Associação de lá, por exemplo, conta sempre com uns 12/15 pais/mães que atuam sistematicamente, que põem a mão na massa. Há reuniões ordinárias uma vez por mês, mas se necessário acontecem outras. Organizam comemorações para o convívio entre todos da comunidade escolar e têm uma atuação política, interferindo quando é necessário algum enfretamento com o Ministério da Educação. Quando necessário opinam e decidem junto com a Equipe da Escola, mas isso não é em relação a tudo. A Escola tem o seu Coordenador do Projeto, que é o profissional que tem assento em todos os conselhos para garantir a unidade da Escola, inclusive será ele quem coordenará as reuniões do Conselho de Pais, quando estiverem todos os órgãos instalados.

Os Pais expressam as suas opiniões e descontentamentos sobre questões pedagógicas, mas não decidem sobre essa pauta, pois se trata de competência da Equipe. A direção da Escola é colegiada, o que implica, efetivamente, não está entregue a um ou outro segmento. ACONSELHO QUE TODOS LEIAM O

CONTRATO DE AUTONOMIA e o REGULAMENTO INTERNO DA ESCOLA para um melhor entendimento de como funciona.

É preciso ficar atentos às afirmativas que a Escola é dirigida pelos Pais, pois, concretamente, é muito mais força de expressão, para realçar o peso que os pais têm naquela instituição. A proposta é colegiada e pude perceber o peso da equipe nas decisões do cotidiano e até mesmo das crianças, por ocasião das assembléias.

Em determinado momento vocês afirmaram que a Escola Amorim Lima tem um projeto bem diferente da Escola da Ponte (como é de se esperar, pois cada escola tem o seu projeto local). Então, gostaria de saber essencialmente quais são estas diferenças?

Pude acompanhar algumas reuniões de pais e conselhos na Amorim Lima e percebi que esta participação de pais no projeto da escola é de suma importância. Lá temos, pelo menos, cinco pais (que é bem desproporcional em relação à Ponte, pois a Amorim abriga em torno de 800 alunos) que são extremamente ativos na implantação do projeto e têm uma forte atuação política com órgãos oficiais. Então queria saber como a Ponte obteve sucesso em trazer os pais para o cotidiano da escola, isto é, quais estratégias se mostraram mais acertadas?

Educadora brasileira:

Fui eu quem afirmou que há diferenças entre os projetos da Ponte, Amorim e Lumiar, exatamente para realçar o que você destacou: os projetos são mesmo diferentes e não seria o caso tratá-los como se fossem uma espécie de "franchising" (será que escrevi certo?). Acompanhei o trabalho da Ponte por seis meses e estive na Amorim por duas horas, assim como na Lumiar (muito pouco), mas pude constatar a importância dos projetos desenvolvidos por aquelas instituições.

No Projeto da Lumiar considero bastante claro, quanto às afinidades com o quadro conceitual da pedagogia libertária. Lá eles construíram dispositivos pedagógicos e uma forma de organizar a escola nada convencional, realmente bem diferentes, inclusive da Ponte. Sobre a Amorim é muito comum o projeto ser associado (tem circulado muito nos mídias) ao "Fazer a Ponte" e então se

tornam inevitáveis as comparações, o que imagino encher a equipe de uma responsabilidade a mais. Porém, percebi a Amorim como sendo uma escola que tem a Ponte como motivação, mas que tem procurado o seu jeito próprio de fazer, até porque trabalha com mais de 800 alunos e, em pouco tempo, já é um projeto voltado para todos (numa outra resposta contei como tudo começou lá na Ponte, lentamente). O projeto da Amorim está bem no começo e, conseqüentemente, esta é uma fase muito mais de incertezas. O "Fazer a Ponte" já é um projeto adulto.

A participação dos pais na Escola da Ponte foi se construindo, na medida da confiança que o projeto foi inspirando. A equipe sabia da importância dessa participação, do quanto seria estratégica e, então, foram sendo criados os canais de comunicação e fortalecendo-se os vínculos, sem falar que o projeto se colocava numa perspectiva democrática. Como não trazer e/ou deixar os pais entrarem na escola?

Pensar em disciplina e em indisciplina, em primeiro lugar, me leva a pensar mais na figura do professor do que na do aluno. Foi comentado que o professor "frouxo" ou autoritário pode se tornar um professor que saiba se impor sendo sensível ao seu aluno, isto é sem manifestações de autoritarismo ou paternalismo. Ao ler sobre esta questão me pus a refletir:

Trans-formar, eis a questão. A escola é um local de aprendizagens não só para os alunos, mas também para a equipe de profissionais que faz parte dela. Lá todos aprendem, portanto crescem e evoluem. Se não houver esta concepção dentro da escola, não haverá um amadurecimento por parte de seus profissionais e medidas superficiais, como autoritárias ou "frouxas", tornam-se o moto condutor. Para que isto não venha ocorrer, o trabalho de equipe precisa ser compartilhado, voltado para o estudo, reflexões e trocas.

Contudo sabemos que, mesmo assim, há casos em que a postura da escola em relação ao comportamento anti-social do aluno não é o suficiente. Podemos utilizar todos os recursos existentes, buscar mudanças, adequações, mas o aluno se mantém numa postura com a qual se torna difícil conviver. Esgotadas algumas possibilidades,

partimos para o trabalho com a família. É um trabalho de parceria, que se torna instigante quando desta família obtemos o apoio, a solidariedade e o reconhecimento. Entretanto nem tudo acontece a mil maravilhas, percebemos que a coisa "empaca" quando a família não está disposta a, realmente, entrar na ciranda de se trans-fomar. Por vezes fica no lugar de burlar o que foi conversado, acertado. Enfim, a dificuldade do aluno fica estagnada na impossibilidade da família de se transformar. Portanto eu pergunto: Como é que a Escola da Ponte lida com tais situações? Até onde a escola pode entrar na intimidade das famílias e fazer delas exigências em relação a atitudes e tratamentos com seus filhos?

Professor:

Há limites na nossa intervenção junto das famílias. Temos de agir com muito tacto, sensibilidade. Porque a criança não pode ser arma de arremesso nem sair prejudicada. Nos casos em que ainda temos família para interpelar, quase sempre é possível fazer algo. Ao longo destes trinta anos de projeto, houve, porém, meia dúzia de casos em que tivemos insucesso absoluto. E, essa meia dúzia de alunos saiu da Ponte, porque a possibilidade de diálogo se esgotou e os alunos estavam sendo prejudicados pela tensão existente entre a escola e a sua família.

Quando matriculamos alunos, não matriculamos filhos. A tarefa de educar não cessa para os pais, quando os seus filhos entram nas escolas. Os que saíram eram filhos de pais que pensavam que uma escola é um depósito de alunos...

Em sala de aula, debatemos sobre o filme "O Clube do Imperador". Aqueles que já assistiram sabem da beleza e o quanto esse filme tem a nos mostrar como educadores. Para aqueles que não assistiram fica a recomendação, pois vão se deliciar com ele.

Bom, estávamos debatendo sobre uma fala de um dos personagens do filme, um pai que ao conversar com o professor de seu filho lhe diz: "Você não deve moldar o meu filho, cabe a você ensiná-lo. Eu vou moldá-lo." Muitos alunos participavam entusiasmados no debate e o consenso geral foi que, na verdade, ninguém pode moldar ninguém. Por fim, uma aluna indagou sobre a verdadeira função do professor: apenas

orientar o aluno em seu processo de ensino aprendizagem, ou também formar o aluno enquanto ser ético?

O debate tomou grande proporção e a sala ficou um pouco dividida quanto a essa questão. Alguns acreditam que a escola também faça parte da formação ética, de valores e princípios de uma criança, já outros acreditam que essa função cabe a família (embora a escola auxilie nessa formação). Acreditam que hoje, no Brasil e talvez no mundo, um mundo que se encontra em "crise", onde a família se encontra em "crise", essa função que seria da família foi transferida quase que totalmente para escola e esta fica sobrecarregada, não dando conta das funções atribuídas a ela.

A meu ver, a autonomia e a motivação da criança estão relacionadas aos valores e princípios que cada um traz consigo, portanto acredito que a escola também seja responsável por essa formação. Afinal, a escola deve ver o aluno como um todo e não fragmentado: aqui você apreende a ler e escrever e em casa você apreende a ser ético... Não consigo entender assim.

Escrevi, escrevi e pergunto: Como a Escola da Ponte vê essa questão? Vocês acreditam que essa função seja mais da família do que da escola? Seja dos dois? E o principal: Como a escola pode colaborar para que a família também exerça essa função, principalmente em sociedades e comunidades em crise, onde a ética, o respeito ao próximo, as boas maneiras sequer existem?

Professor:

É uma boa questão, que Anísio Teixeira resumiu numa epígrafe: "as escolas matriculam alunos, não matriculam filhos".

Todos nós somos influenciados, moldados, dentro e fora da instituição escola, ou da instituição família. É inevitável. Resta-nos sermos o menos possível...

Ao professor cabe orientar o aluno em seu processo de ensino aprendizagem e também formar o aluno enquanto ser ético. Porém, quando se penetra o universo da axiologia, convirá refletir sobre a necessidade de harmonizar valores com que as diversas instituições "moldam" os indivíduos, e evitar transferir para a Escola responsabilidades que são, por exemplo, da

Família. Nós sabemos da crise que a instituição Família atravessa, num quadro de crise geral dos sistemas. Também por essa razão (e não só...), instituímos, na Ponte, a figura de professor-tutor. Não é um substituto da entidade parental. É um orientador educativo, que escolhe e é escolhido pelo aluno e pela sua família, e atua no domínio do desenvolvimento sócio-emocional-afectivo e... moral. Sem confusão de estatutos. Pai é pai; professor é professor. A cada qual a sua responsabilidade.

Supletivamente, temos outros dispositivos: conselho de pais, conselho de direção, caderno de recados, reuniões de pais e professores, encontros informais entre pais e professores.

Sou diretora de uma escola Infantil e Fundamental, e uma das coisas que noto nos pais dos nossos alunos é a ansiedade pelas "notas" ou valores conquistados pelos filhos nas provas, e também uma preocupação muito grande e cada vez mais cedo, com a preparação das crianças para o vestibular (prova para o ingresso nas faculdades e universidades). Imagino que os "pais novatos" da escola da Ponte chegam com pensamentos semelhantes.

Como isso é trabalhado? Demora muito para ocorrer a mudança desse pensamento?

Pai de aluno:

Há pais que vêm com tais expectativas da escola que, quando o seu filho, ao fim de um mês ou dois, não consegue ler e escrever corretamente, ficam quase decepcionados.

Bom, os casos são muito diversos, há alunos que vêm para a escola já sabendo ler, há alunos que atingem os objetivos que os pais anseiam e há alunos que passam por períodos de adaptação à própria escola, por se tratar de um novo ambiente para si. E só quando atingem segurança e confiança em si mesmos é que "despontam" para o desenvolvimento escolar.

Há uma preocupação em esclarecer os pais do modo de funcionamento da escola e, como se realizam encontros mensais ou bi-mensais com todos, podemos ficar a saber como as "coisas" estão decorrendo.

A abertura da escola é total, pelo que dá a possibilidade aos pais mais ansiosos de se dirigirem ao tutor do seu filho, para serem esclarecidos sobre as preocupações que possam ter.

A relação que se estabelece entre os Pais e/ou Encarregados de Educação é muito importante. Para além das reuniões mensais (formais) da Associação de Pais, os Pais procuram fazer outras atividades (mais informais) de modo a conhecerem-se melhor uns aos outros, como, por exemplo, um pic-nic ou outra atividade?

Pai de aluno:

Os pais participam nas diversas atividades que se realizam na e fora da escola. Por exemplo: O Magusto de S. Martinho (Novembro), a festa de Natal (Dezembro), o Carnaval (Fevereiro), o dia do pai (Março), as festas da Vila (Abril), o dia da Mãe (Maio), as festas de S. João (Junho), as colônias de férias na praia (Junho) e, às vezes, um acampamento de fim de semana (Julho) como encerramento do período "letivo".

Como vocês avaliam o rendimento/conhecimento/mudanças cotidianas na vida de seu filho, antes e depois da Escola da Ponte?

Pai de aluno:

Considero-me sempre um pouco suspeito, quando tenho que falar do meu filho, mas vou tentar ser objetivo na minha resposta. No que diz respeito ao conhecimento/rendimento, é como outra criança qualquer. Prefere brincar a estudar. Só pretendo dizer com esta resposta simples que eu valorizo o seu desenvolvimento com o máximo de conhecimentos académicos que ele puder adquirir, mas, sobretudo, um nível máximo da sua consciência cívica, social e humana.

Como você avalia o projeto da escola da ponte em relação ao seu tempo de existência? Ocorreram muitas mudanças significativas na forma de conduzir a participação dos pais no projeto educativo ou ainda se mantém a forma adotada no seu surgimento?

Pai de aluno:

Como sabe, o projeto tem cerca de 30 anos de existência e eu só estou há sete (contando com este) na Ponte. Por isso, não quero ser injusto para com quem tem estado na Ponte nestes últimos sete anos.

Algum pai/mãe teve uma repulsa com a Ponte, quando entendeu a forma de ensinar? Teve vontade de tirar seu filho de lá?

Pai de aluno:

É claro que acontece, embora raramente, um pai ou mãe demonstrar alguma desilusão com a escola da Ponte, acabando por tirar de lá o/a filho/a. Não pela forma de ensinar, mas tirando por outras razões de âmbito pessoal e/ou particular, porque o/a filho/a não correspondeu às expectativas criadas pelo/a pai/mãe e quando isso acontece, a "culpa" nunca é do/a seu/sua querido/a filho/a, passa a ser da escola e do método de ensino...

A Ponte, como qualquer outra organização, não deseja unanimidade de opiniões e interpretações sobre si mesma, talvez sim maior coerência e justiça nas críticas que lhe são dirigidas e nas razões (desculpas) que são usadas para tirar os alunos de lá, ou para não os matricularem lá.

Estudar na Escola da Ponte vai contribuir para o futuro de seu filho de uma maneira mais construtiva, que se ele estivesse estudando em outro tipo de escola?

Pai de aluno:

Como pai, penso que seja quem for, aluno, pai, professor, auxiliar, visita, fornecedor de bens e/ou serviços, ao ter estado em contacto com esta escola o tempo suficiente para reparar (mesmo sem entender) na forma como se desenvolve o dia a dia da Ponte, jamais ficará indiferente a essa experiência a partir desse momento.

Por isso, o meu filho poderá vir a ser tudo, bom, mau, licenciado ou não, mas uma coisa eu terei tranqüila: a consciência de que lhe proporcionei o melhor

ambiente para um desenvolvimento acadêmico e uma cultura de escola singulares.

Porque a escola não funciona até ao 12º ano de escolaridade? Qual deve ser o perfil de um professor para ser admitido na escola? A maioria dos pais que inscrevem seus filhos nesta escola tem um modo de pensar/viver mais holístico?

Pai de aluno:

Confesso que tive que consultar o dicionário para tentar perceber o que queria dizer sobre o que considera pessoas/pais que têm um modo de pensar/viver mais "holístico". Daí que "holístico" segundo o Dicionário da Porto Editora de 2006 é: 1 "relativo a chulismo"; 2 "que concebe a realidade como um todo" (do gr. pelos, «todo» +-ismo). Ora, "holismo" segundo o mesmo dicionário é: "doutrina segundo a qual o homem, enquanto um ser indivisível tem características que faltam aos seus elementos constitutivos" (do gr. hólós, «todo» +-ismo). Bem, se entendi o que li e a sua pergunta é efetivamente isto que queria significar, poderia dizer que, usando o termo filosófica e/ou psicologicamente, há realmente pais com esse modo de pensar/viver. Contudo, considero que há mais pais a optarem pela Ponte por razões mais tangíveis, como por exemplo, eu, que tive em consideração estas vertentes: a educação para a cidadania, o desenvolvimento da autonomia, a responsabilidade individual (consciência cívica), enquanto parte integrante duma sociedade, a aquisição de conhecimentos essenciais e ao mesmo tempo transversais aos meramente científico/pedagógicos, como por exemplo, a questão dos valores, dos princípios etc.

“Alunos jogados fora por outras instituições de ensino” chegam totalmente desmotivados. Imagino que o processo de re-motivação seja longo e árduo. E que, para a família deste aluno, a Escola da Ponte seja como um último recurso, ou a tábua de salvação. Qual o processo feito com esta família para que coopere com a re-motivação de seu filho?

Professor;

Gostaria de partir do raciocínio de que não são só os pais que são chamados pelos professores à escola. Os professores também são chamados pelos pais. Dito de outra maneira; nós estamos sempre disponíveis para discutir qualquer assunto com os pais. Por outro lado, os pais tomam, efetivamente, decisões sobre o percurso do seu filho e sobre a escola (esta questão é fundamental). Existe diferentes espaços de interação com os pais. Muitos deles são informais (para resolver problemas específicos), outros são mais formais (reuniões gerais - que servem mais para resolver questões de escola). O trabalho de ligação do professor-tutor com cada pai é muito mais personalizado, mais contínuo e prolongado.

De algum modo, estes três fatores revelam ser essenciais, para que algumas alterações se processem e possam ajudar as famílias a re-motivar os seus filhos.

Há no projeto da escola a previsão de *subsídios financeiros* que ajudem a manter a escola para além do que é previsto pelo ME? Os pais ou outras entidades privadas costumam colaborar financeiramente para a execução de algum projeto? Neste caso, de que forma está previsto no contrato de autonomia a gerência desses recursos? O ME tem a curto prazo alguma proposta para melhorar as condições do espaço físico da escola? Vocês fazem esta reivindicação ao atual governo?

Pai de aluno:

A área financeira é da responsabilidade dos serviços administrativos, contudo, para além do que é previsto pelo ME, os pais fazem uma entrega "global" de um valor estimativo do custo de livros e material escolares normalmente "exigidos" aos pais no ensino tradicional, permitindo à escola gerir essa verba da maneira mais apropriada para aquisição do material que os orientadores educativos entendem ser necessário para o dia a dia da escola.

Julgo haver, anualmente, execução de projetos (uns com entidades privadas, outros com entidades públicas) que dotam a escola de recursos diversos (monetariamente e em equipamentos). Quanto ao melhoramento das condições do espaço físico da escola, existe o compromisso do ME de construir novas instalações, sendo que a escola é parte integrante das

negociações no que diz respeito às características que se coadunem com as práticas do seu projeto.

Quais razões o fizeram escolher a Escola da Ponte para matricular seu filho? O que você buscava?

Pai de aluno:

A principal razão que me levou a matricular o meu filho na Ponte foi a educação para a cidadania. Aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas, simultaneamente de formação pessoal e cívica.

O que buscava realmente era uma forma de motivar e despertar o meu filho para aquilo que ele se sentisse mais vocacionado, sem programa pré-determinado, rígido, exclusivamente teórico. Eu sempre senti (enquanto aluno) que desperdiçava tempo demais com "disciplinas" que não me interessavam nada, por isso, à priori (porque não conhecia como hoje conheço) pensei que a Ponte poderia ser para o meu filho o que a escola no meu tempo (e ainda agora no tradicional) não me ofereceu.

A Associação de Pais se destina exclusivamente a atender às questões inerentes à Escola ou existem atividades, de interesse do grupo, que não sejam específicas da Ponte?

Outra questão é: até que ponto o exemplo de cidadania vivenciado pelos alunos da Ponte serve de referência para a condução da Associação de Pais?

Pai de aluno:

A Associação de Pais da Ponte surgiu por haver necessidades na escola, há 30 anos. Atualmente, continua a ser um dos "pilares" de construção da escola que pretendemos para o futuro. Por isso, para além das atividades que consideramos inerentes à escola, desenvolvemos outras de âmbito mais alargado. Por exemplo: colóquios e conferências subordinados ao tema da educação, cortejos alegóricos das festas da vila, participamos ativamente no M.A.P. (movimento associativo de pais) a nível local, regional e nacional, entre outras ações sociais.

O exemplo da cidadania vivenciado pelos alunos serve sempre de referência não só para a condução da associação, como para os pais. Os alunos realizam uma campanha eleitoral para a eleição da assembléia de alunos que faria inveja aos partidos políticos que fazem parte da Assembléia da República. Os adultos, quando se reúnem, têm tendência para falarem todos ao mesmo tempo (conversas cruzadas), mas os alunos, em reuniões, levantam o braço e aguardam que lhes dêem a palavra para intervirem. O espaço envolvente da escola não precisa ser constantemente "vistoriado" pelas auxiliares para limparem todo o tipo de "lixo" que os alunos na maioria das escolas libertam pelo "recreio", como fazem os adultos habitualmente em qualquer parte onde se encontrem. Os alunos são capazes de nos "chamarem à atenção" por estarmos a falar demasiado alto, para nos fazermos ouvir. Às vezes sentimo-nos envergonhados por isso.

Há participação de pais na vida da escola de seus filhos, prevalecendo a democracia responsável. A escola é "aberta, democrática e promotora da presença e da participação parental, os pais consideram-na como um complemento da sua família". A minha questão é no sentido de como se criar uma mentalidade consciente de que a escola é um complemento da família, quando temos, na realidade, que muitos pais entendem a escola como a única responsável pela educação de seus filhos. A meu ver, muitas famílias brasileiras não vêem a escola como complemento da entidade familiar, mas sim uma entidade em separado e única responsável pela educação de seus filhos. Como mudar essa mentalidade?

Pai de aluno:

Em minha opinião, os pais devem ser capazes de demonstrar aos professores que a sua presença na escola não tem um objetivo fiscalizador, crítico ou simplesmente inquisidor.

Talvez seja conveniente distinguir "educação" de "ensino" para poder agir objetivamente em complementaridade social. Os pais devem assumir-se como os principais responsáveis pela "educação" dos seus filhos dizendo aos professores que não querem, nem têm competências para serem promotores

de conhecimentos acadêmicos. Os professores, por seu lado, devem assumir-se como "elos de transmissão" dos conhecimentos acadêmicos, não se demitindo da sua ação pedagógica, na interpretação mais abrangente possível do termo.

Cada uma das partes não consegue, por si só, atingir o resultado que se pretende. Por isso, é preciso abertura de parte a parte e muito diálogo para complementar o conhecimento que cada criança. A conjugação destas duas formas de estar na comunidade completa-se, promovendo um resultado espantoso.

Cabe a cada um de nós fazer um esforço por mudar-se primeiro a si mesmo. A partir daí, tudo passa a ser assumido coletivamente.

Como (e quanto) os pais participam da "vida" da escola? Quando digo VIDA, me refiro a todos os aspectos da escola, como a parte burocrática, como a parte pedagógica. Qual a intervenção que fazem como acontece? Qual é a abertura dada aos pais e qual os benefícios disso?

Pai de aluno:

Os pais participam da forma mais diversa na "vida" da escola. Nas reuniões mensais ou bi-mensais (conforme o momento) com todos os orientadores educativos, periodicamente, de uma forma individualizada, com o orientador educativo, tutor do seu filho/educando, nas atividades sociais e recreativas promovidas quer pela escola no seu todo, quer pela Associação de Pais.

Em termos pedagógicos, de aprendizagens, isso é da exclusiva responsabilidade dos orientadores educativos, embora o presidente da Associação de Pais, ou quem o represente, participe nas reuniões gerais do Conselho de Projeto. E tem oportunidade de emitir a sua opinião sobre algumas questões.

Atualmente, com a constituição dos Órgãos previstos no Contrato de Autonomia (Conselho de Direção, Conselho de Gestão, Conselho de Pais e Gestora), o primeiro é composto pela gestora, pela coordenação (geral e de núcleos), pelo presidente da Associação, pelo presidente da autarquia local (Junta de Freguesia), por um representante de instituições sócio-culturais, desportivas ou económicas e por três pais (em representação de cada núcleo).

Desta forma, cinco orientadores educativos, quatro pais e dois elementos da sociedade constituem o órgão responsável pela decisão da elaboração "das grandes linhas orientadoras da escola".

A abertura para com os pais (e vice-versa) é total, sem reservas nem preconceitos, por isso, só pode haver benefícios nesta relação. Você consegue perceber no dia a dia, que seu filho em pequenas ações, reproduz a autonomia exercitada na Ponte?

Pai de aluno:

Se considerarmos que autonomia significa iniciativa, disponibilidade para efetuar qualquer serviço doméstico, colaboração com qualquer familiar que esteja a fazer qualquer trabalho, certamente que sim. O meu filho não precisa que "lhe soprem aos ouvidos", para fazer o que deve ser feito. Já não se mostra tão expedito para trabalhar em casa as questões escolares. Segundo ele, já lhe chega o faz na escola. Nós é que nunca estamos satisfeitos e lá vamos insistindo para que faça alguma coisa como, por exemplo, ler, treinar a escrita e alguma matemática etc.

Estou surpresa e precisando compreender melhor o que é dito a respeito do "corpo docente, com honrosas exceções", como a falta de humildade para aprender, para perguntar, quando não se sabe, para ouvir críticas, não promover "grupinhos" em vez de promover a solidariedade etc. Essas considerações vão totalmente contra tudo aquilo que li, ouvi, e que me encantou, sobre a Escola da Ponte. Confesso que estou confusa. Será que não compreendi suas palavras?

Pai de aluno:

Não há jardim sem rosas e, por conseguinte, não há rosas sem espinhos. O que tem ouvido e lido é verdade. O alargamento ao 2º e 3º ciclos (do 5º ao 9º ano do ensino básico) implicou a participação de mais do triplo de professores que havia até à 4ª vez (1º ciclo do ensino básico).

Para que se atinjam consensos, é preciso tempo. Para que, com uma mente aberta, atitude humilde, espírito de sacrifício, cooperação e um pouco mais de

rigor profissional na aplicação da filosofia do projeto, se volte ao nível das considerações que têm ouvido e lido dos intervenientes.

Considere as minhas palavras como sendo uma visão pessoal de um processo em crescimento que, neste caso, como em tantos outros, tem as suas fases boas e menos boas no crescimento para a excelência. Talvez tenha sido demasiado saudosista ao pensar no passado recente da escola... E espero não ser "radicalmente interpretado" nas minhas palavras, porque eu continuo a dizer que prefiro o menos bom da Ponte do que o melhor da "escola tradicional".

Em meu trabalho (de formação de professores) já me deparei com situações em que professores cobram uma postura disciplinar de seus alunos, quando eles próprios não conseguem esperar a vez de falar, cochicham nas palestras, atendem o celular nas aulas, entre outras coisas; isso, sem qualquer estranhamento da situação, como se fosse coisa natural, um direito do professor. Tal posição me parece uma forte contradição com a função do educador, mas infelizmente, não é raro que aconteça nas escolas brasileiras.

Acredito que não é possível ensinar cidadania numa escola, enquanto os professores continuarem adotando a política do “não faça o que eu faço, mas o que eu digo”. O modelo de conduta dos professores tem uma forte influência na formação dos alunos, eu suponho.

Na escola da Ponte, vocês já se depararam com alguma situação em que o professor é desrespeitoso com o ambiente de aprendizagem, se desimplicando de sua função educativa? O que foi feito nesse caso?

Pai de aluno:

Na Ponte, estão definidas e afixadas as regras quer para a comunidade educativa quer para as visitas e, nos "direitos e deveres", entre outras recomendações, lá está o dever de "desligar o telemóvel" (celular)... Como não se trata de uma organização militarizada, quando o orientador educativo (professor) inadvertidamente desrespeita o estabelecido, humildemente pede desculpa pelo fato de se ter apercebido da infração, ou quando "chamado à atenção" por um colega, ou mesmo por um aluno.

Esse é um dos princípios orientadores do projeto, pese embora, nem sempre seja atingida a homogeneidade que se deseja posta em prática...

Acredito sempre que os pais são a peça fundamental para ajudar os filhos no seu percurso escolar. Alguns não conseguem acreditar que os filhos têm potencialidades para ir mais longe: são os primeiros a dizer que os filhos são uns "burros" como já tem acontecido com alunos meus e que nunca serão ninguém. Outros colocam os filhos num pedestal - acham que eles são os melhores alunos da sala e da escola e não admitem que os filhos possam errar.

Por que razão há estas disparidades tão grandes? O que se poderá fazer para que os pais encontrem um equilíbrio nas suas opiniões em relação aos filhos?

As diretoras da escola em que trabalho estiveram em visita à escola da Ponte e ficaram deslumbradas com o que viram. Mas sinto que no Brasil os "muros" ainda são muito altos e a relação entre pais e escola é um tanto quanto difícil.

Muitos professores têm medo de se encontrarem com os pais, de deixá-los mais ativos nas decisões escolares, como se eles fossem "balançar as estruturas" já enraizadas de alguns professores.

Gostaria de saber como a Escola da Ponte pratica esta relação. De que forma os pais participam das atividades da escola e o que isto tem modificado em relação a um maior aproveitamento e motivação por parte dos alunos.

É importante percebermos a importância de ter os pais na escola, eles são excelentes parceiros em todo o processo de ensino-aprendizagem. São eles que melhor conhecem os seus filhos. Se combinarmos com os pais as estratégias a adotar as crianças não se sentirão mais protegidas, mais apoiadas? Enquanto existirem professores que pensem que os pais devem permanecer calados, ou se limitarem a receber informações, ou a participar em custos, o ensino não assistirá a reforma nenhuma, porque elas não se processam enquanto a mentalidade retrógrada permanecer. Para terminar, pergunto: Não somos todos nós educadores? O que seriam maneiras equivocadas de tentar aproximar pais e escola? Que tipo

de "armadilhas" escolas e professores devem evitar para não afugentarem os pais?

Pai de aluno:

As "armadilhas" que afugentam os pais são por demais conhecidas. É o chamar os pais para lhes dizer que o filho não está a estudar, a esforçar-se como deveria; que poderá reprovar; que partiu um vidro; que os pais terão de estar mais atentos...

Os horários fixados para "atendimento aos pais" também ajuda a afastá-los da escola. Sou professor, mas também sou pai. Quando recebia dos diretores de turma do meu filho, a informação de que poderia reunir com eles, "entre as 10h e as 10h 45 da última quinta-feira do mês", eu respondia-lhes, perguntando de não poderiam atender-me no fim da tarde de um qualquer dia, para que eu não tivesse que faltar ao trabalho. Nunca recebi resposta dos diretores de turma!

Só me lembro de ter sido chamado para uma reunião de pais. Melhor seria que lá não tivesse ido. Os (poucos) pais presentes na reunião foram maltratados, humilhados. Alguns olhavam para mim, porque conheciam o meu modo de reagir à arrogância e à desfaçatez. Eu não disse palavra. Saí como entrei. Não quis pôr em causa um colega de profissão. Ainda hoje, não sei se terá sido a melhor atitude. Mas acredito que atrás de tempos vêm outros tempos. As coisas só podem melhorar...

Como pai, o que considera mais importante na Ponte? O que considera que pode ser melhorado? Mesmo sabendo que todos os lugares têm algo que não vai bem, a Ponte tem algo que o desagrada?

A participação dos pais na escola onde trabalhei também era grande, porém havia pais que intervinham de forma improdutiva, querendo ditar regras. Isto acontece na Ponte? Como é contornado, ou seja, como criar uma cultura de participação construtiva?

Quais razões o fizeram escolher a Escola da Ponte para matricular seu filho? O que você buscava?

Pai de aluno:

O mais importante que a Ponte tem é o seu projeto educativo, desde que devidamente interpretado e posto em prática, tendo por base a sua filosofia pedagógica.

Sem esquecer as instalações, que toda a gente sabe que são quase indignas para um projeto destes, o que eu considero menos bom na Ponte (refiro-me ao corpo docente, com honrosas exceções) é a falta de humildade de alguns para aprender, para perguntar quando não se sabe, para ouvir críticas sem ficar ofendido e promover o espírito de "grupinhos" em vez de promover a solidariedade, cooperação, tolerância e compreensão dentro da comunidade a que pertencem. Afinal, é da responsabilidade dos orientadores educativos cumprir e fazer cumprir o projeto e as regras que lhe estão subjacentes...

Os professores têm que se abrir mais aos pais, têm que os considerar parceiros indispensáveis na educação dos seus filhos nas escolas, têm que tentar fazer com que os pais sintam que fazem parte das escolas dos seus filhos e que o seu aproveitamento é tanto maior quanto mais os pais intervierem na construção dos projetos que desenvolvem.

Qual é a diferença das aulas na Ponte com as tradicionais? Elas não têm que cumprir determinados conteúdos? A escolha da criança por alguma disciplina é, basicamente, de interesse pessoal? E se a criança não se decidir?

Pai de aluna:

A principal diferença é a dosagem. Em escolas tradicionais algo entre 90 a 100% do tempo das crianças na escola é ocupado por aulas, predominantemente, expositivas. Na Ponte esta proporção é o exato inverso: no máximo uns 10% do tempo são aulas expositivas. O conteudismo é algo que passa longe da Ponte. O conteúdo é importante, mas não é tudo. Os processos são tão importantes quanto os conteúdos.

Vejam o que acontece numa escola tradicional. Em geral, adota-se um critério para que se considere uma criança "aprovada": uma determinada nota final mínima, que define o que a escola julga como o mínimo aceitável que a criança retenha de conteúdos. Isto varia de escola para escola: há escolas que fixam

em 50%, outras que fixam em 70% ou 75%. Isto é o mesmo que afirmar o seguinte: de tudo o que se ensina numa escola tradicional aceita-se que algo entre 25% e 50% dos conteúdos não seja aprendido, ainda que tenha sido ensinado. Não quero entrar na discussão se quando o aluno não aprende existe ensino de verdade ou não. Mas é esta a realidade comum nas mais diversas escolas.

Na Ponte as crianças acabam estudando e aprendendo, praticamente, todos os conteúdos clássicos das diversas disciplinas. E ainda aprendem a aprender de forma autônoma. E ainda aprendem a exercer a cidadania no dia-a-dia da escola. E fazem isto desta forma mesmo: escolhendo o que querem aprender a cada quinzena, mês após mês, semestre após semestre, ano após ano. Para isto são orientadas por seus professores-tutores, que também sugerem, orientam, explicam que para aprender isto é preciso antes aprender aquilo...

Se a criança deixa de escolher algum conteúdo, ela não estuda aquele conteúdo. Não sei se quem estudou a Escola da Ponte chegou a medir o quanto do conteúdo não é estudado por uma criança. Mas eu posso afirmar sem medo de errar que aquilo que ela não aprende (porque não estuda, pois o que ela estuda na Ponte ela aprende) não chega aos 25% a 50% das escolas tradicionais. E afirmo isto com base na pesquisa. Os resultados encontram-se publicados no site da Escola da Ponte e revelam que as crianças da Ponte se saíram sempre, consistentemente ao longo os anos, acima da média das crianças da região e mesmo acima da média nacional. Vale a pena passar os olhos neste documento para ver isto. Os resultados falam por si.

Não ficou claro para mim se a Escola da Ponte, sendo publica, é municipal, estadual ou federal, pois confesso meu desconhecimento do sistema educacional português. Como ela se relaciona diretamente com a cidade e seus habitantes, isto é, o quanto o sucesso da escola é reconhecido localmente pelas instituições tanto públicas, quanto de iniciativa privada? Há convênios operacionais com estas instâncias de poder local?

Educadora brasileira:

Era muito curioso perceber a relação da comunidade local com a Ponte. Todo projeto inovador provoca "amores" e "ódios"...

Uma das grandes sustentações da escola é a participação dos pais, o que já evidencia um apoio da comunidade. No entanto, era curioso perceber na própria Vila algumas pessoas que não validavam o projeto, ou não conheciam. Fiquei até um pouco surpresa quando uma pessoa da residencial onde fiquei perguntou: "O que é mesmo Escola da Ponte?" outra falou "Acho que essa escola não serve para o meu filho". Em Lisboa, encontrei muitas professoras e estudantes de pedagogia que não conheciam a Ponte.

As próprias histórias do idealizador do projeto relatam um passado de muita resistência e até mesmo violência exercida contra a escola. Tudo que é novo pode incomodar. Se não fosse o apoio dos pais, a Ponte não conseguiria tantos avanços.

Parece-me que devemos ter em atenção os pais que reconhecem o papel educativo dos professores e os pais que parecem achar que os professores devem sujeitar-se a uma série de coisas para serem professores dos seus filhos, isto é, não reconhecem nos professores competência para contribuir para a educação cívica e moral dos seus filhos.

Parece-me que a visão que vocês têm da escola pública é muito semelhante a nossa no Brasil, em especial nos grandes centros onde a oferta da escola privada é mais acentuada. Nestas últimas décadas, as nossas unidades escolares públicas padeceram no comodismo de professores, pais e alunos, e nos interesses do Estado em esfacelá-la em prol do mercado. Os pais por inúmeros fatores (principalmente econômicos) se eximiram da cobrança do serviço (muitos o vêem como um direito doado pelo Estado e não como obrigação constitucional – um problema ideológico muito grave, a meu entender) e, numa atitude de desvalorização de si mesmo, ampliaram a descrença. Mas nada fizeram. É muito triste vermos hoje nossas crianças desprezarem a Instituição porque irão passar de ano de qualquer forma, seja por sua competência seja pela progressão (projeto maravilhoso que na prática não se realiza convenientemente, prejudicando sua eficácia) instituída pelo Estado para mascarar ao FMI e bancos internacionais os índices de analfabetismo e garantir às agências, financiamentos para a educação. O que infelizmente fazemos é gerar o cidadão funcional, ou seja, tem sua

alfabetização limitada, ausente de compreensão, entendimento do real. Mas isso tudo serve para preencher índices "quantitativos" e, dar o direito máximo da cidadania: o voto. Portanto me parece que todos nós fomos, ao longo do tempo, negligenciando nossas responsabilidades e nossos compromissos. Hoje é necessário vencermos o inatismo, a desilusão e o comodismo inicialmente em grupos de professores tocando-os em sua "missão" naquilo que ele tem de essência e não apenas legislativamente. Talvez seja um trabalho de formigas, mas creio que estamos no caminho.

É necessário recuperar a imagem da Instituição recuperando a imagem de seus agentes. São vários os exemplos de unidades que vão aos poucos se recuperando, mas infelizmente é uma luta quase solitária e não solidária ainda. Tanto aqui como aí, as academias de Ensino Superior ampliam essa desvalorização e impõe programas de "inclusão" nas universidades públicas ou privadas, por meio de rótulos. É olhar para a crise e não refletir sobre ela, não buscar suas soluções na base, mas no topo, no mais visível.

A Ponte deu um passo imenso, que foi a publicidade do Manifesto em Favor da Escola Pública. Mas o Manifesto não passará de mais um descontentamento, se nada fizermos por ele. É a valorização das funções de cada agente educacional, é o professor, é a família, mas é em especial o aluno.

Pai de aluna:

Este é um esclarecimento importante e foi muito bom você perguntar. Em Portugal, o Ministério da Educação cuida de toda a educação pública no país, em todos os níveis, inclusive no nível básico. A Escola da Ponte, tal como toda escola pública portuguesa, responde diretamente ao Ministério da Educação.

O Ministério estabelece parcerias com as administrações locais para alguns aspectos de infra-estrutura, como transporte escolar, terrenos e instalações. Mas as escolas estão diretamente ligadas ao Ministério da Educação em Portugal.

Aqui é preciso lembrar um detalhe: somente na cidade de S. Paulo há mais habitantes que em todo o Portugal. A rede municipal de ensino da cidade de São Paulo é maior do que a rede pública de ensino básico de Portugal inteiro. Nestas condições seria uma forma excessivamente burocratizada criar instancias como as nossas secretarias estaduais e municipais de educação. O

Ministério da Educação tem diretorias regionais para cuidar das escolas das regiões. O Diretor Regional do Norte é a autoridade administrativamente mais próxima da Escola da Ponte.

Existe algum estudo sobre o egresso da Escola da Ponte, quanto à adaptação normal ao trabalho? Aos estudos?

Educadora brasileira:

Entrevistei uma mãe de ex-aluno da Ponte e ela falou-me das dificuldades de adaptação em relação aos processos nada democráticos que marcam as outras escolas. Em relação às aprendizagens não houve problema algum, no caso do filho dela.

Parceiros imprescindíveis

No Brasil, quando existem "problemas de disciplina" com um aluno dentro da escola, a família dessa criança é chamada na escola para responder conjuntamente com o aluno sobre seu comportamento. Como a Escola da Ponte vê o envolvimento dos pais na questão da disciplina dos alunos?

Professor:

Apesar das diferenças, e respeitando a individualidade de cada um, todos os alunos se regem por um referencial comum de Direitos e Deveres elaborado pelos alunos em Assembléia de Escola. São as próprias crianças que têm o papel mais ativo na gestão do seu conhecimento e dos seus próprios conflitos, regendo-se por um sistema de regras complexo, que nenhum dos alunos fica ilibado de cumprir.

Os alunos evidenciam regras de cidadania e participação democrática que deixariam corar muitos adultos. Sempre que se identifica um aluno com indícios de incumprimento dos seus deveres, a Comissão de Ajuda intervém numa

forma de auto-responsabilização coletiva, que permite diminuir a intervenção dos professores nos problemas disciplinares.

O que cada escola espera dos pais eu não sei. Cada escola é um caso único e irrepetível. Não há fórmulas a aplicar. Há portas para abrir. Se pais e professores desejam interagir e participar, apenas após essa “abertura” se poderá responder. Competirá às escolas tomar a iniciativa. A tradição de participação das famílias na vida da escola é escassa, e dificilmente os pais darão o “primeiro passo”. Por seu turno, os coletivos escolares, habitualmente, mantêm uma posição de “prudente distância”, talvez por se aperceberem da importância social e dimensão política da criação de mediações entre as famílias e as escolas.

A relação entre as famílias e as escolas é, freqüentemente, pautada por equívocos relativamente ao papel que cada uma das instituições desempenha no ato de educar. Família e Escola têm estatutos diferentes, cumprem diferentes finalidades, completam-se. Se os pais e os professores compreendem as diferenças e buscam modos de agir complementares, acontece articulação, cooperação. Quando a escola se refugia em preceitos institucionais defensivos, fica ensimesmada. Quando as famílias murmuram do lado de fora dos muros das escolas, criam tensões, tendem a desautorizar os professores, ou – o que é bem mais grave! – ostracizam as escolas, considerando-as depósitos de alunos. O tradicional diálogo de surdos pode e deve dar lugar a uma gradual abertura das escolas à intervenção dos pais dos seus alunos. O resto virá por acréscimo. A experiência de colaboração entre pais e professores na Escola da Ponte mostra ser possível a emergência de novas práticas. E apenas estamos no princípio...

Nos anos 70, a Ponte estava em ruínas, havia alunos alojados em casebres, exclusão escolar e social... e parecia que o “descaso e o abandono” iriam perdurar. Onde estariam os pais daqueles alunos? Importar-se-iam com as parcas condições de trabalho dos seus filhos e professores? Amariam os seus filhos, ou iriam deixá-los permanecer nas condições degradantes em que se desenrolava o drama educativo? Se a administração educativa e os órgãos de poder se mostravam insensíveis perante a situação, somente poderíamos contar com um aliado: os pais. E fomos ao seu encontro.

Conheço iniciativas de escolas públicas do Brasil que lograram romper com um discurso fatalista. Vejo pais se envolvendo na vida dessas escolas, dando provas de maturidade cívica e de amor aos filhos. Apercebo-me da cooperação entre esses pais e os professores. Mas está tudo ainda no início. Pouco mais poderei acrescentar. Talvez seja suficiente dizer que os pais, participando na vida das escolas, poderão ajudar os professores a recuperar o estatuto social que merecem, que perderam, e que o Estado tarda em reconhecer.

Se as famílias e as escolas prescindirem de tabus e mistérios institucionais, deixarem de estar de costas voltadas, e compreenderem a importância de uma cooperação no respeito mútuo, “Familiarizar” a Escola não será mais do que abrir mão de algum poder por parte dos professores, o que pressupõe envolver, responsabilizar a Família. O contrário (“escolarizar” a Família) já não me parece aconselhável...

A co-responsabilização não aconteceu por acaso. Surgiu de uma necessidade premente de assegurar melhores condições de trabalho às crianças no ofício de aluno. Os primeiros tempos da parceria foram gastos na satisfação de necessidades elementares. Depois, os pais avançaram para objetivos mais elaborados. Deixaram de substituir o Estado nas suas obrigações, para assumirem uma atitude de exigência perante o Estado. Por sua vez, os professores fizeram um enorme esforço de reelaboração das suas representações e da sua cultura pessoal e profissional. Destruíram muros, estabeleceram mediadores interinstitucionais, criaram códigos de comunicação, dispositivos de colaboração... As palavras-chave que caracterizaram (e caracterizam) esse processo talvez sejam “aceitação” e “respeito”. Porém, novos conflitos e tensões vão emergindo. Estamos só no princípio...

No início de cada ano letivo os alunos, por vontade própria, constituem um grupo para eleger o professor tutor. Gostaria que falasse mais sobre a formação desse grupo de alunos...

Pai de aluno:

Os alunos não constituem um grupo para eleger o professor tutor. Cada aluno escolhe um professor com quem simpatiza mais, com quem se identifica

melhor, ou com quem poderá ter desenvolvido em anos anteriores alguma empatia, para ser o seu tutor.

Como os pais de alunos lidaram com os conflitos de educarem seus filhos com uma proposta diferente - e muitas vezes até oposta - da forma como foram educados?

Pai de aluno:

Pessoalmente, respondo-lhe citando Ruben Alves: É "a escola com que sempre sonhei, sem saber que pudesse existir". Poderá imaginar o conflito "interno/psicológico" e a dimensão do meu desgosto, pelo fato de não ter tido a possibilidade de freqüentar, no meu tempo de criança, uma escola como esta. Enquanto jovem estudante (e ainda hoje) custava-me muito aceitar como é que tinha de me dispor mentalmente a aprender de 45 em 45 minutos disciplinas diferentes. Porque não se aprende de uma forma interligada e com sentido?

Concordo com o Rubem Alves quando diz “Para entender é preciso esquecer quase tudo o que sabemos” agora a minha pergunta é: Como se faz isso? As crianças que entram na Escola da Ponte já têm à partida uma série de adultos “contaminados” a influenciarem o seu ser e estar. Como se fortalece a segurança de crianças que continuam a ser vistas como “seres de menor importância”, sabendo à partida que ao saírem da Escola da Ponte no final de um dia de atividades, irão ser confrontadas com um meio totalmente “cheio de vícios ocultos” e com origem naqueles que mais próximos estão, os familiares, amigos e vizinhos?

Pai de aluno:

A escola tem uma filosofia própria, que procura usar em benefício das crianças, desvalorizando o que de menos bom possa ter sido interiorizado por elas, dando-lhes a importância e o valor que devem ter.

As crianças são descomplexadas, despreconceituosas e frontais, logo, contestam qualquer coisa que considerem errado. A liberdade de expressão, os debates em grupo, em núcleo e em assembléia fortalecem-lhes as

convicções individuais e coletivas, influenciando positivamente a família, os amigos e os vizinhos.

Por isso, quanto mais não seja, pelo menos algumas "células" de uma sociedade preconceituosa, podem vir a dar os seus frutos no futuro, porque este se faz hoje. É preciso acreditar nas novas gerações e naquilo que de bom elas transportam dos locais de onde provêm.

Aluna:

Quando algum de nós entra na Escola da Ponte, os familiares, mais propriamente os pais, têm de estar de acordo com este ensino, caso contrário não colocariam lá os seus educandos a estudar. Contudo, é certo que haverá pessoas do rol de amizades que não apoiarão a escola que os acolhe, mas o melhor a fazer é explicar-lhes o seu funcionamento ou, em casos extremos, ignorar! Na escola, não recebemos qualquer tipo de aconselhamento para "suportar" tais atitudes. Podemos, como é óbvio, partilhar o que acontece de forma a obtermos sugestões. As "crianças", embora pequenas, sabem muito bem o que desejam, o que gostam e o que não gostam. E quem põe em causa os seus gostos é surpreendido com a reação que obtém por parte daqueles que tenta "subjugar".

Uma coisa que a Escola da Ponte desenvolve muito nos seus alunos, é a capacidade de se expressarem sem medo da oposição. Isso ajuda-nos a defender os nossos ideais perante qualquer situação. A nossa opinião é respeitada, pois pode haver alunos que até concordem com as críticas e apenas freqüentem aquela escola por decisão dos pais, e aí nada se pode fazer se não ajudá-los a mostrar aos pais que estão errados.

Durante a nossa vida, chegamos à conclusão de que não há meio que não esteja "cheio de vícios ocultos" e, quando não dizem respeito à nossa escola, estão de acordo com as nossas crenças, o melhor para mantermos a nossa mente "descontaminada" é resistir sem qualquer receio, tendo o apoio daqueles que nos são mais queridos - os nossos pais! Eles são o porto de abrigo e com a sua ajuda podem vir vendavais, que o nosso barco continuara sempre amarrado.

Gostaria de saber como vocês, pais, participam das atividades da escola. Se existem reuniões periódicas, ou se vocês podem ir à escola quando assim desejarem, como colaboram com as atividades da escola. Se os pais têm poder para opinar no dia a dia da escola.

Pai de aluno:

Procuramos participar sempre nas atividades da escola, quer sejam de nossa iniciativa, quer sejam da iniciativa dos professores e alunos. Participamos em jogos tradicionais, em torneios diversos, nas comemorações das festas tradicionais (Magusto de S. Martinho, Natal, Carnaval, S. João, Colônias de férias, etc.) Há reuniões mensais com os professores e todos podem ir à escola quando lhes for mais oportuno.

Sempre foi possível opinar, no dia a dia da escola, através das reuniões periódicas. E continua a ser o meio privilegiado para fazê-lo, para além das reuniões pessoais que os pais fazem individualmente com os tutores.

Algum pai teve uma repulsa com a Ponte, quando entendeu a forma de ensinar? Teve vontade de tirar seu filho de lá?

Pai de aluno:

É claro que acontece, embora raramente, um pai ou mãe demonstrar alguma desilusão com a escola da Ponte. Não pela forma de ensinar, mas, tirando outras razões de âmbito pessoal e/ou particular, porque o(a) filho(a) não correspondeu às expectativas criadas pelo(a) pai(mãe) e quando isso acontece, a "culpa" nunca é do(a) seu(sua) filho(a), passa a ser da escola e do método de ensino...

A Ponte, como qualquer outra organização, não deseja unanimidade de opiniões e interpretações sobre si mesma, talvez sim maior coerência e justiça nas críticas que lhe são dirigidas e nas razões (desculpas) que são usadas para tirar os alunos, ou para não os matricular em lá.

Estudar na Escola da Ponte vai contribuir para o futuro de seu filho de uma maneira mais construtiva, que se ele estivesse estudando em outro tipo de escola?

Pai de aluno:

Como pai, penso que seja quem for aluno, pai, professor, auxiliar, visita, fornecedor de bens e/ou serviços, ao ter estado em contacto com esta escola o tempo suficiente para reparar (mesmo sem entender) na forma como se desenvolve o seu dia a dia, jamais ficará indiferente a essa experiência.

Por isso, o meu filho poderá vir a ser tudo, bom, mau, licenciado ou não, mas eu terei tranqüila a consciência de que lhe proporcionei o melhor ambiente para um desenvolvimento acadêmico e uma cultura de escola singular.

Qual é o critério utilizado para a admissão de alunos nos quadros da escola da Ponte?

Pai de aluno:

Pelo que sei, são admitidos todos os alunos que os pais querem matricular pela primeira vez, até um determinado limite. O restante é seqüencial, ou seja, passam de núcleo para núcleo, sendo admitidos também para os anos intermédios aqueles que optam pela Ponte, até preencherem as vagas, também com um determinado limite.

Acredito que não haveria limites nas admissões se houvesse instalações maiores, que tanto ambicionamos e reivindicamos.

Sou professora de Educação Especial no curso de Pedagogia de uma Universidade Pública no Brasil. Gostaria de saber como pais e alunos vivenciam a inclusão de crianças e adolescentes com necessidades educacionais na Escola da Ponte. Quem são essas crianças e como são feitas as adaptações para elas?

Pai de aluno:

A inclusão das crianças com necessidades educativas especiais é feita com a maior naturalidade possível. A maioria delas vem parar à Ponte por verem esta escola como última esperança de integração, recuperação, ou aceitação para freqüência da escola em idade escolar.

Chegam à Ponte crianças institucionalizadas, "órfãos de pais vivos" (famílias desestruturadas), Síndrome de Down e outras. A todas elas é dada, individualmente, a melhor resposta possível. Os pais lidam com essas crianças sem distinção, com tolerância e compreensão, por questões de humanismo. Os nossos filhos chamam-nos à atenção, quando nos referimos aos "deficientes", dizendo-nos que não são deficientes, mas sim... "diferentes".

Afinal, o que todas as crianças precisam, é de amor, atenção, carinho, afeto, quanto mais àquelas que se vêem privadas destas e de outras coisas mais tangíveis.

No Brasil, pelo menos na minha cidade (Cabo Frio - RJ), os alunos têm condução, livro didático, uniforme, alimentação, um kit material por conta do governo. Porém, eles não valorizam e, às vezes, fazem pouco caso. Deparamo-nos com a falta de cuidado com esses materiais, principalmente com os livros didáticos, atrapalhando as atividades em sala de aula. Muitas vezes levamos o conhecimento dos pais, que parecem ter a mesma atitude. Os alunos da Escola da Ponte também recebem esse tipo de ajuda do governo? Trabalham com livros didáticos? Como fazem?

Mãe de aluna:

Aqui, os pais pagam consoante o núcleo em que o seu filho se encontre uma verba anual, que inclui os gastos com todo o material escolar que eles precisam (mochilas, cadernos, lápis, livros, etc.). Trata-se de rentabilizar os recursos. Como já percebeu, se eles não estão todos a estudar a mesma coisa ao mesmo tempo, então para quê terem todos os mesmos livros, que levam e trazem de casa para a escola e vice-versa?

Essa verba é gerida pela escola, que consegue melhores preços na compra em conjunto de todos os materiais, diversificando e ampliando os dispositivos de estudo e pesquisa ao alcance de todos os alunos (internet, assinatura de revistas etc.). Deste modo, o material de pesquisa e os livros são de todos e têm que ser estimado como tal. Tendo o material pessoal igual para todos (a pasta, os cadernos...), evitam-se "distrações", combate-se o consumismo e

estimula-se a criatividade, pois eles arranjam sempre forma de personalizá-lo. E, quando o lápis acaba, só têm que pedir outro a um professor... Quanto aos apoios do Governo, também os há, dependendo dos rendimentos dos pais e têm que ser os próprios pais a pedi-los. São, então, atribuídos pelo Estado em escalões que determinam a sua comparticipação nestas verbas.

O futuro se faz (sempre) presente

Na Ponte as crianças estudam de uma maneira muito diferente da que outras crianças estudam em outras escolas mais tradicionais. Quando um aluno da Ponte termina os seus anos de estudo na escola e vai para outra escola não sente muita diferença? É difícil para um aluno recém-saído da Ponte adaptar-se a uma escola tradicional? Como foi isto no seu caso?

Ex-aluna:

Quando um aluno sai da Escola da Ponte e integra uma escola de ensino considerado “tradicional” a principal diferença que sente é na relação “Professor – Aluno”, embora o método de ensino seja também uma das desigualdades entre estes dois ensinamentos.

Enquanto que na Escola da Ponte há uma relação quase familiar entre a comunidade escolar, partilhando os problemas, as dificuldades tanto a nível educativo, como a nível pessoal, nas outras escolas esta relação está quase extinta. O professor é tido como uma entidade de respeito absoluto, inquestionável, com o qual seria impensável muitas vezes trocar experiências. A aula em si não deixa tempo nenhum para conversas alheias sem que isso prejudique o cumprimento do “Programa educativo”, da mesma forma que quando esta termina com o som de uma campainha (pequeno instrumento que faz lembrar os Homens de que parte de si é animal e que, como tal, não tem capacidade suficiente para cumprir os seus horários sem que, para isso, tenha de ser constantemente avisado!), o professor se desloca para uma sala

“interdita” a alunos e estes para o recreio, não havendo espaço para a confraternização, tão característica da Escola da Ponte.

Quanto ao ensino, tenho a dizer que a adaptação não é de todo difícil, isto porque a vida é-nos facilitada pelo professor que todas as noites têm o trabalho de preparar as aulas de forma a que ao serem expostas não possam restar dúvidas quanto à matéria lecionada, Desta forma os alunos nada mais têm a fazer senão limitar-se a copiar o que o professor escreve no quadro e, como é óbvio, tentar compreender o que está a estudar. Caso sinta que gostaria de aprofundar o seu estudo, esta situação é-lhe negada, restando-lhe apenas duas opções: estudar por si próprio ou esperar pelo seguinte ano letivo! Isto nunca aconteceria na Escola da Ponte, uma vez que negar o aprofundamento do conhecimento não é, de todo, uma boa filosofia!

Um dos muitos aspectos positivos de ter estudado na Escola da Ponte (eu sei que estou a ser muito parcial, contudo depois de ter tido a graça de fazer parte de tão maravilhoso projeto, não posso deixar de vangloriá-lo!) é a autonomia que esta nos proporciona. Noto que, em relação aos meus colegas, tenho mais facilidade em realizar trabalhos de grupo, estudar individualmente e, caso surja alguma dúvida, procurar resposta para ela sem que para isso tenha de recorrer imediatamente ao professor, sendo, desta forma, muito menos dependente do mesmo quando comparada com eles.

A maior diferença que sentimos é mesmo nas “provas”. O problema reside no fato de estas se realizarem, quer os alunos estejam preparados, quer não. Na Escola da Ponte os “testes” denominam-se “avaliações” e são encarados de forma mais natural sem tanto stress nem mesmo “pressão”. A estes não são atribuídas cotações que são depois expostas para que toda a escola tome conhecimento da inteligência e dificuldades de cada um!

A minha fase de adaptação ainda está no princípio devido às saudades e dificuldades em aceitar que a Ponte apenas reside no meu coração. Quanto ao resto não há nada mais fácil. Podem acreditar!

Logo que saíram da escola da Ponte, sua vida teve algum impacto? Por exemplo, o seu conhecimento adquirido na escola da Ponte é diverso do seu amigo que estudo em escola tradicional. E para o jovem que já está

trabalhando: o aprendizado na Ponte teve influencia sobre o seu ambiente profissional, nas atividades, no processo de seleção etc.?

Ex-aluna:

Infelizmente já não estudo na Escola da Ponte, daí achar estar apta para responder à sua primeira pergunta. Não responderei às restantes, uma vez que ainda não trabalho e não tenciono ter filhos tão cedo (contudo se já os tivesse estariam a estudar naquela que é para mim a mais ideal, a Escola da Ponte!).

É obvio que quando “deixamos” algo que sempre nos foi querido e somos obrigados a olhar em frente, pois o passado não passará de meras recordações, a nossa vida sofre um impacto muito grande, especialmente a nível sentimental, claro! Quanto ao conhecimento adquirido na Escola da Ponte, poucas diferenças se notam quando comparado com o de alunos da escola que passaremos a frequentar. Das diferenças que se fazem notar, a maior de todas elas é que os alunos que saem da Escola da Ponte aprofundam muito mais os temas estudados, dado não se cingirem ao programa estipulado pelo Ministério. Na escola da Ponte o saber não tem limites impostos, ou seja, enquanto numa escola “tradicional” aprendemos só e apenas o que diz respeito ao nosso ano de escolaridade e caso não entendamos o porquê de algo acontecer de tal maneira, temos de esperar pelo próximo ano, pois aí as nossas dúvidas serão esclarecidas, na Escola da Ponte, não há que esperar! Não faz sentido ficarmos com interrogações que põem em causa a compreensão da matéria, assim como saber um pouco mais sobre determinado assunto apenas nos enriquece.

Outras diferenças se encontram, e terei todo o gosto em enumerá-las caso seja necessário.

Espero tê-la esclarecido a questão por si colocada quanto às diferenças a nível cognitivo entre os alunos da Ponte e os de outras escolas.

Sou professora de Educação Especial no curso de Pedagogia de uma Universidade Pública no Brasil. Gostaria de saber como pais e alunos vivenciam a inclusão de crianças e adolescentes com necessidades educacionais na Escola da Ponte. Quem são essas crianças e como são feitas as adaptações para elas?

Ex-aluna:

Falo como aluna, melhor dizendo, ex-aluna da Escola da Ponte, que partilhou grande parte dos seus anos de estudante nessa escola com pessoas com necessidades educacionais.

Eu trabalhei num grupo com uma menina com trissomia 21, e dividi a minha escola com crianças com outro tipo de problemas de aprendizagem. Sinto-me mais à vontade para falar da menina que se incluía o meu grupo de trabalho, uma vez que grande parte do dia convivía com ela.

Antes de mais, não havia qualquer tipo de distinção por parte dos colegas, pois sempre a vimos como um ser humano, tal como todos nós, só que tinha tido o “azar” de ter nascido um pouco diferente, mas que em tudo o resto nos era igual, se não superior, sendo assim merecedora do nosso respeito e apoio.

A sua inclusão foi muito fácil. Não sei explicar como aconteceu, porque simplesmente aconteceu! É incrível, mas quando nos deparamos com pessoas com este síndrome, desenvolvemos imediatamente um laço de amizade e afeto difícil de expressar. Penso que, talvez, se deva ao fato de nos abstrairmos do superficial, dando apenas importância ao interior, que pensamos passar-lhes despercebido!

Trabalhar com ela tinha os seus altos e baixos. Tente convencer alguém, que é fanático por revistas cor-de-rosa, que fala dos seus cantores favoritos, a trocá-las por uma ficha de português e verá que tem o seu grau de dificuldade!... Porém, as tarefas que ela tinha durante o dia para fazer estavam de acordo com as suas capacidades. A leitura e alguns trabalhos manuais também faziam parte do seu dia a dia, de forma a mantê-la interessada e empenhada no estudo.

Esta experiência fez-me crescer muito e ver que ainda há muito para aprender quanto a estas pessoas maravilhosas.

Como são arrançados os grupos de trabalho?

Ex-aluna:

Tentarei dar o meu melhor para responder à pergunta por si colocada, uma vez que já não frequento a Escola da Ponte e, com o passar dos anos, alterações devem ter sido feitas. Contudo estou atualizada até à dois anos atrás.

Normalmente, os grupos eram constituídos por alunos de diferentes anos de escolaridade. Ou, então, com diferentes níveis de aprendizagem. Num grupo, as idades poderiam ser diferentes (os meninos da primeira vez, ou primeira série, como costumam dizer aí, não faziam parte dos grupos), ou então, tendo a mesma idade, havia um aluno com mais facilidade de aprendizagem em relação aos outros.

No início, eram atribuídas cores aos alunos e cada cor, vim a descobrir mais tarde, estava de acordo com as nossas capacidades cognitivas e espírito de entre-ajuda. Esta distribuição aconteceu de modo a haver um equilíbrio entre grupos. Depois era-nos dado tempo para formarmos um grupo e tínhamos de respeitar certos critérios: um aluno com cor amarela, por exemplo, não podia fazer par com outro da mesma cor, mas sim com um de cor vermelha e assim sucessivamente até o grupo ter o número de membros necessários ao seu funcionamento.

Entendi que os assuntos não se encerram enquanto ainda houver interesse e curiosidade por parte dos alunos. Porém gostaria de saber se há um currículo básico a ser trabalhado, há “assuntos”, “matérias”, “competências” que não podem deixar de ser aprendidos pelos alunos? Como isso é garantido? Pais e alunos avaliam periodicamente este trabalho? Que instrumentos são utilizados para garantir o aprendizado? Talvez eu tenha que desaprender muitas coisas, desculpe!

Ex-aluna:

Não tem de pedir desculpa por nada, pois ninguém é obrigado a entender tudo ou mesmo saber tudo sobre a Escola da Ponte. Até mesmo eu, que lá andei durante nove anos, muitas vezes me interrogo sobre o seu funcionamento!

Todos os anos o Ministério da Educação elabora uma listagem das matérias a serem lecionadas nas escolas de todo o país e, como tal, todas são “obrigadas” a cumpri-la. A Ponte não é exceção, e para que o objetivo do Ministério seja

atingido é necessário haver alguém que se responsabilize em especial por grupos de alunos, de forma a acompanhar mais pessoalmente o seu desenvolvimento e estudo. Para tal, foram criados os “grupos de tutoria”, assim como os “planos da quinzena”.

Os grupos de tutoria são formados por um pequeno conjunto de alunos e por um tutor (professor). Este tem a função de ver a evolução do aluno, durante os três períodos que constituem o ano letivo. Em certas situações, assemelha-se a um pai, pois a ele cabe a tarefa de incentivar ao estudo, de ouvir, de ajudar, de controlar e de “resmungar”!

Atenção: ao dizer que se assemelha a um pai, não quero dizer que se torna um pai, visto que a ação dos pais é fulcral na vida de um aluno! Apenas quero referir que o tutor torna-se responsável por nós na escola, sendo ele a quem os pais recorrem para obterem respostas quanto ao desempenho escolar do filho.

O plano da quinzena desempenha também uma função muito importante: a de organizar o nosso estudo. É lá que escrevemos o que nos propomos estudar durante aquele período de tempo. Normalmente, esforçamo-nos por cumprir os nossos objetivos dentro do tempo acordado, contudo se houver necessidade, estes podem “alastrar-se” durante mais uma quinzena.

Este plano torna-se uma ajuda para o tutor que, nas reuniões de tutoria, atualiza os seus dados sobre o estudo do seu pupilo, vendo se este tem cumprido com as suas tarefas.

Estive na Ponte, há alguns anos atrás, e fiquei realmente impressionada com o nível de autonomia dos estudantes. A visita gerou também algumas dúvidas em relação ao preparo acadêmico para seguir ensino superior em determinadas disciplinas da área de ciências. Após a experiência da Ponte, você acredita que os alunos estão preparados para seguir estudando em qualquer área do conhecimento, inclusive na área de ciências e outras áreas mais técnicas? Como foi sua entrada para o meio acadêmico tradicional? O que foi preciso alterar na sua forma de estudar/agir, para se adaptar a uma nova cultura?

Ex-aluna:

Saí da Escola da Ponte há dois anos e encontro-me a frequentar o ensino secundário. Dentro de um ano, se Deus quiser, entrarei para a universidade. O curso que frequento é o de ciências e tecnologias. Sinceramente, acho que saímos da Escola da Ponte tão bem preparados como sairíamos de outra escola qualquer! Digo isto porque, na realidade, a experiência é totalmente nova e diferente para qualquer aluno, vindo ele da escola que vier, pois teremos de encarar estes três anos que nos são apresentados com mais responsabilidade e empenho. Em relação ao conhecimento, o programa estipulado pelo ministério está na sua grande maioria cumprido por nós, na Ponte, ou mesmo ultrapassado, assim como as bases estão fortalecidas no final do 9º ano de escolaridade.

Desejo vir a seguir medicina e não penso que o fato de ter estudado na Escola da Ponte me prejudicou. Antes pelo contrário, a autonomia que me foi “incutida” apenas trouxe consigo vantagens, visto que, conforme avançamos no ensino, cada um depende só e apenas de si e das suas capacidades! Em relação aos conteúdos, sinto que estou equivalente aos meus colegas que frequentaram uma escola de ensino “tradicional”.

Para responder um pouco à sua questão da adaptação ao ensino “tradicional”, deixarei aqui a minha resposta dada a uma pergunta colocada a uma colega sua de profissão. Espero que não se importe... “Na Ponte as crianças estudam de uma maneira muito diferente da que outras crianças estudam em outras escolas mais tradicionais. Quando um aluno da Ponte termina os seus anos de estudo na escola e vai para outra escola, não sente muita diferença? É difícil um aluno recém-saído da Ponte adaptar-se a uma escola tradicional?” Quando um aluno sai da Escola da Ponte e integra uma escola de ensino considerado “tradicional”, a principal diferença que sente é na relação “professor aluno”. Enquanto na Escola da Ponte há uma relação quase familiar, partilhando os problemas, as dificuldades, tanto a nível educativo, como a nível pessoal, nas outras escolas esta relação está quase extinta. O professor é tido como uma entidade de respeito absoluto, inquestionável, com o qual seria impensável muitas vezes trocar experiências. A aula, em si não deixa tempo nenhum para conversas alheias, sem que isso prejudique o cumprimento do “Programa educativo”, da mesma forma que quando esta termina com o som de uma campainha (pequeno instrumento que faz lembrar os homens de que

parte de si é animal e que, como tal, não tem capacidade suficiente para cumprir os seus horários sem que, para isso, tenha de ser constantemente avisado!), o professor se desloca para uma sala “interdita” a alunos, e estes vão para o recreio, não havendo espaço para a confraternização, tão característica da Escola da Ponte.

Quanto ao ensino, tenho a dizer que a adaptação não é de todo difícil, isto porque a vida é-nos facilitada pelo professor que, todas as noites, tem o trabalho de preparar as aulas de forma a que não possam restar dúvidas quanto à matéria lecionada. Desta forma, os alunos nada mais têm a fazer se não limitar-se a copiar o que o professor escreve no quadro e, como é óbvio, tentar compreender o que está a estudar. Caso sinta que gostaria de aprofundar o seu estudo, esta situação é-lhe negada, restando-lhe apenas duas opções: estudar por si próprio ou esperar pelo ano letivo seguinte! Isto nunca aconteceria na Escola da Ponte, uma vez que negar o aprofundamento do conhecimento não é, de todo, uma boa filosofia!

Um dos muitos aspectos positivos de ter estudado na Escola da Ponte (eu sei que estou a ser muito parcial, contudo depois de ter tido a graça de fazer parte de tão maravilhoso projeto, não posso deixar de vangloriá-lo!) é a autonomia que esta nos proporciona. Noto que, em relação aos meus colegas atuais, eu tenho mais facilidade em realizar trabalhos de grupo, estudar individualmente e, caso surja alguma dúvida, procurar resposta para ela, sem que para isso tenha de recorrer imediatamente ao professor, sendo, desta forma, muito menos dependente do mesmo, quando comparada com eles.

A maior diferença que sentimos é mesmo nos “testes”. Não pelo que são, mas pelo próprio nome. Só de o ouvir, os alunos “tremem por todos os cantos”! O problema reside no fato de estes se realizarem, quer os alunos estejam preparados, quer não.

Na Escola da Ponte, os “testes” denominam-se “avaliações” e são encarados de forma mais natural, sem tanto estresse, nem mesmo “pressão”. A estes não são atribuídas cotações, que são depois expostas, para que toda a escola tome conhecimento da inteligência e dificuldades de cada um...

A minha fase de adaptação ainda está no princípio, devido às saudades e dificuldades em aceitar que a Ponte apenas reside no meu coração. Quanto ao resto não há nada mais fácil, acredite!

Sempre todos os alunos estão a pesquisar algum tema? Ou seja, depois de 15 dias, acaba o tempo daquela pesquisa, então, logo em seguida, já começa outro? Como os temas são escolhidos? Como exemplo, nos conta sobre os dois ou três últimos temas que vocês pesquisaram.

Vocês utilizam bastante a Internet como fonte de pesquisa. Então, imagino que o acesso aos computadores seja bastante freqüente. Como é organizado o acesso, para que todos consigam utilizá-lo?

Ex-aluna:

É realmente uma pena não ter tido a oportunidade de ver com os seus próprios olhos o sonho tornar-se realidade, contudo tenho a esperança de um dia destes a ver visitar a escolinha que um dia foi minha!

Infelizmente, não vou poder responder à sua pergunta sobre os últimos temas que estudei, pois, por infortúnio meu já não estudo na Escola da Ponte. Porém tenho a certeza de que os meus colegas a poderão ajudar nesse campo.

Os temas a estudar têm um período mínimo 15 dias para serem cimentados e um “máximo” de 30, isto porque por muito cativante que objetivo seja, o seu estudo prolongado a um mês já leva consigo alguma preguiça...! Quando acabamos o estudo da “matéria” escolhida, logo outra nos é proposta, uma vez que nove meses de trabalho são muito pouco para tanta coisa nova a aprender.

Não sei se continua a ser assim, contudo os temas a aprender eram escolhidos pelos alunos, de acordo com os seus gostos e preferências em cada disciplina. Não obstante, todo o programa proposto tinha de ser estudado, a ordem é que era aleatória, de acordo com cada aluno.

A internet é, sem a menor das dúvidas, um instrumento essencial ao estudo, porque permite-nos estar sempre atualizados, e a área de busca de informações é muito mais ampla. Normalmente, pelo menos nos meus anos de Ponte, não havia qualquer critério a coordenar as idas ao computador; sempre que era necessária a sua utilização, bastava deslocar-nos ao computador, dar largas à curiosidade e pesquisar!

É realmente emocionante vê-la relatar, com paixão, sua passagem pela Ponte. Fico a imaginar que você, durante aqueles nove anos dourados, tinha horário para entrar sem, contudo, horário para sair da escola. Conte-nos um pouco sobre isso. Os alunos ficam à vontade para desenvolver pesquisas na Escola da Ponte fora do horário mínimo de atividades? Desejo-lhe felicidades nesta nova etapa de sua vida. E, se me permite, satisfaça-me ainda uma curiosidade: não te vem de vez em quando a idéia de, um dia, trabalhar nessa escola que tanto amas?

Ex-aluna:

Não fazia idéia de que conseguia transparecer a paixão que em mim mora pela escola da Ponte! Fico, contudo, muito contente por ver que o faço e que de certa forma está a ser bem apadrinhada por aqueles que lêem as minhas respostas. Acreditem que não são nada mais do que verdades. Porém, tenham também presente a idéia de que mesmo as rosas têm os seus espinhos!...

O meu grande problema desde sempre foi gostar em demasia da escola, não de qualquer uma, mas da Ponte! Os meus pais tiveram muitos problemas comigo no jardim infantil, pois a adaptação nunca chegou a acontecer realmente. Porém, assim que entrei na Escola da Ponte, o grande problema tornou-se a “desadaptação” à escola! Ansiava por entrar e desejava nunca sair!

A escola era quase uma casa, mas como não era uma casa, tinha horas para fechar... Contudo, nunca nos era negado o desenvolvimento de atividades escolares (pesquisas, trabalhos...) após o horário escolar “obrigatório”. Além do mais, a escola tinha projetos de atividades extracurriculares a serem desenvolvidos para aqueles cujos pais não tinham possibilidade de irem buscar os seus filhos à hora de término “das aulas”. Desta forma, a escola encontrava-se aberta e a possibilidade de ficar lá um pouco mais a saciar a curiosidade era-nos providenciada.

A idéia de trabalhar na escola da Ponte várias vezes ocupou o meu pensamento. Porém, a vida de professor no nosso país já teve melhores dias e, como o ensino não é de todo a minha vocação, deixo-o àqueles que, muito melhor do que eu, o praticam! Contudo, estarei sempre por perto, para apoiar em qualquer situação.

Gostaria que você me contasse um pouco sobre o clima de trabalho entre os alunos e Professores na escola da Ponte. Como são tratadas as regras se há discussões e brigas entre os alunos? Como os Professores trabalham essas questões?

Ex-aluna:

É com muito prazer que respondo à sua pergunta, pois tenho vindo a compreender que muitas pessoas pensam que a escola da Ponte, sendo diferente das outras, não “sofre” dos mesmos problemas com que várias instituições educacionais se deparam!

O clima na escola da Ponte entre alunos é igual ao clima vivenciado noutras escolas. Por estudarmos nesta escola “diferente” não deixamos de ser humanos e de termos os nossos problemas com aqueles que nos rodeiam. Sinceramente, nunca houve, pelo menos que eu me lembre, agressões entre alunos e penso que isso é explicável pelo fato de estarmos tão habituados a viver rodeados de regras por nós criadas e por estarmos mais do que cientes de que o respeito é a base da vida em comunidade. Além do mais, uma escola, cujos alunos defendem a igualdade e a comunicação como via de protesto, não deveria agir contra os seus princípios. Contudo há quem o deseje. Por isso, temos dispositivos como o “acho mal”, que nos lembra que há outras vias para resolvermos os nossos problemas. Quando escrevemos no “acho mal” o que achamos que não está correto, não só a nível da escola, como também no que diz respeito ao comportamento dos colegas, o problema é levado à Assembléia. E aí, em conjunto, chegamos a uma solução que agrada aos intervenientes. Caso o problema tome proporções indesejáveis, os professores intervêm, chamando-nos à razão. Ou, caso necessário, informam os nossos pais do ocorrido.

A relação aluno - professor é muito mais intensa na Escola da Ponte, uma vez que a proximidade é muito maior. Tal proximidade faz com que vejamos mais facilmente as qualidades e os defeitos de cada um, o que nos leva a gostarmos mais ou menos de alguém. Contudo, não a trocaria por nenhuma distância! É difícil explicar o clima de trabalho entre professores e alunos, uma vez que eu os via como amigos. Sei que isto deve parecer estranho, uma vez que é raro, quando freqüentamos uma escola de ensino tradicional, termos um

professor como um amigo. Não porque não tenham sentimentos, mas porque o pedestal em que se encontram não lhes permite familiaridades com os alunos. Embora a amizade exista entre professores e alunos na Ponte, o respeito está sempre presente!

Percebi em alguns relatos que, mesmo na Ponte, há algum tipo de cobrança sobre os alunos por parte dos professores. Este tipo de atitude não representaria uma ação contra a liberdade de escolha do aluno?

Para alunos e ex-alunos: Vocês já se encontraram diante de alguma situação em que sentiram falta de algum conhecimento, por não terem escolhido estudar aquele determinado assunto? Como se sentiram e como reagiram?

Como é ou era a Educação Física na Escola da Ponte, e o que você aprende ou aprendeu com esta área de conhecimento?

Ex-aluna:

Volto a repetir que todo o programa estipulado pelo Ministério tem de ser cumprido e, caso isso não aconteça (o que é muito comum em outras escolas), tem de ser estudado! Embora tenhamos a liberdade de escolher a ordem dos assuntos a estudar em determinada disciplina, todos os temas terão de ser aprendidos. Se não forem hoje, serão amanhã...

Pessoalmente, ainda não me deparei com situações em que os meus colegas, que freqüentaram uma escola diferente, tenham estudado algo que eu não havia estudado na Ponte. Contudo, é possível isso acontecer, assim como é normal ocorrer o contrário! O que se verifica mais é que muitos dos alunos que freqüentaram a escola da Ponte, aprofundaram um pouco mais os temas, o que não acontece muito nas escolas do ensino “tradicional”!

Quanto à sua questão sobre a Educação física, penso que o melhor é colocá-la aos professores, pois um deles poderá ser mais explícito do que eu quanto a esta matéria. Porém, posso desde já dizer-lhe que esta disciplina me ajudou a compreender o quão importante e divertido pode ser fazer desporto, além de nos mostrar também as vantagens de trabalho de grupo e de união de equipa! Todos estes ensinamentos são transportados para a vida real e trazem consigo o maior sentido de vida.

Não consigo entender muito bem, peço novamente desculpas, se sou daquelas alunas que ficam perguntando coisas óbvias no meio da aula, mas aí vai: Ainda não está claro para mim o dia a dia dos alunos e professores na escola. Entendo que existem tarefas a serem feitas, que existem conteúdos a serem estudados, mas às vezes me parece tão autônomo, que não precisariam de professores. Por exemplo, existem "aulas" como conhecemos aqui? Ou são apenas horários de tirar dúvidas com os professores? Quais são os momentos em que o professor ou tutor é requisitado? Isto pode acontecer em qualquer horário do dia? Um mesmo professor pode atender a vários grupos, ou não? Tenho muitas dúvidas... É muita coisa para aprender e desaprender... E como é difícil para quem nasceu dentro de um sistema tão fechado como o que eu estudei!

Ex-aluna:

As perguntas óbvias de uns ajudam a dar resposta àqueles que, por pensarem que irão fazer “má figura”, guardam para si tais questões. Não tenha receio de perguntar, pois estamos aqui para responder a tudo!

Na verdade as “aulas”, como são aí conhecidas, existem também na Escola da Ponte e acontecem quando um elevado número de alunos mostra ter dificuldades numa mesma matéria. O professor dessa disciplina organiza uma “Aula direta” (é esse o nome dado na escola da Ponte), em que participam todos os alunos que inscreveram no dispositivo “Eu preciso de ajuda” o tema em que apresentam dúvidas.

Quanto ao professor tutor, este pode ser requisitado pelo aluno em qualquer momento do dia, embora haja uma reunião semanal com todos os tutorados, para pôr em dia o trabalho realizado até então. Um professor tutor tem cerca de 8 a 12 tutorados.

Quanto à sua pergunta sobre um professor atender vários grupos, isso é verdade! Os professores na escola da Ponte estão “espalhados” pelo espaço de trabalho e atendem um aluno assim que ele pede ajuda (levantando o braço). Todos os professores trabalham com todos os grupos, não havendo distinção entre uns e outros.

Gostaria que nos fizesse um resumo do processo da Assembléia realizado com os alunos.

Ex-aluna:

É com muito prazer e orgulho que posso afirmar que estive diretamente ligada com a Mesa de Assembléia durante a minha passagem por esta escola da vida. Pertencer à Mesa (ou à Comissão de Ajuda) é um cargo muito importante e responsável, pois temos em nossas mãos a voz de todos os alunos da escola. Peço desculpa se estou a fugir à pergunta colocada, mas achei importante referir este aspecto.

Respondendo à sua questão, aqui vai o relato de todo o processo que é realizado pela Mesa de Assembléia.

Todas as semanas (às segundas-feiras), um dos elementos da Mesa percorre todos os espaços da escola a pedir assuntos aos alunos, para os "discutir" na Assembléia dessa semana. Os assuntos vão desde problemas da escola à partilha de pesquisas ou interesses. No dia seguinte, a Mesa de Assembléia toda se reúne para preparar a carta de convocação para a reunião seguinte e a ata da última reunião.

Nas quintas-feiras, realizam-se debates de preparação por todos os espaços, para garantir que não existem mais dúvidas relacionadas com a carta de convocação. Por fim, à Sexta-feira da parte de tarde, todos os alunos, professores, funcionários, pais e visitas reúnem para discutir os assuntos propostos.

Na semana seguinte, todo o processo volta a realizar-se.

Minha pergunta se dirige a quaisquer de vocês (eventualmente os próprios) que tenham notícia sobre ex-alunos da Escola da Ponte que já ingressaram no mercado de trabalho. Que exemplos de perspectivas de convivência criadora, coletiva e transformadora se pode avaliar que estes alunos levaram aos grupos de trabalho que passaram a integrar, depois de deixarem a Ponte e seguirem sua trajetória académica e ingressarem no mercado de trabalho?

Professor:

Não há muitos estudos disponíveis neste âmbito. Apenas poderei dizer que, sobretudo nos primeiros anos do projeto (1976-1981), foram muitos os alunos que, estando condenados ao insucesso, foram "resgatados" pelo novo modo de fazer escola. Eram alunos "desmotivados", pois recusavam a acumulação cognitiva e não haviam beneficiado de oportunidades de se desenvolver em outros domínios. A esses alunos foi dada a possibilidade de manifestarem outros dons (sem deixarem de aprender as matemáticas e as gramáticas...). As dinâmicas introduzidas pelo projeto proporcionaram-lhes a elevação da auto-estima e a manifestação de competências tradicionalmente ostracizadas pelas escolas.

Estão, hoje, nos 40 anos de idade. Recordo-me do Pedro, que não gostava de escrever, mas que desenvolveu estratégias de resolução de problemas e um apurado sentido de responsabilidade individual pelo coletivo, que fizeram dele um empresário bem sucedido e um cidadão ao serviço da cidade. Hoje, dirige os bombeiros da vila e é chefe dos escoteiros. Poderia falar do Zé Gonçalves, que não nutria o mínimo interesse pelos problemas da matemática (abstrata), dado que a anterior experiência escolar desprezou a sua capacidade de resolver problemas concretos. Hoje, é conhecido na cidade, por ser um especialista em mecânica e eletricidade, sendo procurado quando outras oficinas não conseguem resolver os problemas dos seus clientes. Poderia referir muitos outros casos (de intervenção política, de exemplo de profissionalismo em diferentes áreas de atividade), mas não quero ser mais vaidoso do que já fui...

Gostei da sua descrição de um dia na Ponte e fiquei curiosa. Você diz: "Todos os dias de manhã planificávamos o nosso estudo, ou seja, escolhíamos as disciplinas que iríamos trabalhar durante o dia." Ao escolher, por exemplo, a disciplina de Geografia, quem define o conteúdo/assunto/tema que irão estudar no dia? Vocês trabalham com projetos? De quem é o projeto, ou seja, quem define o que vai estudar, as estratégias?

Você também diz que: "No grupo, cada um trabalhava ao seu ritmo e todos tinham objetivos diferentes para atingir". Esses objetivos são definidos por quem?

Ex-aluna:

Fico contente por saber que posso ajudar. No que diz respeito às suas dúvidas espero poder ajudá-la a compreender melhor o funcionamento da Ponte.

Nós temos uma lista de objetivos a cumprir durante o ano, em cada disciplina. Quando passamos um objetivo, escolhemos imediatamente outro da lista. Escolhemos quais os assuntos que iremos estudar em cada disciplina. Somos também aconselhados pelos professores, mas, no geral, somos nós que escolhemos o que iremos estudar.

Trabalhamos com o projeto que é escolhido pelo grupo. Todas as estratégias são também escolhidas por nós. Claro que o projeto é escolhido de acordo com os nossos objetivos. Somos nós que escolhemos os nossos objetivos, seguindo uma lista de objetivos que temos de atingir durante o ano.

Quero agradecer por ter descrito seu dia-a-dia na Ponte. Quando você saiu?

Você está para fazer faculdade? A Ponte te preparou em termos de conhecimento científico das disciplinas?

Ex-aluna:

Não tem que agradecer. Fico feliz por poder responder às vossas dúvidas.

Saí da Ponte no ano que passou, ou seja, este é o meu primeiro ano fora da Escola da Ponte.

Quero fazer a faculdade. E a Ponte preparou-me bem preparada. Acho que fez um bom trabalho. Admito que não foi fácil adaptar-me aos métodos de ensino da minha nova escola, mas quanto às disciplinas não me posso queixar. Não tenho sentido dificuldade em compreender a matéria e acompanhar as aulas.

Quantos anos tens? Com quem e onde moras? Quem quis te matricular na escola da Ponte e por quê? Há quanto tempo saíste da Escola da Ponte? Por quanto tempo estudaste lá? Se estavas em outra escola antes,

qual a diferença que sentiste? O que tu fazes hoje? Ainda estudas? Onde? Quais os teus planos futuros? A Escola da Ponte colaborou no desenrolar dos teus sonhos? De que forma? Conta uma situação ruim porque passaste na escola da Ponte e como a solucionaste. Conta uma boa situação, seu envolvimento e conseqüências. Fala um pouco sobre ti mesma.

Ex-aluna:

Eu tenho 15 anos, moro em Vila das Aves com os meus pais.

A decisão de estudar na Escola da Ponte foi tomada pelos meus pais. Não foi uma decisão fácil, uma vez que tinha tido uma má adaptação ao jardim infantil e os meus pais temiam que o mesmo acontecesse na escola. O fato de as minhas primas terem estudado na Ponte e de esta ter um ensino inovador, que defendia a autonomia, a participação dos alunos nas decisões da escola, a valorização dos direitos e deveres cívicos, assim como da responsabilidade, foram aspectos que muito influenciaram a decisão dos meus pais.

A minha adaptação a esta escola foi rápida e muito fácil! Eu apenas chorava quando tinha de vir embora...

Durante 9 anos estudei na Escola da Ponte e fui "obrigada" a sair de lá, uma vez que o ensino não tinha continuidade no secundário (ensino médio). Atualmente, estudo na Escola Secundária de Caldas de Vizela. Frequento o décimo ano do curso de Ciências e Tecnologias, esperando um dia entrar para o curso de Medicina, de forma a poder vir a ser uma boa cirurgiã.

A Escola da Ponte fez-me acreditar que a realização dos sonhos é possível e que, para isso, basta lutar. O fato de me ter acompanhado ao longo de todos estes anos ajudou a crescer a criança que em mim existia e continua a existir, não só a nível intelectual, como a nível psicológico.

Todos os momentos vividos na Escola da Ponte são bons, maravilhosos, pois cada dia há algo de novo a registrar... Penso que a melhor foi numa assembleia em que festejávamos o dia da Liberdade (25 de Abril). Nessa assembleia várias pessoas falaram do tempo da opressão e da ditadura, assim como dos sentimentos que os levaram à revolta de forma a alcançarem a tão desejada liberdade. Após esta partilha, o Professor Zé pegou na sua viola e,

todos juntos, cantamos hinos à liberdade, canções que tinham, de certa forma, marcado a sua vida. Enfim... foi lindo!

O momento mau também existiu, quando tive de lutar pela escola que freqüentava e pela sua permanência! Havia pessoas que desejavam destruí-la, porém, todos juntos, conseguimos permitir às gerações vindouras desfrutar das qualidades desta escola, através de abaixo-assinados, reuniões, cartas...

Quanto a mim, pouco há a dizer. Penso ser uma pessoa que traz os ensinamentos da Ponte bem presentes e que ambiciona fazer deste mundo um local um pouco melhor para habitar!

Cada escola estabelece as suas “Pontes”

Gostaria de saber se vocês acham que é possível que nós, professores em escolas tradicionais ("linhas de produção", como diz Rubem Alves) podemos mudar nossa ação em sala de aula, aproximando-nos do ensino democrático. Isso seria um desrespeito ao método tradicional da grande maioria das nossas escolas?

Educadora brasileira:

Acreditar que é possível uma escola pública estatal democrática, diferente e de qualidade social é o que me faz permanecer em educação. É o objeto mobilizador para a construção de uma tese de doutorado, que subtrai horas do convívio das pessoas que amo, que me fez deixar o Brasil por seis meses e enfrentar o frio inverno de Portugal. É o que me faz levar horas envolvida em perguntas e respostas dos colegas.

Acredito que é possível mudarmos e contagiarmos outros colegas para a mudança, mas isso precisa constar em nosso projeto de vida, para querermos criar raízes numa escola e construirmos uma prática que faça a diferença. Precisamos ser ousados, coerentes, persistentes, envolventes, resilientes, autores, protagonistas do nosso próprio tempo e isso somente poderemos construir, arregaçando as mangas para fazer sem esperar pelo outro que está do lado, imobilizado pela mediocridade.

A Ponte não seria a Ponte sem o João, a Maria e o Francisco. Afinal de contas, trata-se de uma obra construída por muitas pessoas. Seguramente, não seria o que é sem o seu incansável idealizador, que segurou/segura a bandeira até hoje. Quem dera termos a sua persistência, ousadia, determinação, resiliência, certeza do projeto educacional que desejava e deseja. Nada de clone, mas nos embriagarmos do seu compromisso social.

Penso assim e vou sonhar que uma outra escola é possível, Aqui mesmo, no Brasil. Espero que brevemente...

Educadora brasileira:

Compartilho sua inquietação. Mas acredito que o grande desrespeito é não tornarmos as nossas escolas um ambiente democrático, um ambiente onde todos são responsáveis com o direito de resolver seus conflitos de maneira participativa. Precisamos pensar em uma escola que evita o autoritarismo, uma escola que acredita que o aluno tem que tomar decisões e pode planejar.

Precisamos pensar nos princípios da democracia dentro da escola, o princípio da equidade, da igualdade, o direito de ser diferente. Sei que não é fácil! Mas é perfeitamente possível. Precisamos estudar o que é ensinar para a democracia, o que é promover vivências política no ambiente escolar. Ensinar "na cidadania" e não "para a cidadania". Acho que tudo começa com pequenas sementes. A Ponte lança sementes. Podemos começar na relação com um aluno, depois com toda a turma e depois com toda a escola, ou até mesmo o contrário, já não sei... O importante é começar!

A escola tradicional precisa pensar qual a sua concepção de aprendizagem. Qual o papel do aluno e das relações que estabelece? As respostas para essas questões já podem indicar os caminhos...

Autores das respostas: Adelina Monteiro, Ana Moreira, Anabela Paulo, Catarina Rocha, Catarina Silva, Cláudia Pinto, Claudia Santa Rosa, Constança Miranda, Cristiana Almeida, Cristiano Silva, Diana Gonçalves, Eugénia Tavares, Filipe Correia, Filipe Lopes, Francisca Monteiro, Geraldo Castro, José Pacheco, Manuel Carlos, Paulo Topa, Pedro Arsénio, Regina Monteiro, Rita Alves, Rita Cardoso, Thais Almeida e Wilson Azevedo.

Anexos

PROJECTO EDUCATIVO “FAZER A PONTE”

PRINCÍPIOS FUNDADORES

I - SOBRE OS VALORES MATRICIAIS DO PROJECTO

1- Uma equipe coesa e solidária e uma intencionalidade educativa claramente reconhecida e assumida por todos (alunos, pais, profissionais de educação e demais agentes educativos) são os principais ingredientes de um projecto capaz de sustentar uma ação educativa coerente e eficaz.

2- A intencionalidade educativa que serve de referencial ao projecto Fazer a Ponte orienta-se no sentido da formação de pessoas e cidadãos cada vez mais cultos, autónomos, responsáveis e solidários e democraticamente comprometidos na construção de um destino colectivo e de um projecto de sociedade que potenciem a afirmação das mais nobres e elevadas qualidades de cada ser humano.

3- A Escola não é uma mera soma de parceiros hieraticamente justapostos, recursos quase sempre precários e actividades ritualizadas – é uma formação social em interacção com o meio envolvente e outras formações sociais e em que permanentemente convergem processos de mudança desejada e reflectida.

4- A intencionalidade educativa do Projecto impregna coerentemente as práticas organizacionais e relacionais da Escola, que reflectirão também os valores matriciais que inspiram e orientam o Projecto, a saber, os valores da autonomia, solidariedade, responsabilidade e democraticidade.

5- A Escola reconhece aos pais o direito indeclinável de escolha do projecto educativo que considerem mais apropriado à formação dos seus filhos e, simultaneamente, arroga-se o direito de propor à sociedade e aos pais interessados o projecto educativo que julgue mais adequado à formação integral dos seus alunos.

6- O Projecto Educativo, enquanto referencial de pensamento e acção de uma comunidade que se revê em determinados princípios e objectivos educacionais, baliza e orienta a intervenção de todos os agentes e parceiros na vida da Escola e ilumina o posicionamento desta face à administração educativa.

II - SOBRE ALUNOS E CURRÍCULO

7- Como cada ser humano é único e irrepetível, a experiência de escolarização e o trajeto de desenvolvimento de cada aluno são também únicos e irrepetíveis.

8- O aluno, como ser em permanente desenvolvimento, deve ver valorizada a construção da sua identidade pessoal, assente nos valores de iniciativa, criatividade e responsabilidade.

9- As necessidades individuais e específicas de cada educando deverão ser atendidas singularmente, já que as características singulares de cada aluno implicam formas próprias de apreensão da realidade. Neste sentido, todo o aluno tem necessidades educativas especiais, manifestando-se em formas de aprendizagem sociais e cognitivas diversas.

10- Prestar atenção ao aluno tal qual ele é; reconhecê-lo no que o torna único e irrepetível, recebendo-o na sua complexidade; tentar descobrir e valorizar a cultura de que é portador; ajudá-lo a descobrir-se e a ser ele próprio em equilibrada interação com os outros - são atitudes fundadoras do acto educativo e as únicas verdadeiramente indutoras da necessidade e do desejo de aprendizagem.

11- Na sua dupla dimensão individual e social, o percurso educativo de cada aluno supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e o relacionamento solidário com os outros.

12- A singularidade do percurso educativo de cada aluno supõe a apropriação individual (subjativa) do currículo, tutelada e avaliada pelos orientadores educativos.

13- Considera-se como currículo o conjunto de atitudes e competências que, ao longo do seu percurso escolar, e de acordo com as suas potencialidades, os alunos deverão adquirir e desenvolver.

14- O conceito de currículo é entendido numa dupla dimensão, conforme a sua exterioridade ou interioridade relativamente a cada aluno: o currículo exterior ou objetivo é um perfil, um horizonte de realização, uma meta; o currículo interior ou subjativo é um percurso (único) de desenvolvimento pessoal, um caminho, um trajeto. Só o currículo subjativo (o conjunto de aquisições de cada aluno) está em condições de validar a pertinência do currículo objectivo.

15- Fundado no currículo nacional, o currículo objetivo é o referencial de aprendizagens e realização pessoal que decorre do Projeto Educativo da Escola.

16- Na sua projeção eminentemente disciplinar, o currículo objetivo organiza-se em cinco dimensões fundamentais: linguística, lógico-matemática, naturalista, identitária e artística.

17- Não pode igualmente ser descurado o desenvolvimento afectivo e emocional dos alunos, ou ignorada a necessidade da educação de atitudes com referência ao quadro de valores subjacente ao Projecto Educativo.

III - SOBRE A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO E DAS APRENDIZAGENS

18- Todo o conhecimento verdadeiramente significativo é autoconhecimento, pelo que se impõe que seja construído pela própria pessoa a partir da experiência. A aprendizagem é um processo social em que os alunos, heurísticamente, constroem significados a partir da experiência.

19- Valorizar-se-ão as aprendizagens significativas numa perspectiva interdisciplinar e holística do conhecimento, estimulando-se permanentemente a percepção, a caracterização e a solução de problemas, de modo a que o aluno trabalhe conceitos de uma forma consistente e continuada, reelaborando-os em estruturas cognitivas cada vez mais complexas.

20- É indispensável a concretização de um ensino individualizado e diferenciado, referido a uma mesma plataforma curricular para todos os alunos, mas desenvolvida de modo diferente por cada um, pois todos os alunos são diferentes. Os conteúdos a apreender deverão estar muito próximos da estrutura cognitiva dos alunos, bem assim como dos seus interesses e expectativas de conhecimento.

21- A essencialidade de qualquer saber ou objectivo concreto de aprendizagem deverá ser aferida pela sua relevância para apoiar a aquisição e o desenvolvimento das competências e atitudes verdadeiramente estruturantes da formação do indivíduo; a tradução mecânica e compartimentada dos programas das áreas ou disciplinas curriculares em listas inarticuladas de conteúdos ou objectivos avulsos de aprendizagem não conduz à valorização dessa essencialidade.

22- O envolvimento dos alunos em diferentes contextos sócio-educativos e a complementaridade entre situações formais e informais favorecem a identificação de realidades que frequentemente escapam às práticas tradicionais de escolarização e ensino.

23- A avaliação, como processo regulador das aprendizagens, orienta construtivamente o percurso escolar de cada aluno, permitindo-lhe em cada momento tomar consciência, pela positiva, do que já sabe e do que já é capaz.

24- Acompanhar o percurso do aluno na construção do seu projeto de vida, tendo consciência da singularidade que lhe é inerente, impõe uma gestão individualizada do seu percurso de aprendizagem. A diversidade de percursos possíveis deverá, no entanto, acautelar o desenvolvimento sustentado do raciocínio lógico matemático e das competências de leitura, interpretação, expressão e comunicação, nas suas diversas vertentes, assim como a progressiva consolidação de todas as atitudes que consubstanciam o perfil do indivíduo desenhado e ambicionado neste projeto educativo.

IV - SOBRE OS ORIENTADORES EDUCATIVOS

25- Urge clarificar o papel do profissional de educação na Escola, quer enquanto orientador educativo, quer enquanto promotor e recurso de aprendizagem; na base desta clarificação, supõe-se a necessidade de abandonar criticamente conceitos que o pensamento pedagógico e a praxis da

Escola tornaram obsoletos, de que é exemplo o conceito de docência, e designações (como a de educador de infância ou professor) que expressam mal a natureza e a complexidade das funções reconhecidas aos orientadores educativos.

26- Para que seja assegurada a perenidade do projecto e o seu aprofundamento e aperfeiçoamento, é indispensável que, a par da identificação de dificuldades de aprendizagem nos alunos, todos os orientadores educativos reconheçam e procurem ultrapassar as suas dificuldades de ensino ou relação pedagógica.

27- O orientador educativo não pode ser mais entendido como um prático da docência, ou seja, um profissional enredado numa lógica instrutiva centrada em práticas tradicionais de ensino, que dirige o acesso dos alunos a um conhecimento codificado e predeterminado.

28- O orientador educativo é, essencialmente, um promotor de educação, na medida em que é chamado a participar na concretização do Projeto Educativo da Escola, a co-orientar o percurso educativo de cada aluno e a apoiar os seus processos de aprendizagem.

29- A formação inicial e não-inicial dos orientadores educativos deve acontecer em contexto de trabalho, articulando-se a Escola, para esse efeito, com outras instituições.

30- Os orientadores educativos que integram a equipe de projeto são solidariamente responsáveis por todas as decisões tomadas e devem adaptar-se às características do projeto, sendo avaliados anualmente em função do perfil anexo.

31- A vinculação dos orientadores educativos ao Projeto, que se pretende estável e contratualizada, deverá sempre ser precedida de um período probatório.

V - SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

32- A organização do trabalho na escola gravitará em torno do aluno, devendo estar sempre presente no desenvolvimento das actividades a ideia de que se impõe ajudar cada educando a alicerçar o seu próprio projecto de vida. Só assim a escola poderá contribuir para que cada aluno aprenda a estar, a ser, a conhecer e a agir.

33- A dimensão do estar será sempre garantida pela integração do indivíduo na comunidade educativa onde conhece e é conhecido por todos os pares, orientadores e demais agentes educativos. Os alunos e os professores deverão contratualizar as estratégias necessárias ao desenvolvimento do trabalho em planos de periodicidade conveniente, assim como ser co-responsáveis pela avaliação do trabalho realizado.

34- A especificidade e diversidade dos percursos de aprendizagem dos alunos exigem a mobilização e consequente disponibilização de materiais de trabalho e orientadores educativos capazes de lhes oferecer respostas adequadas e efectivamente especializadas. Assim, não tendo sentido unificar o que à partida é diverso, impõe-se questionar a opção por um único manual, igual para todos, as respostas padronizadas e generalistas pouco fundamentadas e também a criação de guetos, nos quais se encurralam aqueles que, por juízo de alguém, são diferentes.

35- A dificuldade de gestão de variados percursos individualizados de aprendizagem implica uma reflexão crítica sobre o currículo a objectivar, que

conduza à explicitação dos saberes e das atitudes estruturantes essenciais ao desenvolvimento de competências. Este currículo objectivo, cruzado com metodologias próximas do paradigma construtivista, induzirá o desenvolvimento de muitas outras competências, atitudes e objectivos que tenderão, necessariamente, a qualificar o percurso educativo dos alunos.

36- As propostas de trabalho a apresentar aos alunos tenderão a usar a metodologia de trabalho de projecto. Neste sentido, a definição do currículo objectivo reveste-se de um carácter dinâmico e carece de um permanente trabalho reflexivo por parte da equipe de orientadores educativos, de modo a que seja possível, em tempo útil, preparar recursos e materiais facilitadores da aquisição de saberes e o desenvolvimento das competências essenciais.

37- O percurso de aprendizagem do aluno, a avaliação do seu trabalho, assim como os documentos mais relevantes por ele realizados, constarão do processo individual do aluno. Este documento tentará evidenciar a evolução do aluno nas diversas dimensões do seu percurso escolar.

38- O trabalho do aluno é supervisionado permanentemente por um orientador educativo, ao qual é atribuído a função de tutor do aluno. O tutor assume um papel mediador entre o encarregado de educação e a escola. O encarregado de educação poderá em qualquer momento agendar um encontro com o professor tutor do seu educando.

VI - SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

39- A Escola organiza-se nos termos do seu Regulamento Interno, de acordo com os seguintes pressupostos:

a) Os pais/encarregados de educação que escolhem a Escola e adoptam o seu Projecto, comprometendo-se a defendê-lo e a promovê-lo, são a fonte principal de legitimação do próprio Projecto e de regulação da estrutura organizacional que dele decorre, devendo o Regulamento Interno reconhecer aos seus representantes uma participação determinante nos processos de tomada de todas as decisões com impacto estratégico no futuro do Projecto e da Escola.

- b) Os órgãos da Escola serão constituídos numa lógica predominantemente pedagógica de afirmação e consolidação do Projecto e não de representação corporativa de quaisquer sectores ou interesses profissionais.
- c) Na organização, administração e gestão da Escola, os critérios científicos e pedagógicos deverão prevalecer sempre sobre quaisquer critérios de natureza administrativa ou outra que claramente não se compatibilizem com o Projecto e as práticas educativas ou organizacionais que dele decorrem.
- d) A vinculação à Escola dos Pais/Encarregados de Educação e dos Educadores Educativos far-se-á na base de um claro compromisso de adesão ao Projecto e será balizado por este.
- e) Os alunos, através de dispositivos de intervenção directa, serão responsabilmente implicados na gestão corrente das instalações e dos recursos materiais disponíveis e, nos termos do Regulamento Interno, tomarão decisões com impacto na organização e no desenvolvimento das actividades escolares.

40- Ainda que o alargamento do Projecto ao segundo e terceiro ciclos do ensino básico possa implicar, por razões de eficácia e operacionalidade, a sua sub-divisão em núcleos dotados da necessária autonomia, que poderão inclusivamente funcionar em espaços distintos e integrados noutras escolas, a unidade e coerência do Projecto deverão ser sempre salvaguardadas, garantindo-se designadamente:

- a) A existência de um Coordenador Geral de Projecto, que assegure a permanente articulação entre os núcleos.
- b) A instituição de um Conselho de Projecto, que assegure a democraticidade e colegialidade das decisões da equipe de orientadores educativos da Escola.
- c) A representação de todos os núcleos, através dos respectivos coordenadores, no Conselho de Gestão e no Conselho de Direcção.
- d) A existência de uma única Assembleia de Alunos.

PERFIL DO ORIENTADOR EDUCATIVO

1- RELATIVAMENTE À ESCOLA E AO PROJECTO

- a) Cumpre com pontualidade as suas tarefas, não fazendo esperar os outros.
- b) É assíduo e, se obrigado a faltar, procura alertar previamente a Escola para a sua ausência.
- c) Revela motivação e disponibilidade para trabalhar na Escola.
- d) Contribui, ativa e construtivamente, para a resolução de conflitos.
- e) Contribui ativa e construtivamente para a tomada de decisões
- f) Toma iniciativas adequadas às situações.
- g) Alia, no desempenho das suas tarefas, a criatividade à complexidade, originalidade e coerência.
- h) Apresenta propostas, busca consensos, critica construtivamente.
- i) Produz ou propõe inovações.
- j) Procura harmonizar os interesses da Escola e do Projeto com os seus interesses individuais.
- k) Age de uma forma autónoma, responsável e solidária.
- l) Procura fundar no Projeto os juízos e opiniões que emite.
- m) Domina os princípios e utiliza corretamente a metodologia de Trabalho de Projeto.
- n) Assume as suas falhas, evitando imputar aos outros ou ao coletivo as suas próprias incapacidades.
- o) Procura dar o exemplo de uma correta e ponderada utilização dos recursos disponíveis.

2- RELATIVAMENTE AOS COLEGAS

- a) Está atento às necessidades dos colegas e presta-lhes ajuda, quando oportuno.
- b) Pede ajuda aos colegas quando tem dúvidas sobre como agir.
- c) Permite que os colegas o(a) ajudem quando precisa.
- d) Mantém com os colegas uma relação atenciosa, crítica e fraterna.
- e) Reconhece e aceita criticamente diferentes pontos de vista, procurando ter sempre o Projeto como referência inspiradora.
- f) Procura articular a sua ação com os demais colegas.
- g) Apoia ativamente os colegas na resolução de conflitos.

3- RELATIVAMENTE AOS ALUNOS

- a) Mantém com os alunos uma relação carinhosa.
- b) Procura ajudar os alunos a conhecer e a cumprir as regras da Escola.
- c) Procura ser firme com os alunos, sem cair no autoritarismo.
- d) Procura tomar atitudes em sintonia com o coletivo.
- e) Procura acompanhar de muito perto e orientar o percurso educativo dos seus tutorados.

Retirado do documento de reflexão interna que foi produzido quando a escola passou a ter o 2º Ciclo do Ensino Básico (2001)².

Inventário de dispositivos

Luísa Cortesão (1996) citada em Araújo (1999:71) define “dispositivos pedagógicos” como “estratégias e materiais a que se pode recorrer na prática educativa, concebidos criticamente e elaborados como propostas educativas adequadas às características socioculturais identificadas pelos professores como estando presentes no grupo de alunos com que trabalham (...) por serem extremamente úteis na conquista de aprendizagens curriculares (...) procuram também valorizar aos próprios olhos a sua imagem e a do grupo a que pertencem”.

Na Escola da Ponte, o conceito de dispositivo pedagógico ultrapassa o nível das estratégias e materiais, agrega suportes de uma cultura organizacional enquadrada num projecto educativo específico, não se limitando ao domínio do desenvolvimento curricular.

Uma das dificuldades colocadas a este trabalho de auto-avaliação consistiu no facto de não serem conhecidos processos de avaliação de projectos com as mesmas características ou com componentes afins do projecto da escola da Ponte. Os estudos que poderiam constituir-se em referências têm por objecto práticas educativas no contexto de sala de aula nas quais predomina uma organização do trabalho escolar quase exclusivamente assente numa perspectiva de ensino. Ainda que os estudos não o explicitem, os espaços educativos onde decorrem essas investigações caracterizam-se por essa lógica e pela manutenção de uma organização “tradicional”. Isto é, assentam numa racionalidade de organização do trabalho escolar e numa gestão do currículo que mantêm inquestionada a divisão tradicional dos tempos e espaços lectivos, a tradicional subdivisão dos alunos em ciclos, anos de escolaridade, turmas...

Neste quadro, a definição de dispositivo pedagógico fica condicionada aos limites que as práticas investigadas estabelecem e que pouco ou nada têm de comum com as práticas desenvolvidas nesta escola.

² <http://www.escoladaponte.com.pt/documentos/escola%20da%20ponte-25%20anos.pdf>

Assim, no quadro do presente estudo, o dispositivo pedagógico será entendido como suporte de uma cultura organizacional específica, sendo considerado nessa qualidade toda e qualquer manifestação (identificada como rotina, estratégia, material, recurso...) que contribua para a produção, reprodução e transformação da cultura predominante numa determinada comunidade educativa.

Listagem de dispositivos pedagógicos

1. Eu já sei	2. Preciso de ajuda
3. Acho bem	4. Acho mal
5. Acho mal/acho bem	6. Caixinha dos segredos
7. Jornal	8. Computador
9. Computador e audio-visual	10. Aula directa
11. Assembleia	12. Eleição de Assembleia
13. Convocatória (assembleia)	14. Actas (assembleia)
15. Debate	16. Plano do dia
17. Plano da quinzena	18. Planos do aluno/individual
19. Plano dos objectivos	20. Registo de presenças
21. Cartaz dos aniversários	22. Mapa das responsabilidades
23. Grelha de jogos das perguntas	24. Jogo das perguntas
25. Comissão de ajuda	26. Registos de avaliação
27. Registos de avaliação	28. (Processos e percursos individuais)
29. Cartaz da correspondência	30. Jornal de parede
31. Grupo (trabalho de)	32. Responsabilidades do grupo
33. Caderno de recados	34. Grelha de aulas directas
35. Grelha dos objectivos	36. Material didáctico (matemática e outros jogos)
37. Bibliografias individuais e colectivas	38. Clube dos leitores
39. Placares expositivos e informativos / murais	40. Planificação quinzenal dos professores
41. Registos escritos: frases, palavras, avisos, frases afixadas nos placares	42. Correspondência /e.mail (enviada/recebida)
43. Registo dos projectos	44. Registo trabalhos da quinzena
45. Registo da consulta para pesquisa	46. Livro da "vida"
47. Biblioteca	48. Projecto de escola
49. Auto-avaliação	50. Direitos e deveres
51. Plano dos objectivos	52. Avaliação
53. Jogos	54. Responsabilidades/ Reuniões de pais
55. Reuniões de professores	56. "tutoria" de alunos (prof.)
57. Relatórios	58. Visitas de estudo
59. Pedir a palavra	60. Música nos espaços
61. Avaliação (registos, fichas, quadro – ind.-/colectivo)	62. Distribuição responsabilidades projectos
63. Clube dos limpinhos	64. Terrário
65. Texto livre	66. Equipa de projecto
67. Auto-avaliação e comunicações	68. Associação de pais
69. Trabalho de pesquisa	70. Cacifos
71. Perdidos e achados	72. Plano eco-escolas
73. Lista dos problemas da escola e da vila	74. Agrupamento de escolas

Caracterização dos dispositivos

Função	Dispositivo
Suportes de organização do trabalho escolar	Escola de <i>área aberta</i>
	Assembleia de escola: Mesa da Assembleia Comissão de ajuda Plenário Conselho “eco-escolas” “Clube dos Limpinhos”
	Trabalho cooperativo em grupo heterogéneo de alunos
	Trabalho cooperativo em equipa de professores
	Projecto Educativo
	Agrupamento de Escolas
Relação escola-comunidade	Associação de pais
	Contactos com pais: Reuniões de Sábado Caderno de recados Atendimento diário e tutoria
	Parcerias
Gestão integrada e flexível do currículo (rotinas)	Debate: Ler para os outros, Novidades e jornal diário, Discussão de um assunto
	Aula directa: Solicitada pelos alunos, Estabelecida pelos professores
	Tarefas e responsabilidades: Individuais, De grupo
	Regras elementares: Pedido de palavra, Trabalho “com categoria”
	Visita de estudo
	Gestão dos cacifos
Gestão integrada e flexível do currículo (instrumentos)	Núcleo documental: Biblioteca de pesquisa (manuais, livros temáticos, enciclopédias, etc.) Rede de computadores
	Registos de auto-planificação dos alunos: Plano Quinzenal, Plano diário
	Planos dos professores
	Registos de auto-avaliação: “Eu já sei”
	Ficha de avaliação formativa
	Ficha de informação
	Capa de arquivo dos trabalhos
	Pedido de ajuda: “Preciso de ajuda”
	Jornal escolar: Jornal de parede, Jornal em papel, Jornal em suporte informático
	Registo de disponibilidade
	“Acho bem, acho mal”
	Bibliografias
	Listagem de direitos e deveres
	Caixa dos Segredos
	Documentos da Assembleia: Convocatórias, Actas, Outros (relatório, manifesto etc.)
	Equipamento áudio e visual
Gestão integrada e flexível do currículo (instrumentos)	Grelha de objectivos (currículo nacional)
	Registo de presenças
	Cartaz dos aniversários
	Mapa de responsabilidades
	Cartaz da correspondência: Cartas, Correio electrónico
	Núcleo de experiências: Terrário, Viveiro do bicho-da-seda
	Mural de avisos e recomendações
	Mural do “jogo das perguntas”
	Cartazes de preparar projectos
	Registo de pesquisa
	“Livro da vida”
	Música ambiente
	“Perdidos e achados”
	“Folhas de rascunho”
	“Textos inventados”
Actividades de complemento curricular	Clube dos leitores
	Oficina dos computadores
	Jogos educativos